



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
MESTRADO DE SOCIOLOGIA

**“RESISTINDO, CONCILIANDO E VIVENDO”
O QUOTIDIANO DOS MORADORES DA PERIFERIA DE FORTALEZA**

João Lúcio Farias de Oliveira

**FORTALEZA - CEARÁ
1997**

“RESISTINDO, CONCILIANDO E VIVENDO”
O QUOTIDIANO DOS MORADORES DA PERIFERIA DE FORTALEZA

João Lúcio Farias de Oliveira

Dissertação apresentada a Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Irllys Alencar Firmo Barreira

Fortaleza-Ceará

1997

JOÃO LÚCIO FARIAS DE OLIVEIRA

“RESISTINDO, CONCILIANDO E VIVENDO”
O QUOTIDIANO DOS MORADORES DA PERIFERIA DE
FORTALEZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovada em: 25 / 04 / 1997.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Irllys Alencar Firmo Barreira (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Maria Sylvia Porto Alegre
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Maria Nobre Damasceno
Universidade Federal do Ceará (UFC)

*“Ao mais belo de todos
Ao mais querido de todos
Ao mais gaiato de todos - Daniel”*

Agradecimentos

A professora Irllys Barreira pela orientação fornecida durante a elaboração deste trabalho.

Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

A Interamerican-ANPOCS, pelo incentivo concedido para pesquisa.

As pessoas que conviveram e contribuíram mais diretamente durante a elaboração dos trabalhos, meus agradecimentos.

A todos os colegas, professores e funcionário do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais pela compreensão.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

I. CONSTRUINDO O CENÁRIO

1. 1. PRIMEIRO CENÁRIO: O URBANO

1. 2. SEGUNDO CENÁRIO: O BAIRRO

1. 3. TERCEIRO CENÁRIO: A CIDADE

II. ESCLARECENDO SOBRE O PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO E ANÁLISE

III. OS PARAMETROS TEÓRICOS NO QUAL AS DISCUSSÕES DA PESQUISA GANHAM CONDIÇÕES DE ANÁLISE E EXPOSIÇÃO

3.1. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA DINÂMICA SÓCIO-CULTURA DA VIDA COTIDIANA

3.2. O ESPAÇO DO BAIRRO: ROTINA E MASSIFICAÇÃO X REELABORAÇÃO E CRIAÇÃO

IV. O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DO SURGIMENTO DO BAIRRO

4.1. O contexto urbano

4.2. A ocupação

4.3. A expulsão

4.4. O novo local

V. A DINÂMICA SÓCIO-CULTURAL NO BAIRRO

5.1. O espaço coletivo

5.2. As práticas religiosas

5.3. A violência

5.4. O lazer

5.5. As formas de interação

VI. FIGURAS COLETIVAS QUE SE DESTACAM NO BAIRRO

6.1. A União dos Moradores

6.2. Jovens Unidos Pela Paz e o Amor em Cristo

6.3. A Associação Esportiva Santo André

VII. REFLETINDO O CAMINHO PERCORRIDO: resultados da pesquisa e as principais conclusões

Bibliografia consultada

Anexos

RESUMO

Oliveira, J. L. F. *“Resistindo, Conciliando e Vivendo” O Quotidiano dos Moradores da Periferia de Fortaleza. Fortaleza, 1997. 180p. Dissertação (Mestrado), Departamento de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará.*

Compreender o cotidiano dos moradores da periferia de Fortaleza tomando como referência as organizações populares é a temática central da pesquisa. O estudo procurou compreender o mundo vivido dos moradores da periferia enfocando o conteúdo das suas ações, as relações de solidariedade e a construção da identidade a partir dos grupos de referência e convivência existentes no bairro, sem perder de vista as formas de dominação e as desigualdades históricas vividas pelos moradores da periferia . Esse processo pôde ser compreendido a partir da realidade do Conjunto São Miguel, bairro situado na periferia da cidade. Como opção metodológica dois aspectos tem uma maior visibilidade no trabalho, as formas de resistência e os espaços de convivência onde o espírito lúdico é mais acentuado, esses aspectos estão interrelacionados a outros elementos da dinâmica sócio-cultural e política existentes no bairro pesquisado

INTRODUÇÃO

O longo caminho de uma pesquisa de campo é um convite para conhecermos um novo mundo diferente das nossas experiências anteriores. No percurso dos desconhecido vamos nos transformando e construindo uma nova imagem de nós mesmos e dos outros. Mesmo para aqueles que já experimentaram da convivência com a grande massa de trabalhares e trabalhadoras, de jovens e idosos, de mulheres e homens, de donas de casa e mulheres da rua, de desempregados e de biscateiros que habitam a periferia de Fortaleza a convivência diária ainda nos apronta surpresa e novidades.

Mesmo diante da rotina entre o trabalho, o bairro e a casa os moradores da periferia encontram meios e fins de quebrar a monotonia e viver a quotidianidade no bairro: aproveitando os momentos de lazer e de descanso (O racha no campo de futebol com os amigos, a conversa nos botequins e mercearias tomando umas e outros, participando das festas e eventos festivos no bairro, curtindo o ócio nos finais de semana com os familiares}; participando das atividades sociais sistematizadas no bairro (as reuniões, assembléias e encontros dos grupos, o jogo de futebol do time do bairro, os ensaios do grupo de teatro, as missas e cultos das igrejas); estabelecendo formas de intercâmbio dentro e fora do bairro (os passeios e pic-nics, as negociações com os poderes e com os políticos, os contatos e a troca de favores com os vizinhos, os encontros e reuniões fora do bairro). Tudo transcorre submerso no cotidiano, nas franjas da sociedade. Apenas um olhar mais atento é possível perceber essas micro-relações que vão se constituindo no bairro fonte de legitimação dos grupos e movimentos no bairro e dos poderes.

Alguns espaços sociais básicos foram fundamentais nesse processo de compreensão do cotidiano dos moradores, como pano de fundo da pesquisa: a casa/família local de proteção dos membros contra a rigidez da vida urbana, sobretudo o lugar moral e social de cada qual como ser humano, com sua diferenças de sexo, idade e relações. Primeiro espaço de socialização dos indivíduos para a vida quotidiana; o bairro locus das diversas interações entre os moradores. Lugar do conhecimento e reconhecimento da pessoa enquanto sujeito. Lugar do respeito e da amizade ou da consideração. Espaço coletivo onde se compartilha algumas regras e normas de convivência como estratégias de

sobrevivência no local de moradia. Isso não exclui os conflitos e os atritos entre moradores; o terceiro espaço é o “do outro mundo” que simplesmente abre as portas para a renúncia ritualizada deste mundo com seus sofrimentos e suas contradições, lutas, falsidades e injustiça. Um espaço marcado pelas igrejas, pelas novenas, pelos cultos no bairro.

Alguns atores sociais importantes no bairro mereceram um destaque no trabalho de pesquisa: Os grupos de convivência e referência voltados para o lazer e a cultura, como é o caso do grupo de jovens e da associação esportiva que tem um atuação sistemática no bairro, mobilizando um grande número de moradores nas suas atividades; a luta de resistência dos moradores através da associação que se destacar pela constante negociação com os poderes e com os políticos; a participação das mulheres sempre presentes nas lutas dos moradores e na suas organizações tanto na fase da ocupação como nos novos movimentos e grupos no bairro e a presença de algumas lideranças e figuras importantes no cotidiano do bairro.

O estudo tem a intenção de sistematizar essas diversas forma de interação entre os moradores da periferia de Fortaleza, e torna-las públicas. No primeiro capítulo procuramos discutir três aspectos que consideramos importante: a temática da pesquisa, enfocando a importância do tema, suas características, a inserção do autor no tema e a contribuição do tema para o momento atual; o fenômeno pesquisado, enfatizando as sua características, os principais questionamentos e as contribuições da pesquisa e o contexto sócio-histórico da emergência do fenômeno pesquisado.

A metodologia e as técnicas utilizadas para análise e exposição mereceram um capítulo aparte. No terceiro capítulo os conceitos de cultura, de bairro e de movimentos sociais populares que permeiam as discussões da pesquisa são tematizados.

Nos capítulos seguintes (IV, V, VI , VII) iremos respectivamente analisar o fenômeno pesquisado do ponto de vista da sua historicidade levando em consideração o passado, o momento atual e as perspectivas dos moradores da periferia de Fortaleza. Como conclusão alguns resultados da pesquisa são tematizados, numa tentativa de responder aos questionamentos e dúvidas levantadas na fase inicial dos trabalhos.

Apresentamos portanto um breve estudo do cotidiano dos moradores da periferia de Fortaleza, enfocando as suas formas de interação no bairro. Esperamos termos contribuído para uma compreensão do modo de vida

das classes populares e para uma atuação mais sistemática de todos aqueles que dedicam parte de suas vidas aos movimentos populares na cidade.

*“ Temos a pesquisa dos ricos sobre os pobres.
Os pobre são insolentes, viciosos, etc. É preciso
fazer a resposta dos pobres”.*

Jules Michellet

I. CONSTRUINDO O CENÁRIO

1.1. PRIMEIRO CENÁRIO: O URBANO

“Para compreender e expor a “problemática urbana, impões-se um ponto de partida: o processo de industrialização. Sem possibilidades de contestação, esse processo é, há um século e meio, o motor das transformações na sociedade. Se distinguirmos o indutor e o induzido, pode-se dizer que o processo de industrialização é indutor que se pode contar entre os induzidos os problemas relativos ao crescimento e a planificação, as questões referentes a cidade e ao desenvolvimento urbano, sem omitir a importância dos lazeres e das questões relativas à “ cultura”. Henry Lefebvre

O processo de urbanização de Fortaleza apresenta algumas características semelhantes ao das demais cidades brasileiras que intensificaram esse processo no início do século XIX , excetuando algumas características próprias desta cidade como o desenvolvimento comercial acentuado e o fraco desenvolvimento industrial. No entanto outras características são bastante semelhante como o aformoseamento de ruas e praças, a higienização social do espaço urbano da presença incomoda dos mendigos, dos menores abandonados, das prostitutas, dos desempregados e dos tipos populares, o surgimento das classes sociais, marcado por movimentos políticos e as tentativas de direcionar o traçado urbano da cidade vão marcar esse processo de urbanização de Fortaleza.

“aos princípios do século XIX, à segunda realização de Silva Paulet fica ligado indelevelmente à cidade de Fortaleza. É que , a pedido de Barba Alado, Paulet fornece as diretrizes de um novo traçado urbano, em xadrez, através do qual a cidade

se identifica hoje, de imediato, diante dos que a visitam. O novo traçado de Paulet, iniciado nas proximidades do edifício do Correio Geral, calçada do Mercado, na rua Senador Alencar (10), estava inteiramente de acordo com as novas concepções urbanísticas da metrópole.” (Castro, 1977: 29)

O crescimento da cidade nos anos 30 começa a tomar contornos mais acentuados na ocupação dos espaços na capital. A zona central de Fortaleza ocupada basicamente pela burguesia comercial com suas residências e zona comercial, com o crescente fluxo dos populares ao centro da capital em busca do comércio e dos espaços sócias, se desloca inicialmente para Jacarecanga, na zona oeste da cidade e definitivamente para zona leste para o elegante bairro da Aldeota. Na zona oeste vai se concentrando o ainda incipiente operariado, próximo das fábricas instaladas para o beneficiamento do algodão, os desempregados e biscateiros, as prostitutas que ainda hoje ocupam o passéio público próximo a Estação Ferroviária no centro de Fortaleza. Delineando desta forma a segregação do espaço urbano na capital.

No contexto urbano, os contrastes entre pobreza e riqueza, entre os poderosos e os oprimidos é mais visível evidenciando de forma mais clara as relações de classe. No entanto, essas cidades ainda conseguem conservar um caráter orgânico de comunidade. A vida comunitária (assembléias, encontros, os grupos} não implica de acordo com Lefebvre (1991), na dissolução da luta de classes. Alias as lutas de facções, de grupos, de classes não impedem o apego a cidade e o sentimento de pertencer vivenciado pelos grupos comunitários. Isso demonstra que “a vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimento e reconhecimento recíprocos inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos “padrões” que coexistem na cidade”. (Lefebvre, 1991:15)

É visível essas contradições em Fortaleza. O processo de segregação do espaço urbano entre pobres e ricos acentua-se a cada dia. A aldeotização crescente da zona leste e sul da cidade contrasta com a favelização da periferia da zona oeste. Se na zona leste e sul o crescimento da cidade se aformoseia com

luxuosos edifícios, na zona oeste as casas mal acabadas e choupanas de lata e papel mostra o lado cinza escuro da “moderna” Fortaleza. É nesse contexto que as contradições entre os modos de vida das diferentes classe sociais vão se moldando no espaço urbano. O professor e arquiteto Liberal de castro relata essa tendência do crescimento urbano da cidade de Fortaleza no início dos anos 30.

“Esse fracionamento especulativo da periferia urbana, levado a cabo sem o menor respeito aos interesses coletivos, oficializado por ignorância ou complacência das autoridades responsáveis, representa sem duvida uma das causas que respondem pelo atual descalabro e pelas tragédias que desabaram sobre a organização urbana brasileira, perfeitamente caracterizado a partir de 1930 e que passam a atingir aspectos inacreditáveis após o fim da 2a. Guerra Mundial.” (Castro, 1977: 31-32)

O processo de industrialização coloca o problema das sociedades urbanas e a cidade como locus da urbanidade onde se centralizam a vida social e política, onde se acumulam não somente a riqueza, mas também os conhecimentos, as técnicas, as obras e também o espaço das interações sociais. É nas cidades capitalistas que o papel centralizador do Estado implica no poder centralizado na capital . (Lefebvre, 1991: 4 e 5)

Fortaleza tem seu crescimento inicial baseado no binômio gado- algodão. O crescimento da cidade do interior para o mar através da introdução do gado e da coleta e a exportação do algodão vão propiciar os primeiros passos da centralização do processo de urbanização na cidade de Fortaleza. A industrialização ensaia os primeiros passos com os incentivos da SUDENE e do Banco do Nordeste. No entanto, a característica principal da cidade é a vocação comercial ainda hoje bastante visível.

“ A mentalidade empresarial do cearense é, por índole, comercial. Quem sabe se a luta que travou, por séculos, contra as secas, obrigando-o a agir de acordo com as circunstâncias, lhe desenvolveu principalmente a inventiva e a rapidez da decisão, tão importante na ação comercial ,

porém antagônicas à implantação industrial, comedida, planejada, de lucros por esperar mais longamente, sem admitir a possibilidade de permanente ingerência pessoal do proprietário, posto que muitas soluções importantes são transferidas a terceiros, especialmente aos técnicos! A impaciência e o personalismo da ação, aliado à falta de capitais, têm cooperado muito pela posição um tanto retardatária do Ceará na corrida pela industrialização do Nordeste.” (Castro, 1977: 39)

Nessas cidades as contradições emergem sobre o sentido dessa urbanidade. Por um lado, o sentido do tecido urbano na direção do dinheiro, do comércio, das trocas, dos produtos evidenciando uma racionalidade voltada para o valor de troca. No sentido contrário, a cidade retoma seu sentido enquanto obra onde a festa é uso principal da cidade na direção das ruas e das praças, do edifício e dos monumentos. Esse contraste é cada vez mais crescente nos grandes centros urbanos industriais. A população resiste e tenta restituir os espaços de sociabilidade.

“Os habitantes reconstituem centros, utilizam certos locais a fim de restituir, ainda que irrisoriamente, os encontros. O uso dos lugares, dos monumentos, das diferenças, escapa as exigências da troca, do valor de troca. É um grande jogo que se está realizando sob nossos olhos, com episódios diversos cujo sentido nem sempre aparece. A satisfação de necessidades elementares não consegue matar a insatisfação dos desejos fundamentais (ou do desejo fundamental). Ao mesmo tempo que lugar de encontros, convergência das comunicações e das informações, o urbano se torna aquilo que ele sempre foi: lugar do desejo, desequilíbrio permanente, sede de dissolução das normalidade e coações , momento do lúdico e do imprevisível”. Henry Lefebvre, 1991:)

Fortaleza, nesse final de século, vem gradativamente delineando no seu processo de desenvolvimento urbano essa tendência entre o embelezamento de zonas privilegiadas da cidade voltadas para o turismo e a geração de um fluxo

de renda onde o grande capital se apropria de grande parte desse excedente e o esquecimento da cidade enquanto espaço de sociabilidade, da festa, na direção das ruas e das suas praças, da preservação de uma memória e dos seus monumentos.

Esse processo de aformoseamento da cidade iniciado nos anos 30 não acontece de forma homogênea. A população resiste às mudanças a sua maneira. A ironia e a irreverência dos populares, as tentativas dos poderes públicos e privados de intervir no espaço urbano são bastante notórias em Fortaleza. Nesse meandro, emergem formas de organização que são enfatizados pelos historiadores da cidade.

“O movimento da multidão na capital também se adensou (a população em 30 atinge os 100 mil habitantes) e na sua maior parte era formada pelos que a ordem capitalista civilizadora procurava disciplinar e que aos mesmo tempo produzia: os operários e demais categorias de trabalhadores com sua greves, associações e partidos políticos, e os trabalhadores em disponibilidade, os mendigos, menores abandonados, prostitutas e todos os pobres com suas aparências e comportamentos tidos como selvagens, nocivos e constrangedores.” (Ponte, 1993: 62)

Essas contradições entre a ordem institucional e as formas de organização e manifestação dos tipos populares e de movimentos políticos em Fortaleza é uma tônica no processo de urbanização da cidade. Um olhar mais atento é capaz de perceber no momento atual os tipos populares que vão ocupando os mais diferentes espaços da cidade. Na praça do Ferreira, artistas dos diferentes bairros da periferia fazem demonstrações dos seus dons artísticos: palhaços, malabaristas, cantores, emboladores dão um tom lúdico ao espaço . Os evangélicos divulgando a palavra de Deus para os “pecadores”. Desempregados se amontoam nos bancos da praça. Mendigos, menores, prostitutas perambulam livremente pela praça. A noite o forró faz alegria dos trabalhadores do comércio. Tudo contrasta com a ordem sistêmica que tenta a todo custo higienizar a cidade e modelar corpos e mentes a ordem capitalista em marcha.

Nos bairros da periferia, os moradores vão encontrando formas as mais diversas de expressar e de manifestar os seus interesses travestidos na forma de direitos: a educação, ao lazer, aos bens coletivos, a saúde, a moradia. Tais formas de manifestação se diferenciam da lógica capitalista do poder público e privado. São pequenos grupos de jovens, de velhos, associações esportivas, associações de moradores que vão moldando o espaço do bairro e as micro-relações quotidianas e de certa forma legitimando os grupos e o sistema institucional.

A cidade compreendida dessa forma é resultado tanto da globalidade, quanto da imediatividade que interagem no seu cotidiano, das relações diretas entre pessoas e grupos que compõem a sociedade. Resultado das relações dos indivíduos em grupos mais ou menos amplos, mais ou menos organizados e estruturados, das relações desses grupos entre eles, e a ordem da sociedade, regida por grandes e poderosas instituições como a igreja e o Estado, por um código jurídico formalizado ou não, por uma “cultura” e por conjuntos significantes. (Lefebvre, 1991:46)

A urbanidade nesse sentido pode ser percebida a partir dos processos políticos, econômicos, sociais e culturais sem que a ação criadora decora necessariamente deles. A margem deixada para atuação dos grupos sociais que se apropriam e dão seu ritmos aos processos globais é o elemento dinâmico da constituição do espaço urbano.

“Tais grupos igualmente inovaram no modo de viver, de ter uma família, de criar e educar as crianças, de deixar um lugar mais ou menos grande as mulheres, de utilizar ou transmitir a riqueza. Essas transformações da vida quotidiana modificaram a realidade urbana, não sem tirar dela suas motivações. A cidade foi ao mesmo tempo o local e o meio, o teatro e arena dessas interações complexas.” (Lefebvre, 1991:52)

As análises de Durham (1988) e Lefebvre (1991) a cerca das formas de solidariedade que emergiram na periferia dos centros urbanos industriais apontam algumas características que marcam a presença desses movimentos e grupos de convivência e referência nos bairros pobres da periferia.

A fragmentação das atividades e papéis sociais , a separação das esferas pública e privada, e a divisão entre o trabalho e o consumo com o desenvolvimento do processo de industrialização-urbanização, impossibilitaram a idéia de uma hegemonia vista enquanto comunidade de interesses a partir da constituição de grupos de referência na cidade que se especializam e se localizam e que lutam por objetos e objetivos específicos. Nesse contexto de fragmentação e diferenciação, o bairro seria gradativamente ocupado por pequenos grupos e movimentos, de certa forma, independentes uns dos outros. Esses grupos e movimentos estariam voltados para questões de interesse que levariam em conta o espaço do cotidiano , criando e recriando toda uma rede de sociabilidade no bairro. A luta por direitos ao lazer, a informação, a educação e a bens coletivo vai legitimando esses grupos no bairro. A conversação, os vínculos etários e biológicos funcionariam como elemento de identificação dos moradores nesses pequenos grupos: as mulheres, os jovens, os velhos. Esses grupos tomariam esses processos dialogais como elementos orgânicos de integração no bairro. Isso por que esses grupos estariam mais distantes dos processos de hierarquização, de institucionalização e de burocratização.

De acordo com Durham (1988), é a partir desses grupos de referência e convivência que grande parte dos padrões culturais fundamentais seriam apreendidos: os modos de vestir, de comer, os valores a cerca do trabalho, da política, das noções de responsabilidade e liberdade. Tais elaborações culturais seriam gestados nas práticas comunicativas nesses pequenos grupos. Eles funcionariam como espaços de socialização , facilitando os processos de informações e interpretação do universo social.

O espaço do bairro nesse contexto emerge enquanto locus privilegiado, onde a população da “periferia” cria seus espaços próprios, nos quais os símbolos, as normas, os valores, as experiências e as vivências permitem reconhecer as pessoas, estabelecer laços de convivência e de solidariedade, bem como, espaço de conflito e de luta no qual os diversos grupos criam e recriam sua identidade.

O debate já iniciado nos anos 80 e 90 por Barreira (1992), Diogenes (1989), Cordeiro (1989), Silva (1986), a cerca dos movimentos sociais urbanos de

Fortaleza, aponta a emergência de uma nova cultura política, de novos valores, da formação de novas identidades. É nessa trilha que enveredamos na tentativa de ampliarmos a discussão acerca dos processos de reprodução cultural, integração social e socialização, tomando como forma de análise a multiplicidade dos grupos existentes na periferia da cidade.

Partimos do pressuposto que a emergência desses pequenos grupos (jovens, idosos, associações, etc.) se constituiriam também enquanto núcleos básicos de produção cultural nos quais os padrões culturais fundamentais são apreendidos e exercitados. Espaços esses onde as pessoas, através de uma comunicação direta, compartilhariam experiências comuns, crenças e obrigações. Isso não significa dizer que esses grupos estariam isentos dos conflitos internos e das contradições gestadas a partir das formas de interferências impostas por instituições políticas, econômicas ou religiosas. Concebemos entretanto, que as diferentes visões dessas instituições são incorporadas à prática social dos pequenos grupos depois de avaliadas e reinterpretadas à luz de seus problemas e de suas experiências.

O processo de assimilação e manipulação das coisas pelos homens que já pressupõe a assimilação das relações sociais e as formas de intercâmbio teria sua base nas relações estabelecidas nos grupos sociais.

“ Se a assimilação da manipulação das coisas (e, e o ipso a assimilação do domínio da natureza e das mediações sociais) é já condição de “amadurecimento” do homem até torna-se adulto na cotidianidade, o mesmo poder -se-á dizer - no que se refere a assimilação imediata das formas de intercâmbio ou comunicação social. Essa assimilação esse “amadurecimento” para cotidianidade, começa sempre “por grupos” (em nossos dias, de modo geral na família, na escola, em pequenas comunidades). E esses grupos face-to-face estabelecem uma mediação entre o indivíduo e os costumes, as normas e a ética de outras integrações maiores. O homem aprende no grupo os elementos da cotidianidade (por exemplo que deve levantar e agir por sua conta; ou o modo de cumprimentar, ou ainda como comporta-se em determinadas situações, etc); mas não ingressa na fileira dos adultos, nem as normas assimiladas ganham “valor” , a não ser quando essas

comunicam realmente aos indivíduos os valores das integrações maiores, quando o indivíduo - saindo do grupo (por exemplo da família) - é capaz de se manter autonomamente no mundo das integrações maiores, de orientar-se em situações que já não possuem a dimensão do grupo humano comunitário, de mover-se no ambiente da sociedade geral e, além disso, de mover por sua vez esse mesmo ambiente.” (Heller, 1989: 19)

A compreensão do cotidiano como podemos perceber esta mediada pêlos grupos sociais existentes nos espaços de convivência dos moradores das cidades. A periferia locus de nosso interesse de pesquisa já foi alvo de vários estudos importantes em Fortaleza sobre a dinâmica sócio-política nesses bairros onde residem grande parte dos moradores da cidade. Restava ainda a possibilidade de compreender o cotidiano desses moradores, tomando como referência as organizações populares existentes no espaço de moradia..

Nesse contexto algumas perguntas nos ajudariam nesse intento de compreender o cotidiano dos moradores da periferia de Fortaleza no momento atual: quais os valores que orientam as formas de convivência nesses bairros? O que pensam a cerca dos políticos? quais as expectativas dos moradores, na sociedade em que vivem? quem são essas pessoas que moram tão distantes dos centros urbanos, nas periferias das cidades? O que fazem no dia a dia do bairro? Como se relacionam com os vizinhos, com as instituições e com os políticos? Quais os seus interesses ao participarem dos grupos e movimentos no bairro? Essas são algumas perguntas que vão nortear a pesquisa.

A partir de 1983, tive oportunidade de participar mais diretamente do movimento popular enquanto morador da periferia de Fortaleza e posteriormente como assessor técnico da Fundação da Ação Social. Nesse período a euforia com o crescimento desses movimentos na periferia nos levou a acreditar na possibilidade de mudanças políticas essenciais para a democratização da cidade. A visibilidade desses movimentos no espaço público, principalmente das associações de moradores, provocou um otimismo dos diversos agentes que atuavam nos bairro pobres de Fortaleza.

Esta euforia se redobrou com a eleição da Dep. Maria Luiza Fontenele para prefeitura de Fortaleza em 1984. Tínhamos então um duplo motivo para acreditar ainda mais nas transformações sociais em curso. Um movimento crescente dos moradores pobres da periferia e uma administração popular comprometida com as mudanças almejadas pelos moradores dos bairros pobres da cidade.

A esperada e sonhada transformação e democratização dos espaços coletivos da cidade não levou em consideração a presença de um terceiro ator importante no cenário político, as elites locais que chegariam ao poder em 1986 com os novos industriais, que diferentemente dos coronéis passam a usar novas estratégias para enfrentar os movimento popular e a administração municipal. A negociação direta com os movimentos e a cooptação de lideranças foram dois instrumentos utilizados para exercer o controle e fragmentar as formas de organização dos moradores da periferia, principalmente as associações de moradores. A administração popular em função dos seus próprios erros e do isolamento político do governo estadual e federal sofreu um intenso processo de desgaste junto a opinião pública, culminando com a derrota em 1988 para os jovens industriais que já controlavam o governo estadual, e passam a ter uma posição hegemônica em todo o Estado do Ceará.

Diante desse cenário, a cidade retorna a “normalidade”, o silêncio dos movimentos populares no espaço público é notório. O bairro é o locus e reflexo de uma nova conjuntura. Em 1991, tivemos oportunidade de realizarmos uma pesquisa no Parque Genibaú, um dos bairros da periferia que teve uma intensa participação no contexto das lutas populares em Fortaleza. O quadro de pessimismo dos moradores e das lideranças das CEBs e das associações existentes no bairro era bastante desanimador. Todo o esforço anterior parecia ter sido perdido.

“Até 1987-1988, só existia aqui o Conselho comunitário, puxava essas lutas, passeata da lata vazia, bolsão da seca, uma série de coisas, mais ai, ai também tava na época da ditadura, né? Todo mundo sabe que quando a gente partia para essas reivindicações encontrava do lado de lá a repressão, mas quanto mais a repressão agia o pessoal se

unia, a luta se intensificava. Foi quando o governo bancou o sabido, inteligente, ele não conseguiu dissolver o movimento popular na porrada, tá entendendo, com a polícia. Ele passou a criar assistencialismo: ticket do leite, fala favela, casa a fundo perdido, material de graça. O governo agora é um governo democrático, um governo aberto, e com isso, ele foi minando, foi minando as associações que antigamente eram de luta mesmo, a maioria inverteu por esse caminho do assistencialismo, e hoje este movimento eu considero totalmente esfacelado, enfrentando muitas dificuldades de 1988 para cá.”(Toinho líder comunitário do Parque Genibau, 1991)

Isso certamente conta em parte os desdobramentos do movimento popular na periferia de Fortaleza, mas certamente não questiona o novo cenário das lutas urbanas na cidade. O fracionamento sofrido pelas associações comunitárias e o conseqüente enfraquecimento das lutas urbanas no espaço público da cidade, coloca o bairro como o novo cenário onde não só as associações de moradores, mas também uma diversidade de formas de organização emergem como novos atores importantes no cotidiano do bairro.

A partir dessas observações passamos a nos interessar não só pelos movimentos reivindicativos em que a sociabilidade enfatiza a dimensão política, como é o caso das associações de moradores e das CEBs. No bairro é possível encontrar outros grupos de convivência onde o espaço lúdico e o gratuito se expressam de forma espontânea no cotidiano dos moradores, e em que as relações de sociabilidade manifestam a dimensão cultural de forma mais clara. O lazer, a festa, as brincadeiras, são os elementos que dimensionam a atuação desses grupos no bairro. Os Jovens, as mulheres, os idosos vão se agrupando em diversos espaços de convivência. Os esportistas estão organizados em associações esportivas que são filiadas a ligas de futebol que congrega os bairros adjacentes. Esse é o cenário em que os moradores da periferia vão criando e recriando valores, normas e regras de convivência no bairro.

Esta dissertação nasceu como resultado dessas preocupações. O estudo do cotidiano dos moradores da periferia de Fortaleza, tomando como referência as organizações populares é a temática central do trabalho proposto. Investigamos as formas sociais as quais os moradores dos bairros tomam como

referência para a coordenação de ações, para a consolidação das formas de solidariedade e para construção dos processos de socialização. Enfatizando que as formas de sociabilidade são mediadas por uma condição de vida, por uma partilha de necessidades comuns, construída tanto pelo nível da solidariedade quanto pelos conflitos existentes no bairro.

O tema é resultado portanto de reflexões e inserções do autor na problemática das classes populares da periferia pobre da cidade de Fortaleza. A militância e a reflexão teórica acerca do cotidiano das classes populares nos levou inicialmente a tentativa de uma melhor compreensão das formas de organização dos moradores da periferia numa pesquisa iniciada na graduação no final dos anos oitenta. A partir deste estudo, podemos perceber dois aspectos importantes na problemática das classes populares que poderiam ser aprofundados num estudo mais sistemático. Primeiro, observamos que nos bairros além dos movimentos formais que direcionam suas ações para objetos e objetivos específicos com características reivindicativas e políticas, existe uma gama de pequenos grupos, que aparentemente se reúnem pelo prazer de estarem juntos conversando, rezando, brincando nos arredores, na vizinhança do bairro. Nesses pequenos grupos o bate papo informal e a conversação apresentam-se como elemento de integração e constituição de redes de informação, de amizade e de lazer que merecem uma melhor compreensão. Segundo, percebemos que seria necessário uma percepção mais minuciosa do cotidiano do bairro levando em consideração os padrões culturais, as regras de convivência social, e as formas de percepção da realidade dos moradores.

É nesse sentido que fizemos a opção pelo estudo de caso tomando como experiência os moradores do Conjunto São Miguel situado na periferia da região metropolitana de Fortaleza, no extremo oeste da cidade, próximo ao rio Ceará. Esse moradores foram expulsos da Favela da José Bastos no ano de 1978 e transferidos para o Conjunto São Miguel servindo como modelo para primeira tentativa de urbanização das favelas da região metropolitana de Fortaleza.

O bairro na sua composição é formado por operários e operárias das indústrias de castanhas e da construção civil, pelos trabalhadores do frigorífico de Fortaleza, por desempregados e biscateiros, por servidores do baixo escalão do

serviço público, por empregadas domésticas e lavadeiras, por jovens e velhos, por pequenos comerciantes presentes em quase todas as ruas do bairro etc. perfazendo o perfil das classes sócias excluídas da urbanidade dos grandes centros.

Esses moradores fazem parte da definição do que passamos a designar de periferia pobre da cidade tanto pela distância do centro de Fortaleza onde se concentram grande parte dos espaços de consumo e lazer coletivos e do sistema institucional quanto pela precariedade vivida pelos moradores que sofrem a falta de saneamento, de transporte, de lazer, de saúde, etc. comuns a toda periferia de Fortaleza.

Nossa intenção é portanto partir dessa realidade como pano de fundo para compreendermos cotidiano desses moradores levando em consideração as suas formas de organização. O trabalho, nesta perspectiva, tem sem dúvida a pretensão de compreender melhor o comportamento dessas populações enfocando como opção metodológica as formas de resistência, o espírito lúdico presentes nos grupos de referência e convivência desses moradores. Isto sem perder de vista as diversas mediações que esses moradores estabelecem com o sistema institucional nos quais as relações de dominação e as desigualdades se expressam de forma implícitas.

1.2. SEGUNDO CENÁRIO: O BAIRRO

O processo de urbanização da periferia de Fortaleza que começa a tomar contornos mais acentuados nos anos trinta vai se caracterizar, como vimos, pelo intenso processo de segregação espacial. As classes sociais oriundas do comércio e da indústria em espançam que vai caracterizar as elites urbanas da capital vão moldando seu modo de vida na zona leste de Fortaleza, definindo para se uma zona institucional e comercial e um conseqüente estilo de comportamento e padrão cultural. No zona oeste da capital, mais próximo da praia do Arpoador, e no extremo oeste nas proximidades do rio Ceará as classes sociais compostas pelos operários, biscateiros, desempregados, domésticas e lavadeiras, pequenos comerciantes vão ocupando os espaços vazios sejam em loteamentos clandestinos ou mesmo pela ocupação de terrenos públicos e privados.

Poderíamos falar no surgimento a partir dos anos trinta de uma periferia urbana que vai se intensificar nos anos seguintes. As principais características desse processo é o avanço e ocupação desordenado de terrenos sem nenhum controle urbanístico. A especulação imobiliária e as carências vividas pelas camadas populares são os únicos elementos que dão “sentido” ao processo de ocupação.

Os bairros que vão surgindo na zona oeste em contraste com as mansões e os edifícios luxuosas da zona leste, parece mais o cenário de um campo de guerra. As casas em constante acabamento, o desalinhamento das ruas, e o material de construção espalhado em quase todas as ruas do bairro é uma característica desses bairros da periferia. Tudo parece fora do lugar.

As casas geralmente construídas pelo esforço conjunto dos familiares e amigos é a marca desse processo de ocupação. O conjunto São Miguel, com as devidas diferenças, está inserido nesse cenário cinza escuro, de terra de chão batido que caracteriza a periferia de Fortaleza.

O Conjunto São Miguel representou um marco de luta por moradia em Fortaleza quando da ocupação de um terreno na avenida José Bastos. Essa ocupação se notabilizou pela resistência dos moradores as tentativas de expulsão pelo poder público através do aparelho policial em 1978. Após a expulsão e posterior transferência dos moradores para o distante São Miguel nas imediações entre Caucaia e Fortaleza tivemos a oportunidade de conhecer melhor a experiência de organização desses moradores através de um projeto denominado apoio a organização populares no qual participamos como técnico da Fundação da Ação Social do Estado.

As visitas realizadas ao Conjunto São Miguel no primeiro semestre de 1992, ainda como técnico da Fundação e militante engajado no trabalho de assessoria ao movimento popular em Fortaleza nos incitou a realizar uma caracterização do bairro e das pessoas que se destacavam na organização social do mesmo. Essa descrição inicial tem como finalidade situar o leitor no espaço social onde a pesquisa foi realizada.

O Conjunto São Miguel pode ser considerado um bairro proletário da região metropolitana de Fortaleza em virtude das suas características sócio-econômicas. O bairro é constituído basicamente por trabalhadores da construção civil, operários(as), biscateiros, desempregados, domésticas, magarefes, servidores públicos, jovens, etc. caracterizando-se como um bairro periférico em virtude da distância do centro comercial de Fortaleza e das péssimas condições de moradia, de transporte, das precárias condições dos equipamentos coletivos existentes no bairro.

No acesso de entrada pela BR-222, pela pequena estrada ao lado do Frigorífico de Fortaleza-FRIFOR, percebemos algumas características do bairro. As ruas esburacadas, o calçamento semi-desfeito, algumas casas em acabamento, moradores que caminham em busca do transporte na BR 222. O percurso entre o trabalho e a casa é uma rotina cumprida pelos moradores quotidianamente. Essa rotina é quebrada nos momentos de lazer nos botequins do bairro nos retornos do trabalho. A cachaça com os companheiros refaz o caminho inverso da rotina do trabalho.

O bairro apresenta no seu cotidiano características de uma pequena cidade do interior. Todos se conhecem e sabem um pouco da vida um do outro. Ainda é possível perceber certas formas de ajuda mútua entre os moradores, a troca de favores, os mutirões para construção de casas. As relações de amizade entre os vizinhos ainda pode ser observada. O parentesco de extensas famílias que foram gradativamente ocupando espaços no bairro. As conversas nas calçadas ao final da tarde. Essas relações vão constituindo formas de reconhecimento e auto-reconhecimento dos moradores no bairro.

Na via de acesso principal do conjunto, deparamo-nos com o campo de futebol do bairro, palco dos grandes jogos da Associação Esportiva Santo André que faz a alegria da sua fiel torcida. Nos finais de semana, um grande número de moradores assiste às animadas partidas de futebol do Santo André torcendo pela vitória do time do bairro. O clima de festa e brincadeira entre os torcedores e os jogadores é contagiante. O clima é quebrado em virtude da disputa entre o time do pedaço com o adversário do bairro vizinho ou de outros bairros distantes.

Logo ao lado do campo de futebol a oficina de marcenaria desativa e vinculada ao Centro Social do Estado onde muitos moradores se iniciaram na profissão de marceneiro. Vizinho a marcenaria encontramos a horta do Raimundo, atual presidente da Associação dos Moradores, filho do Sr. Joaquim que foi o primeiro presidente da Associação dos Moradores. Ainda na rua de entrada avistamos o São Miguel II construído às margens do Rio Ceará, palco de grandes enchentes, também conhecido pelos moradores como a favela do Conjunto São Miguel, dado o grande número de casebres que foram sendo construídos na parte baixa do conjunto.

No início das primeiras casas do antigo São Miguel¹, nos deparamos com o Centrinho, também vinculado ao Centro Social do Estado, que foi cedido em comodato à Associação dos Moradores. Hoje no local funciona a Creche Comunitária Sonho Infantil administrada pela Associação dos Moradores em convênio com o Estado. A creche abriga 150 crianças do conjunto e das áreas circunvizinhas.

¹.As casas construídas logo após a transferência dos moradores da José Bastos

Destacam-se no bairro algumas pessoas e espaços de convivência sociais que tem uma influência no cotidiano dos grupos no bairro. São pessoas e locais de encontro que se destacam dos demais pela capacidade de influenciar na vida cotidiana dos moradores..

O compositor Procópio Ferreira, conhecido no meio artístico cearense pelos sucessos gravados por artistas de renome, boêmio, integrante do grupo musical do bairro, bom de conversa, de amizade, é um artista prestativo com os outros grupos no bairro que solicitam a sua musicalidade para alegrar seus encontros festivos. É possível encontra-lo nos botequins do bairro tomando umas e outra despreocupadamente. Vive de pequenos biscates como relojoeiro. Não dispensa uma boa conversa. Amante da boa música. Reclama do anonimato e da mídia que não dar espaço para os artistas da periferia.

A mercearia do Zé Matuto, ex-presidente da Associação é um espaço de encontro, de bate papos dos moradores do conjunto. É possível encontrar principalmente nos finais de semana muitos trabalhadores jogando conversa fora e bebendo cachaça na mercearia. Fala-se de tudo e de todos. Ninguém escapa das pilhéria e brincadeiras dos frequentadores. As fofocas são um prato predileto. Fala-se de política e futebol. Faz-se novas amizade, tudo num clima de muita descontração.

Na rua São Pedro, encontramos o Cine Clube em grandes letras vermelhas. Esse espaço denomina-se Cine Clube por apresentar semanalmente em telão filmes de sucesso como: Rambo, O Exterminador do Futuro, e outras atrações. Esses filmes fazem alegria da juventude do bairro. As sextas, nesse mesmo local, funciona um forró onde participam pessoas de todas as idades, mais conhecido como forró da Zulene. Aos sábados, acontece uma festa Funk que geralmente termina com o enfrentamento das galeras dos jovens da comunidade.

A antiga Casa das Cadinhas onde se reuniam o Grupo de Idosos do Conjunto sob a coordenação da sexagenária D. Leda, mulher forte, antiga militante do movimento sindical têxtil, falante, mão firme em algumas ocasiões, respeitada por sua liderança no bairro é outro importante espaço de convivência no bairro. D. Leda coordenou durante treze anos mais de 30 idosos com o apoio Técnico do Centro Social do Estado, da Legião Brasileira de Assistência - LBA e da Associação dos Moradores. Atualmente o grupo funciona no Centro Social do Estado com o acompanhamento de uma agente social após um longo conflito com a relutante D. Leda, que foi afastada do grupo pelas assistentes sócias do Centro Social.

O afastamento da coordenadora do grupo de idosos se deu em virtude do desentendimentos de D. Leda com a coordenadora do Centro Social do Estado. A direção do centro social discordava da condução dos trabalhos realizados por D. Leda, que foi taxada de autoritária e corrupta pelas assistentes sociais. D. Leda resistiu para que o grupo permaneça no Clube das Cadinhas, no entanto as dificuldades financeiras e a pressão da direção do centro foram mais forte. O grupo em 1992 transferiu suas atividades para o “controle” do centro social.

Na parte mais baixa do Conjunto São Miguel, na rua São Mateus, estão a creche comunitária Paraíso Infantil também administrativa pela Associação dos Moradores em convênio com a Fundação do Bem Estar do Menor. O Centro Social Carola Picanço, administrado pelos técnicos da Fundação da Ação Social - FAS, anteriormente denominada PROAFA²³, que desenvolve um programa denominado Apoio as Organizações Populares. No centro se reúnem os grupos de

²³ Programa de Assistência às Favelas da região Metropolitana de Fortaleza, órgão criado pelo Estado, logo após a transferência dos moradores da José Bastos para o conjunto São Miguel em 1979.

jovens, alcoólatras anônimos, idosos, de produção e a Associação Esportiva Santo André. Ainda no Centro Social são realizados encontros e seminários promovidos pelos grupos do bairro.

Próximo ao centro social temos a olaria localizada às margens do Rio Maranguapinho, local onde alguns moradores retiram o sustento de suas famílias com a fabricação de tijolos. Ainda do rio aproveita-se a areia que é vendida aos donos de depósitos dos bairros circunvizinhos. Em frente ao Centro Social Carola Picanço podemos ver a Casa de Parto Francisco Gonçalves, inaugurada em 1985. A Casa de Parto representou uma das grandes conquistas dos moradores junto a Prefeitura de Caucaia através da Associação dos Moradores.

Paralelo a rua São Mateus se localiza a estação ferroviária que divide o Conjunto São Miguel do Parque Genibau, bairro popular que foi sendo ocupado nos anos 60. O trem que faz o percurso Fortaleza-Caucaia, Caucaia-Fortaleza com intervalos de uma hora, é um dos transportes mais utilizados pelos moradores. Além dos preços abaixo da tarifa do ônibus, o transporte ferroviário é utilizado como espaço para complementação de renda, pelos filhos mais jovens das famílias do bairro através da venda de pequenos produtos. O trem é um espaço onde podemos perceber as mais variadas formas de expressão dos moradores: os evangélicos que aproveitam o trajeto para conquistar a simpatia dos passageiros com seus longos discursos falando da salvação e do fogo do inferno para os que não se entregarem a Deus. As conversas sobre as dificuldades no trabalho, os baixos salários, a violência no bairro, as brigas.. A irreverência e a ironia de alguns “engraçadinhos” fazendo pilhérias com os passantes é motivo de alegria para os

passageiros cansados da rotina dura do trabalho na construção civil, no serviço doméstico, na fábrica, do biscate no centro e do serviço no comércio.

A Assembléia de Deus realiza cultos com um grande número de participantes, onde conjuntos de senhoras e de mocidade fazem o trabalho de divulgação da palavra aos “pecadores” do bairro. As terças, quintas e domingos observamos o grande movimento de pessoas que participam dos cultos da Igreja. Na esquina da mesma rua, encontramos outro pequeno templo evangélico da Igreja Deus é Amor, que conta com um número reduzido de fiéis.

Na estrada de saída do Conjunto encontramos a Igreja Católica e o salão paroquial onde se reúnem os grupos de perseverantes, crisma, catequese, oração e o conselho pastoral que congrega todos os grupos ligados a Igreja. A missa dominical conta com a participação de um número reduzido de fiéis de todas as idades. Em torno das atividades da Igreja participam pessoas dos mais variados grupos do Conjunto, que contribuem na organização das missas, na limpeza da Igreja, e no Conselho Pastoral.

Enfrente a Igreja, temos a praça semi-destruída, lugar muito freqüentado pelos jovens. Local de lazer dos praticantes do esporte, dos encontros amorosos dos casais. Palco dos grandes acontecimentos do bairro como a festa do padroeiro no mês de setembro, as festas juninas no mês de junho onde apresentam-se as quadrilhas dos jovens e idosos dos bairros vizinhos.

Na esquina da praça localizamos a casa do Sr. Francisco Gonçalves, símbolo da luta que resultou na conquista do Conjunto São Miguel. O mesmo ficou paraplégico após um conflito com a polícia quando da expulsão dos moradores da Avenida José Bastos e posterior transferência para o atual conjunto. Seu

Francisco, mesmo diante do sofrimento, encontra-se sempre disposto a conversar sobre a história do bairro, das dificuldades enfrentadas após a transferência. No fundo notamos nessa liderança o desejo de ver o bairro em melhores condições, a ânsia de participar e a crença na união das famílias.

Seu Francisco foi uma personagem importante na luta de resistência dos moradores quando da ocupação da favela da José Bastos. Num dos conflitos com os policiais nas várias tentativas de expulsão dos moradores o mesmo foi alvejado por um policial pelas costas, ficando paraplégico para sempre.

Ainda em frente a praça, avistamos a casa do Louro, atual presidente da Associação Esportiva Santo André, ex-presidente da Associação dos Moradores, candidato a vereador pelo bairro. Falante, atento as oportunidades. Liderança aceita por alguns pelo seus préstimos e favores feitos aos moradores. Criticado por outros pela sua sabedoria e esperteza no comando da Associação. Sempre presente na vida social do bairro. Amante do futebol. Cabo eleitoral forte no bairro, sempre procurado por políticos.

Semelhante a outros bairros da periferia de Fortaleza o Conjunto São Miguel não poderia deixar de ter uma figura pitoresca, Damião. Sempre bêbado nas ruas do bairro. Prato cheio para as pilhérias da meninada, para as molecagens dos passantes. Sonhador e criativo, sempre a falar da sorte no jogo como uma das maneiras de melhorar a vida dos moradores. Vive de pequenos biscates no centro da cidade, que não chegam para suas farras intermináveis. Fato que tem lhe custado pesadas surras da mulher amada.

A concorrência entre os pequenos comércios é intensa no Conjunto São Miguel. São pequenas bodegas e botequins em quase todas as ruas do bairro

que vendem no retalho, no fiado para a quinzena. Alguns botecos apenas com poucas garrafas de cachaça, refrigerantes, alguns poucos produtos, e um som potente que atende a música predileta dos clientes, que curtem a música regado a doses de cachaça. Nas bodegas, notamos que o fiado rende algum lucro para o comerciante que se diferencia dos demais moradores, com a casa sempre próspera e com o carro usado na garagem.

Esse incipiente comércio no bairro contribui para que os moradores tenham que se deslocar constantemente ao centro de Fortaleza para compra de produtos de primeira necessidade. Ocasionalmente a perda de tempo em virtude das distâncias e da demora dos transportes coletivos que fazem o trajeto do bairro.

Um olhar mais atento no bairro é possível perceber as donas de casa que labutam diariamente na manutenção e cuidado dos filhos e da casa, os jovens que perambulam nas calçadas, na quadra de esportes, na igreja, os trabalhadores que lotam a estação de trem logo nas primeiras horas da manhã e que retornam entre seis e sete horas da noite, e os idosos que transitam lentamente pelas ruas semi-desfeitas do conjunto são os personagens que se encontram pelos arredores, pela vizinhança que estão presentes nos diversos grupos e movimentos no bairro.

. Estabelecem-se no cotidiano do conjunto todo um modo de vida que facilita a constituição de relações comunitárias. A mediação com os poderes e com o sistema institucional é realizada pelos diversos grupos e movimentos existente no bairro.

Podemos perceber no bairro uma multiplicidade de formas de organização que se manifestam no cotidiano, dentre os quais: grupos de jovens, associações de moradores, grupos religiosos, grupos de idosos, associações

esportivas. Esses grupos vivenciam processos de elaboração cultural e comunicativo. Na maioria das vezes cada grupo vivencia seus interesses de maneira específica, mantendo em comum o espaço de desigualdades e as redes de associação e integração necessárias à sobrevivência.

De acordo com os interesses, cada grupo utiliza estratégias diferenciadas de intervenção na realidade: Os grupos de jovens utilizam o espaço de conversação como elemento importante para o processo de informação e socialização ; os idosos aproveitam as reuniões para ampliarem os vínculos de amizade , para os bate-papo informais ; as associações de bairro recorrem às passeatas, assembléias gerais, aos ofícios, aos órgãos públicos como elemento importante no processo de aprendizagem e conquista de direitos por parte dos moradores; as associações esportivas ajudam a quebrar a rotina dos trabalhadores entre o trabalho e a casa, abrindo espaço para o lazer nos finais de semana. Enfim há uma infinidade de formas de manifestação de vida nessas organizações.

A mediação com as instituições que estão presente na vida cotidiana do bairro é notória nos grupos. A igreja católica participa ativamente das atividade do grupo de jovens. Participando dos encontros, palestras, dias de convivência realizado pêlos jovens. As atividades da catequese, dos grupos pastorais são desenvolvidas pêlos jovens estabelecendo vínculos orgânicos com a instituição. A palavra do evangelho e o desejo de servir a igreja é bastante enfatizado pelos jovens. Nos encontros dos jovens, o padre da paróquia é rigoroso na refutação das religiões e seitas existentes no bairro. A fé cristã é reforçada pelo pároco e a necessidade da unidade da igreja católica no bairro. No demais grupos, a participação da igreja católica está presente de forma menos explicita.

O Estado é um ator sempre presente no bairro.. Logo nos primeiros anos de vida do Conjunto São Miguel construiu-se um centro social do Estado vinculado ao Programa de Assistência as Favelas da Região Metropolitana de Fortaleza - PROAFA. O centro inicialmente serviu para as ações da Primeira Dama do Estado Luiza Távora, mais conhecida pelas as ações assistencialistas na periferia de Fortaleza como a “mãe dos pobres”. O assistencialismo dos primeiros anos desenvolvido pela “mãe dos pobres” foi sendo substituído gradativamente pela ação dos técnicos que passaram a incentivar a organização dos grupos no

bairro. A Associação dos Moradores e o grupo de idosos foram os grupos em que os técnicos do Estado tem uma maior influência no seu processo de constituição. Nos demais grupos a ação dos técnicos se dá de forma esporádica, participando e apoiando as reuniões, os encontros, os passeios e seminários.

As tentativas de controle das instituições sobre os grupos no bairro tornam-se mais aparente nos momentos em que os conflitos tornam-se visíveis. As eleições da diretoria são acompanhadas pelos técnicos que participam das articulações das chapas acirrando ainda mais o processo político de escolha pelos moradores da direção da Associação de Moradores. O grupo de idosos como vimos tem atualmente toda sua programação definida pelos técnicos do Estado. Isso só foi possível depois de um conflito com a direção do grupo que era coordenado pelos próprios idosos. Os técnicos afastaram a direção do grupo e passaram a realizar as reuniões no próprio Centro Social do Estado. Anteriormente as reuniões eram realizadas no Clube das Candinhas coordenado por D. Ieda uma das participantes do grupo .

Os grupos no bairro, na sua maioria, ultrapassam os limites do Conjunto, atuando em movimentos mais amplos ligados aos seus interesses específicos. Os representantes dos grupos de jovens participam de encontros nos bairros adjacentes com membros de outros grupos de jovens, realizam passeios e pic-nics em diferentes locais da cidade, participam de torneios esportivos e de concursos de dança nos diferentes bairros de Fortaleza. A associação de moradores participa de encontros com movimentos de moradores nos bairros circunvizinhos, de reuniões promovidas por órgãos estaduais e municipais. A associação esportiva participa de torneios animadíssimos promovidos pelas ligas esportivas nos bairros a ela filiadas, realizam jogos nos diferentes recantos da cidade, dos quais participam um grande número de torcedores, etc. Percebemos, portanto, experiências variadas e representativas para os moradores do Conjunto São Miguel.

Como podemos notar, esses grupos não permanecem isolados no Conjunto São Miguel. Eles procuram formas de intercâmbio com outras organizações semelhantes. É importante ressaltar, também, a necessidade dos grupos de reconhecimento público, enquanto auto-afirmação da sua existência.

Recorrem aos meios de comunicação de massa, aos atos públicos, realizam apresentações públicas de cunho Sócio-cultural, reivindicam junto ao estado melhores condições de vida. As denúncias das precárias condições do conjunto são feitas em jornais e programas populares da cidade. Os torneios e campeonatos promovidos pela Associação Esportiva, as apresentações das quadrilhas dos idosos e jovens nos concursos de dança promovidos em Fortaleza no período junino. As comissões de moradores que se deslocam aos órgãos públicos estaduais e municipais são formas de expressões dos moradores no espaço público.

Essa parece ser uma característica importante desses movimentos, visto que os indivíduos e os grupos que permanecem isolados num plano privado e localista, passam a se expressar também no âmbito da esfera pública (DURHAM, 1984:30). Pressupõe-se portanto que as formas de manifestação na esfera pública ajudam os moradores do Conjunto São Miguel que participam dessas redes de sociabilidade no bairro a recuperarem a auto-estima pessoal e a reconhecerem-se enquanto cidadãos portadores de direitos sociais e políticos, recompondo laços de solidariedade, a rever costumes e crenças.

A noção dos direitos, presente nos discursos dos moradores, evidencia a desnaturalização das carências quotidianas como algo imanente à vida social, bem como, fortalece a noção de Justiça frente às desigualdades sociais. Isso pode representar uma redefinição da noção de cidadania, numa sociedade onde a ordem legal é regida por códigos da vida privada e o direito positivo não acompanha a noção de igualdade, inviabilizando o reconhecimento das diferenças sociais.

Se por um lado, esses movimentos existente no Conjunto São Miguel sofrem infiltrações dos subsistemas político e econômico na tentativa de formalizar e institucionalizar formas de convivência social entre os moradores como: grupos de vizinhança, grupos de moradores, grupos de jovens. Por outro lado, é necessário verificar, também, fatores sócio-dinâmicos na atuação desses movimentos no bairro capazes de alterar as normas de convivência social no

pedaço onde se vive, as regras de sociabilidade no bairro e a capacidade desses grupos de redefinir novos espaços de convivência social .

Essas são algumas características que marcam a trajetória do Conjunto São Miguel, após quatorze anos que seus moradores foram expulsos e transferidos pelo poder público da Favela José Bastos para um terreno afastado do centro da cidade com enormes deficiências de transporte, saneamento, saúde e lazer. Aos poucos o bairro foi se transformando e garantindo através das suas organizações uma infra-estrutura ainda precária existente, bem como, uma maior convivência social entre as famílias do bairro. Procuraremos aprofundar essa caracterização no trabalho de pesquisa.

O estudo proposto busca sua fundamentação no mundo vivido dos moradores do Conjunto São Miguel como pano de fundo para compreensão do cotidiano do bairro tomando como referência os grupos de referência e convivência existentes no Conjunto.

Os estudos da Antropologia e da sociologia apontam caminhos nessa direção . Os estudos de Durkham (1988), Kowarick (1988) indicam a existência de formas de convivência própria da periferia pobre dos centros urbanos das grandes cidades e a presença de fortes laços de vizinhança. Esses processos de interação estariam facilitando formas de interação social entre os moradores dos bairros periféricos, criando toda uma rede de contatos mútuos , de informação e conversação. Essas redes de sociabilidade vão dando forma a grupo e movimentos no bairro, que se transfiguram na luta por direitos: ao lazer, a saúde, a moradia, aos bens coletivos, fonte de legitimação dos grupos e dos poderes do Estado.

“Como mostra Kowarick, houve um esforço na direção de abandonar os grandes esquemas explicativos e conhecer mais de perto a realidade. Poderíamos dizer que isto levou a dispersão porque, ao romper com os paradigmas teóricos, perdeu-se também a continuidade entre as várias problemáticas. O que restou como elo de ligação foi a preocupação com os mecanismos específicos que mantêm os diversos circuitos da dominação, sem, entretanto, um eixo que os unifique.

A questão teórica que reaparece em vários trabalhos e que poderia fornecer um eixo analítico capaz de cortar situações tão diversas é a constituição da identidade. De modo claro ou dissimulado, ela está presente nos vários estudos.” (Cardoso, 1988: 12}

Ao analisarmos os estudos de Barreira (1992), Diogenes (1989), Cordeiro (1989) acerca da dinâmica sócio-política das classes populares na periferia de Fortaleza, podemos verificar aspectos significativos dos diversos movimentos e grupos nos bairros da cidade. As pesquisas apontam uma nova definição das formas de interação sócio-culturais dos moradores da periferia que estariam suscitando uma nova identidade política dos grupos no bairro. O resgate da dignidade humana e a noção de direitos estariam determinando novos sujeitos coletivos nos bairros pobres da cidade.

O estudo a que nos propomos toma como fio da meada este pano de fundo como elemento de partida, mas busca enfrentar essa problemática dentro das novas discussões que dimensionam a dinâmica sócio-cultural no bairro como elemento importante para compreensão das redes de sociabilidade, sem perder de vista as formas de dominação e as desigualdades vividas pelos moradores nos quais esses elementos aparecem interrelacionados à vida cotidiana.

É essa dinâmica sócio-cultural onde o fluxo de vida, ao mesmo tempo em que gesta as formas da sociedade, segue continuamente seu ritmo criativo, arbitrário, imprevisto e transformador, que pretendemos analisar a partir das redes de sociabilidade, tomando como parâmetro as experiências da organização da vida social no Conjunto São Miguel. Este querer viver o presente, expressa-se nas suas organizações, nas festas, no lazer, nas conversas no espaço público e privado. É nesta teia de relações solidárias, mas também conflituais e contraditórias, que emergem no bairro que pretendemos mergulhar em busca do sentido das ações que se efetivam nestas formas de relações sociais.

Essa trama conflitual vivida pelos moradores dos bairros da periferia de Fortaleza onde interagem sentimento, representações, formas de dominação política e o sistema institucional, que pretendemos interpretar a dinâmica sócio-

cultural no Conjunto São Miguel. A análise do processo de reprodução cultural, organização social e de formação da identidade, não exclui as formas de dominação política e as estratificações econômicas das quais os homens são reprimidos em todos os lugares (Geertz, 1989: 40). Esta separação tem levado a muitos equívocos nas análises dessas redes de sociabilidade, ora caindo-se numa visão romântica, ora levando a um otimismo exagerado dessas formas de organização social.

Esses são os dilemas que nos animam a continuar estudando as formas de relação social que emergentes na periferia de Fortaleza. Tal como o mito de Dionísio na sua vontade irreprimível de viver, subsiste às formas mortíferas controladoras do fluxo da vida. É essa metamorfose constante, esse querer viver o presente dos movimentos populares, que nos incita ao estudo desse fenômeno social.

1.3. TERCEIRO CENÁRIO: A CIDADE

“Se afirmar, parafraseando Heródoto com relação ao Nilo, que Fortaleza é “uma dádiva do vento”, muita gente à de pensar que estamos apenas nos referindo a brisa que sopra permanentemente sobre a cidade, pois a capital cearense, embora situada um pouco abaixo do equador, tem um dos climas mais agradáveis do Brasil”. Liberal de Castro

Algumas características da identidade da população cearense poderiam ajudar o nosso intento de compreender a constituição das redes de sociabilidade das classes populares na periferia de Fortaleza. Aspectos como a irreverência, a cordialidade, o conformismo, a resistência presentes na cultura local refletem diretamente no processo de organização emergente. Nossa intenção é levantar algumas características do desenvolvimento social e cultura da cidade .

No processo de formação da cidade de Fortaleza, o professor e arquiteto Liberal de Castro identifica algumas características da identidade da população de Fortaleza no seu incipiente desenvolvimento urbano em formação.

“não passava de um vilarejo pobre, de casinhas caiadas, poucas ruas, arenosas, como que as descreve o visitante Koster, muito simpático às coisas da terra e que andou por aqui em volta de 1810/11. É interessante assinalar que duas características já despertavam a atenção daquele cronista - a limpeza das casas e a simpatia acolhedora do povo da vila, constantes ainda hoje observadas.” (Castro, 1977: 27)

Essa noção de cordialidade da população de Fortaleza é bastante explorada na imagem que se procura projetar da cidade para fora do estado, principalmente para o turista que vem visitar os locais agradáveis da cidade. Esse conceito esconde as suas contradições como: o conformismo proveniente das relações vivenciadas pela população diante do paternalismo autoritário das elites dirigentes, tão enraizado no nosso cotidiano. As relações de dependência e favor que dissimulam o clientelismo fortemente presente na nossa cultura política. A espontaneidade da população de agir mais com o coração do que com a razão, tão característico da nossa identidade cultural. Isso certamente não implica que o povo vá dando seu jeito de escapar dessas amaras e encontrando estratégias de sobrevivência num misto de conformismo e resistência que para Ribeiro relela o caráter híbrido da nossa identidade.

“A identidade do brasileiro é híbrida porque o povo se “condói”, recusa autoritarismo, mas pede padrinhos; vive violentado, mas é terno e sensual: passa fome, mas samba e dança. Há aqui uma certa transcendência, um certo distanciamento dos dados objetivos explicados mais pelo coração (“cordial” seria a expressão de Sérgio Buarque de Holanda), pelo sentimento subjetivo que pela razão. Há um que de fascínio misterioso e/ou visionário onde a miséria veste-se de rei no carnaval, onde a morte espera milagre, e o “ser enganado pelo governo outra vez” aponta para o dia em que as coisas vão mudar. É bem verdade que as elites exploram normalmente esta situação em proveito

próprio através de todas as formas possíveis.” (Ribeiro, 1994 : 75)

Essa cordialidade da população local esta relacionada de forma contraditória nas diversas formas de controle exercidos pelos poderosos ainda na fase de urbanização da cidade.

“ Para maioria da população, o arbítrio e a vontade suprema dos coronéis constituíram as únicas regras conhecidas da política. Essa massa populacional analfabeta não tinha nenhum acesso às idéias novas, veiculadas pelos jornais.” (Porto, 1994. : 36)

A noção dos direitos a cidadania era algo totalmente distante da grande maioria da população nesta fase do controle oligarquia na cidade. A opressão era a marca das relações da oligarquia com os seus comandados. O poder era mais um reforço das formas de controle sobre o populacho na Cidade. O silêncio obsequioso e o conformismo eram a marca dessa forma de paternalismo/autoritário.

“ As formas de relação de trabalho , marcadamente paternalista e autoritária , a visão patrimonialista , que a grande massa popular tinha introjetado no referente a coisa pública, contribuía ainda mais para acentuar este distanciamento. O povo só se mostrava presente nos eventos políticos, municipais, estaduais e nacionais, como massa de manobra, votando no seu coronel, ou como jagunço, promovendo o espancamento , saque ou até assassinatos dos inimigos políticos do patrão.” (Porto, 19.., : 36)

No final do século passado, intensifica-se um intenso processo de disciplinarização da capital por parte do poder público tendo em vista o controle social das camadas populares que viviam na cidade. Justifica-se essa forma de intervenção através da necessidade de higienização social de Fortaleza e correção das posturas deviantes do “Zé povinho”: mendigos, prostitutas, desempregados,

menores. O que nos parece não mudou muito na postura dos atuais governantes e dos bons cidadãos de Fortaleza.

“ A disciplinarização do espaço urbano da capital cearense a partir do final do século passado acha-se estreitamente relacionado com um leque de medidas e técnicas voltadas para o reajustamento social das camadas populares, sobretudo por meio do controle da saúde, dos corpos, gestos e comportamento . Tratava-se lato senso, de um processo disciplinador que pretendia instaurar uma nova ordem capitalista, republicana e racional que, daquele período até o fim da primeira republica, atravessou as principais cidades brasileiras.” (Ponte, 1993:29)

Esse controle das camadas populares se deu através de um processo de higienização social buscando racionalizar a cidade e disciplinar os habitantes. A retirada dos vagabundos e mendigos das ruas da capital traz consigo o velho discurso das classes perigosas:

“ A compulsão em sanear a capital e higienizar a população aprofunda-se através de medidas como a implantação do serviço de abastecimento d’água e esgoto (concluído em 1924), a vacinação obrigatória, o instituto de assistência e proteção a infância (1913), a inspeções sanitárias a domicilio. Por outro lado, as tentativas de controlar o crescente contingente de pobres intensifica-se com campanhas de erradicação da mendicância urbana, novas instituições assistencialistas, organização de policiamento específico para Fortaleza, e de colônias penais para recuperação da delinqüência adulta e infantil pelo trabalho ao ar-livre ou em oficinas.” (Ponte, 1993: 17)

A resistência das camadas populares as tentativa de controle são bastante significativas em função das varias estratégias que essas populações vão recorrendo para escapar do controle e a disciplinarização do seu modo de vida. Do silêncio obsequioso a irreverência, essas populações vão construindo formas de

autodefesa contra o autoritarismo e a rigidez da modernização conservadora.
Segundo Ponte

“as camadas populares ante os variados mecanismos disciplinadores que lhe penetram quotidianamente tanto nos espaços públicos como privados, expressou-se sob as mais diversas formas: além das já apontadas, houve relutância em deixar vacinar, a conservação de certas crenças, ritos e posturas, a bilontragem, o desapego ao trabalho sistematizado, a fuga; o se “fazer de louco para melhor passar”, o escânio, a irreverência, o riso e a vaia. Esta compulsão dos populares ao deboche e a ironia públicas foi tão notório que já na época cunhou-se o epíteto de “Ceará Moleque” para caracteriza-la.” (Ponte, 1993:63)

O crescimento ainda incipiente do processo de urbanização de Fortaleza vem acompanhado de uma nova configuração de classes. Significando uma alteração substancial na vida e nos costumes da cidade.

“O desenvolvimento de toda esta infra-estrutura de sustentação do comércio e conseqüentemente a modernização dos serviços urbanos na capital mais possibilita a emergência de uma população diversificada que a existente no campo ou nas pequenas vilas e cidades do interior. Esta nova camada social (composta de funcionários públicos, profissionais liberais, empregados de escritório, caixeiros e pequenos comerciantes) significa uma alteração substancial na vida e costumes de Fortaleza, bem como na relação (política) dos Todo-Poderoso locais, com esse novo segmento social.” (Porto, 1994 : 33)

Nos anos vinte, a emergência dessa nova configuração de classe resulta no surgimento de novas formas de organização e manifestação tanto dos trabalhadores como da classe dirigente.

“Entre 1917 e 1921 surgiram novas organizações de trabalhadores, como o Partido Socialista, a Associação

Gráfica do Ceará e a Federação das Classes Trabalhadoras Cearenses, evidenciando o assenso do movimento operário local. No período em questão, o movimento operário, no país como um todo, revitaliza-se com as greves gerais anarquistas, a influencia da revolução bolchevique na Rússia em 1917 e a emergência do Partido Comunista Brasileiro em 1922. Em Fortaleza, para fazer frente a organização do operariado cearense, o patronato local apresava-se em se reunir e criar o “Centro Industrial Cearense” em 1919.” (Ponte, 1993: 43)

Nos anos 30, inicia-se um intenso processo de crescimento demográfico da cidade. O crescimento urbano desordenado dos bairros periféricos da cidade surgindo as primeiras favelas na capital. *A cidade sofre um crescimento desordenado a contar dos anos 30. O arquiteto Liberal de Castro afirma que a expansão desmedida ocorreu principalmente “a partir da década de 1932, quando muita gente ganha dinheiro com a desgraça alheia”. O geógrafo Borzacchiello da Silva complementa assinalando que aquele “ crescimento de forma espontânea e desordenada deu lugar a aglomerações de edificações precárias na periferia da cidade”. Data do inicio de 30 a origem desses aglomerados com características de favelas.*

Esse crescimento desordenado deu origem a vários bairros populares na periferia da cidade. Esse bairros constituídos por operários, trabalhadores da construção civil, donas de casa, estudantes, comerciantes e funcionários dos escalões inferiores do serviço público, dentre outros vão gradativamente estabelecendo novas formas de sociabilidade:

“ Os primeiros movimentos sociais urbanos em Fortaleza datam do final da década de 1950, quando se conjugou uma crise econômica e uma conjuntura política favorável a novas formas de atuação do Estado e a mobilização dos setores da sociedade civil.

Convém lembrar que os anos 50 foram uma época de sucessivas migrações do campo para cidade, o que acarretou a ocupação mais intensa de favelas como o Pirambu,

Lagamar e Verdes Mares (CETREDE, 1981). Essas três favelas, em momentos diferenciados, tiveram grandes conflitos com o Estado a fim de garantir a posse da terra.” (Fernandes, Diógenes e Lima, 1991:60)

A emergência dessas redes de sociabilidade, num primeiro momento, predominam as ações pontuais na década de 60, onde já está presente a luta por moradia e contra o auto custo da vida. Essas lutas se intensificam nos anos 70, se configurando em articulação de parcelas significativas do movimento popular representando as primeiras tentativas de ações conjuntas desses movimentos e grupos.

Nos anos 60, a célebre marcha Pirambu, que mobilizou mais de 30 mil pessoas que lutavam pela legalização e desapropriação de terras na zona Oeste de Fortaleza, marca uma fase de lutas pontuais, onde os movimentos populares são desconhecidos por parte do poder público e pela opinião pública em geral.

Nos anos 70, a luta por moradia vai dar o tom das mobilizações, tendo como referencial a ocupação da favela José Bastos em 1978. “Esse movimento teve grande influencia enquanto experiência para outros bairros da cidade, tanto pelo reconhecimento social e político das lutas urbanas pelo poder público quanto pela divulgação do desenrolar dos conflitos nos meios de comunicação de massa”. (Barreira, 1992: 27)

No final da década de 70 e início dos anos 80, surgem as primeiras tentativas de unificação de movimentos específicos com criação da União das Comunidades da grande Fortaleza em 1979 e posteriormente com transformação do movimento interbairro em 1982 na Federação de Bairros e Favelas de Fortaleza.

A periferia de cidade é o cenário privilegiado onde o impacto desses movimentos e grupos tomam forma nas mais variadas formas de organização. Esse fervilhar de mobilização existente nas franjas dos bairros pobres da cidade tomam visibilidade pública. Emergem a cena pública o mundo subterrânea, com toda sua intensidade e vontade de manifestação.

Nesse contexto, vários estudos importantes foram realizados buscando compreender essa nova dinâmica social e cultura nos bairros e favelas da cidade.

Os estudos de Diogenes (1989), acerca da identidade política dos movimentos sociais urbanos, representa uma dessas tentativas. A autora avalia que os movimentos sociais urbanos, emergentes na periferia de Fortaleza, aparecem localizados num primeiro momento na esfera privada e só posteriormente ocupantes da esfera pública impondo novos valores na cena política. A identidade desses movimentos é vista como constituído a partir de intervenção do Estado e da sua institucionalização. Mesmo reconhecendo não ser campo institucional e a relação com o Estado o único elemento capaz de definir a identidade dos movimentos sociais. Seriam também as ações internas marcadas por processo de auto gestão e de ajuda mútua, elementos importantes para construção da identidade dos movimentos Sociais Urbanos em Fortaleza.

A autora compreende a emergência dos movimentos no bairro a ocupação dos espaços permitido pelo poder opressivo. Espaço esses permeado pelo silêncio, pela privação e privatização. . Para autora há um consenso em torno do processo de revitalização dos movimentos sociais em Fortaleza, no qual o mesmo teria ocorrido em virtude de três aspectos: repressão aos partidos políticos; a pouca expressividade do movimento sindical e a enorme quantidade de trabalhadores não engajados diretamente no setor produtivo. Esses aspectos de acordo com Diogenes (1989) seriam elementos importantes que tornaram o bairro o local privilegiado de mobilização. Destacam-se também nesse processo de revitalização a presença dos agentes externos como a igreja, ONGs entre outros mediadores.

Ao buscar uma mediação entre necessidade e afetividade, Diogenes (1989) reconhece a importância dos valores gestados nas práticas sociais dos movimentos de bairro como a solidariedade, a união, a amizade, a noção de direito e de amor. A autora percebe que é na esfera do vivido, ou seja das experiências vivenciadas pelos próprios sujeitos no bairro que o espaço do cotidiano reedita a política com outras feições. Revela-se nessa relação um paradoxo entre o público e o privado. Há uma valorização do espaço privado em contraposição ou repúdio ao

espaço público enquanto espaço tradicional da política. Isto é possível devido ao conteúdo pouco relacional dos M.S.U. em uma determinada conjuntura, que impede um processo de diferenciação e reconhecimento, mas que ao mesmo tempo possibilita a gestação de novas “identidades políticas”..

A interrelação que a autora busca entre necessidade e afetividade está permeada por uma ambigüidade entre concepções, que buscam valorizar os aspectos internos como a sociabilidade, a dinâmica cultural e a interação social e outra que dimensiona a relação do M.S.U. com o mundo sistêmico: o Estado, a formação sócio-econômica, as Instituições Públicas. Nesse caso essas esferas representam o espaço legítimo de representação e necessariamente o espaço de transformação. A ambigüidade se explicita entre mudanças de valores, de normas e regras do mundo social e mudanças institucionais da formação sócio-econômica. O paradoxo se estabelece entre mudanças a nível do cotidiano e mudanças gerais. Significa a passagem do “Eu” localizado que está moldado por relações interpessoais em direção ao coletivo, ao espaço público e sua inserção no campo político.

Há momentos ainda que a autora privilegia a produção de “valores” no qual o fazer político não significa apenas uma instância da ação, mas também da produção da palavra e de um novo discurso. No entanto é no espaço público onde se dão as mediações institucionais que a autora identifica como espaço legítimo de constituição das identidades políticas.

Diogenes (1989) vai buscar no reprimido inconsciente e nos processos de desobstrução dos recursos de comunicação dos movimentos sociais urbanos a capacidade de poder recuperar e trazer a público conteúdos, subjetivos. Essa capacidade está implícita nos contatos que os membros de um grupo estabelecem nos encontros e reuniões. É nessa teia de relações que os indivíduos vão liberando do imaginário signos que segundo a autora., representam uma contracultura que desenvolve a capacidade de revelar as formas de dominação introjetada em cada indivíduo.

A construção de novos valores, a capacidade de descobrir-se como sujeito é para Diogenes (1989) o elemento fundante da emergência de novas

identidades e dos movimentos sociais. “A partir de todas essas questões poderíamos ser levados a afirmar que os movimentos sociais nascem construindo um conjunto de valores configurados imaginariamente a partir de uma iluminação”. (Diogenes, 1989)

Uma contradição do estudo de Diogenes (1989) é que em todo seu trabalho se estabelece uma ambigüidade entre o conteúdo da dinâmica social dos movimentos sociais urbanos e as análises sistêmicas que compreendem essas ações. Sua abordagem pergunta, se os valores gestadas nestas “novas” práticas apenas referem-se ao campo do discurso da política ou institui “novas” relações, “novas” regras de sociabilidade nos bairros periféricos de Fortaleza?

Diferentemente dos estudos de Diogenes, podemos encontrar outras vertentes no qual a dimensão interna é super valorizada em detrimento das mediações institucionais. Os estudos realizado por Cordeiro (1989), na periferia de Fortaleza acerca dessas redes de sociabilidade, é bastante enfático nesta direção.

Em seus estudos Cordeiro (1989) critica as formas de organização de vida social que tomam forma a partir de uma ação externa apenas com o objetivos reivindicativos ou filantrópicos. Para autora são as formas legítimas de entendimento, baseadas no princípio da autonomia e da livre expressão da palavra que reorientam os caminhos da democracia. Na sua compreensão as formas de sociabilidade vivenciada pelas CEBs em Fortaleza apontam caminhos nessa direção.

“Inspiradas pela cosmovisão Religiosa do Reino de Deus e vivenciando uma integração social assentada em valores éticos, penso que as comunidades Eclesiais de Bases estão apontando novos rumos para edificação democrática”.(CORDEIRO 1989: 7).

É na cosmovisão Religiosa do Reino de Deus reavaliada pela teologia da libertação que Cordeiro (1989) avalia o movimento das CEBs em Fortaleza. A contraposição estabelecida entre os sistemas auto-reguladas pelos mecanismos como o poder, o dinheiro e a prática instituída pelos movimentos das CEBs no qual a reflexão é resgatada como atividade nobres que emerge uma nova prática

comunicativa capaz de resgatar as estruturas do mundo vital, e de motivar a busca do sentido através de boas razões obstruídos pelos meios sistêmicos.

A Utopia religiosa da CEBs fundamenta-se numa nova sociabilidade apoiada na solidariedade e na comunhão dos homens marca essencial do Reino de Deus, reino de justiça e da liberdade. Utopia esta que se consubstancia em ações práticas realizadas, através da denuncia e anúncio de um novo mundo transformado. O discurso fala de um mundo justo e liberto das opressões e da alienação. Esta mudança não é vista somente do ponto de vista político mas também material, espiritual e humano.

A autora parte de pressupostos ideais do processo de organização dos grupos sociais. Poderíamos destacar entre esses pressupostos a simetria entre os membros dos grupos, o respeito mútuo entre os membros e a capacidade dos grupos de estabelecer consensos por meio de boas razões.

A criação de uma verdadeira sociedade humana para os agentes das CEBs significa a liberdade total. Liberdade que se expressa na libertação, na liberação de toda forma de opressão material e simbólica e na exigência ética de uma nova organização que possibilite o desabrochar da criatividade humana com base na autonomia e na liberdade. Tal Libertação significa a criação de um novo homem numa sociedade solidária livre da miséria e da exploração. Para Cordeiro “o progresso temporal que antecipa o Reino de Deus é crescimento material e solidariedade social, aumento da produtividade e aumento da consciência, a apropriação social dos meios de produção e da gestão política” (CORDEIRO, 1989:38).

Liberdade esta conquistada através de uma comunicação livre de toda coerção e opressão. Essa comunicação busca sobretudo integrar a dimensão instrumental e ética, presente na racionalidade comunicativa no mundo de vida do cristianismo. É a partir da racionalidade comunicativa, religiosamente interpretada que se estabelece a crítica a sociedade instrumental.

É no contexto de um quadro institucional não coercitivo que os atores são capazes de instituir um processo de auto reconhecimento e estabelecer um processo de diferenciação. Quando criadas essas possibilidades é que emergem

as condições para autonomia dos grupos sociais e a instauração de uma autêntica comunidade. Autonomia esta, que deu espaço para se pensar num mundo igualitário, livre e fraterno. Nesse mesmo contexto podemos pensar ainda na liberação de uma consciência que ultrapasse as prescrições haja visto não terem sido interpretada e escolhida num processo interativo livre da coerção. Tal Consciência deve ser construída num processo de comunicação livre como a única base legítima para o surgimento de normas e instituições baseado no amor universal, na autonomia e na fraternidade.(Cordeiro, 1989)

As mediações externas que os grupos sócias mantém no bairro e as mediações institucionais que os atores estabelecem nos processo de negociação social são pouco discutido no estudo da autora. Diria ainda que Cordeiro não leva em conta os conflitos internos dentro dos próprios grupos que se tornam visíveis nos momentos de crise. A harmonia é o elemento de destaque na discussão de Cordeiro (1989).

Para Cordeiro (1989), a concretização dessa consciência liberada está na ação organizada e na participação coletiva dos indivíduos na comunidade. A organização em CEBs é que possibilitará a construção de uma nova sociedade no qual os sujeitos, são artificies da nova ordem através de uma “praxes libertadora em torno da união dos moradores”. (Cordeiro, 1989: 41).

Ao explicitar o conteúdo da organização das CEBs, Cordeiro (1989) vai buscar na sua dinâmica interna, mas especificamente na forma de interação social os aspectos que dão consistência as forma de solidariedade nestes grupos. A autora destaca como elementos mais importantes no processo de organização desses grupos a tradição e a cultura entendida a partir da experiência da religião enquanto elemento diacrítico de agregação social.

As CEBs para Cordeiro (1989) representam o abandono ao apelo individualista e ao grupo primário como “meros privilegiados de transmissão da fé e retoma-se sua dimensão pública como fator de elaboração de ideais libertários e de transformação das relações sociais. Esta presente portanto na CEBs o espírito comunitário alicerçado em relações imediatas, primárias, afetivas e nominais. “A

dimensão comunitária é assegurada pela busca sincera da igualdade e da fraternidade enquanto qualidades fundantes do Reino de Deus.”(Cordeiro,1989: 46)

A uma supervalorização das perspectivas do grupo no estudo. O discurso do atores transforma-se em verdade inquestionável. Poderíamos dizer que a dimensão do cotidiano do bairro é esquecida em função de pressupostos de igualdade e harmonia a serem atingidos.

A partir de um processo onde a palavra é o elemento integrador, dadas as relações comunicativas que a torna coletiva e livre, os homens atuam também de forma democrática através de uma participação direta na vida da comunidade. Esse processo de “comum-união” é assegurado pelo respeito aos mais fracos e pelo exercício do poder como serviço. Nesse sentido, são os elementos culturais e os valores próprio de sua tradição vivenciada que orienta a uma prática alternativa na busca da justiça e dignidade, co-responsabilizado-o pela construção de uma convivência habitável para todos.

Enfim para Cordeiro (1989), “As CEB, então rechaçam o economicismo e redescobrem a perspectiva política da democracia”. A questão não é simplesmente resolver problemas materiais - ter mais - mas resgatar a dimensão da autonomia e da liberdade na definição da vida social, enfim, a dimensão da participação autêntica.

As CEBs são espaços que a comunidade se auto-reconhece enquanto sujeito. A comunidade cria elos de sociabilidade, de diálogo e de reflexão que quebram a estrutura massificamente do sistema. A partir de uma linguagem própria do meio cultural e simbólico os indivíduos emitem sua opinião sem medo de serem desprezados pelos que vivenciam a sua experiência cotidiana. Vivi-se o presente e toma-se como horizonte uma vida digna e fraterna na terra. Nesse sentido a autora observa:

“Percebemos que a CEBs da Rua Mundaú instaurou no Lagamar um modo de vida alternativo, baseado numa visão de mundo marginal em relação às ideologias dominantes. Não há apenas a oposta, ainda que sincera na possibilidade (ou na irreversibilidade), em se alcançar uma sociabilidade mais enraizada em valores como a igualdade a liberdade, mas

também o esforço cotidiano em implantar relações sociais com base no ethos alternativos a partir de hoje, a partir do vizinho, a partir da luta concreta”. (Cordeiro, 1989: 136).

O processo de integração social nas CEBs baseado na fraternidade e na solidariedade entre seus membros pode ser visto na própria rede de relações quotidianas. Nessa rede de relações, o respeito a palavra do outro, a simetria entre seus membros, o respeito aos mais fracos, a socialização da direção, e o exercício do poder como serviço são indicadores de um processo de democratização das formas de convivência social. Nesse sentido, afirma-se uma racionalidade ética baseada em fins, em normas e valores que dimensionam novas formas de integração social e de identificação. Esses parâmetros apontam para novas questões dos direitos sociais e humanos, tomando por base a noção de justiça e a busca radical da igualdade e da liberdade. O surgimento desses direitos na consciência dos homens são elementos que servem de fio condutor para os grandes embates sociais(Cordeiro, 1989:151).

Enquanto elementos de uma rede de solidariedade podemos identificar as CEBs como um movimento de características bastante particulares. O fato de ter como elemento de integração a cosmovisão religiosa é enfático para percebermos uma certa homogeneidade de sentido na coordenação das ações o que é bastante explorado pela autora. No entanto, esses grupos não estão isentos da divergência de opiniões e dos conflitos que perfazem o cotidiano no bairro. Na maioria das vezes esses grupos vão dando espaço no bairro a novas formas de interação que se caracterizam pela participação mais ativa nas mediações institucionais . Devido ao fato da autora supervalorizar os elementos de integração impossibilita a percepção das principais contradições que os grupos estabelecem nas mediações institucionais que atuam como fator gerador de conflitos no seio do próprio grupo.

Estamos diante portanto de duas formas de compreensão bastante diferentes. A primeira, busca a compreensão da emergência da identidade dos movimentos no espaço público, na mediação dos movimentos e grupos com o sistema institucional sem perder de vista as relações internas que os grupos matêm no bairro. A segunda valoriza o espaço do bairro, mas especificamente as relações

internas no seio dos próprio grupo, como elementos fundamentais para identidade dos grupos sociais. No entanto o cotidiano dos moradores no bairro nas duas abordagens não é levado em consideração. Isto a meu ver dificulta a compreensão das formas de organização dos moradores da periferia.

É interessante pois demonstra uma terceira tentativa de compreensão desse movimentos e grupos emergentes na periferia de Fortaleza que busca interrelacionar a dinâmica interna, as mediações institucionais e o cotidiano do bairro.

Os estudos de Barreira (1992), acerca dos “movimentos populares” em Fortaleza, representam uma síntese do contexto em que emergem esses movimentos na periferia de Fortaleza. Para a autora, as práticas de contestação presentes nos movimentos sociais, vêm acompanhadas de uma desnaturalização da vida cotidiana. Os movimentos populares emergentes na periferia da cidade, representam uma nova cultura política, com novos significados de natureza Sócio-cultural e política. Esses novos movimentos sociais, para Barreira, estariam suscitando, a partir de uma nova linguagem, mudanças nos valores éticos, bem como, a formação de uma identidade contrastiva com as formas institucionalizadas de fazer política. Barreira percebe nesses movimentos a emergência de um contra-discurso que se opõe às formas de dominação política e as desigualdades institucionalizadas pelos grupos dominantes.

“No labirinto de zonas periféricas descobriram-se formas cotidianas de sociabilidade que, a princípio isoladas, imergiram como teias importantes de revitalização de uma sociedade na busca de democracia”. (Barreira, 1992: 11).

“A cena cotidiana costumeira mais pálida, reafirma-se com vigor, mostrando modos de vida, percepção da realidade social e formas mobilizadoras de pressão política”. (Barreira, 1992: 12).

Encontramos nos estudos de Barreira (1992) uma interrelação entre os espaços públicos e privados no processo de constituição dos movimentos populares. As práticas de contestação no espaço público são componentes

importantes para desnaturalização da vida cotidiana. Isso porque existe uma preocupação da autora em compreender os significados de natureza sócio cultural e política que estão presentes nesses movimentos.

Essa compreensão não impede a autora, de perceber nesses movimentos seu conteúdo de mudança. Essa compreensão possibilita a autora uma análise mais consistente sobre o conteúdo das mudanças possíveis no cotidiano dos moradores da periferia da cidade. A noção dos direitos e a busca da dignidade estão presente no discurso e na prática dos novos movimentos e grupos:

“As Lutas Sociais são permeadas de percepções críticas sobre a realidade fundamentadas em discursos onde novos valores éticos passam a indicar referências de melhores condições de vida”. (Barreira, 1992: 31)

“A Noção de direito remete a um Ideal de Justiça Social e bem comum que extrapola a formalização das regras de convivência”. (Barreira, 1992: 45)

As mudanças apontadas por Barreira (1992) estão necessariamente imbricadas a situação concreta vividas pelos moradores dos bairros pobres da periferia da cidade. A organização em torno dos movimentos e grupos é que tornaram possível a visibilidade do conteúdo dessas mudanças nos valores, nas normas e regras de convivência social que estavam latentes ou submersas nos bairros. Ao tornarem públicos o modo de vida das camadas populares os movimentos de bairro deram sinais de mudanças na própria ordem social:

“O Discurso sobre direitos, que fundamenta reivindicações e da elementos para construção de uma consciência de “injustiçado” é um dos exemplos de que à percepção que os moradores têm de sua condição questiona o Sistema dominante, criando símbolos próprios, de acordo com as experiências dos agentes sociais em contato com concepções diferenciadas a cerca da realidade social”. (Barreira, 1992: 161).

“É possível, portanto, considerar essa cultura como criadora e assimiladora de críticas e profissões de mudanças, nas quais tanto a cidade como os cidadãos passam a ocupar espaços distintos das atividades anteriormente”. (Barreira, 1992: 172)

Esses indicadores de mudanças implícitos no estudo de Diogenes (1989) e super dimensionados no trabalho de Cordeiro (1989) estão interrelacionados na análise de Barreira (1992). Nesse sentido, o estudo proposto não poderia nessa perspectiva deixar de ter uma preocupação com o conteúdo dessas transformações ao nível do cotidiano do Conjunto São Miguel no momento atual, e as suas implicações a nível do imaginário dos moradores do bairro. É necessário perceber as diversas redes de sociabilidade no bairro sem perder de vista as formas dominação e desigualdades presentes no seio dos moradores e dos grupos. A cultura aparece como dimensão que dá as pré-condições as formas de organização política no bairro.

O Conjunto São Miguel esta inserido nesse processo de mobilização das classes populares que emergiram no subterrâneo dos bairros da periferia pobre de Fortaleza no espaço público como podemos perceber.

O traço marcante do conjunto é que o mesmo representou um marco de luta por moradia em Fortaleza, quando seus moradores ocupavam um terreno na Av. José Bastos, no anos de 1978. Esse movimento teve grande repercussão enquanto experiência para outros bairros da cidade, tanto pelo reconhecimento social e político das lutas urbanas pelo poder público, quanto pela divulgação do desenrolar dos conflitos nos meios de comunicação de massa (BARREIRA, 1992:27).

A dinâmica Sócio-cultural e política dos moradores do Conjunto São Miguel ficou marcado na história de lutas populares em Fortaleza. “O movimento da José Bastos aconteceu em um tempo no qual a marca da mudança e a busca da participação sintetizavam o slogan da rejeição a ditadura”.(Barreira, 1992:73).

A luta por moradia na José Bastos trouxe a tona um movimento que se movia nos subterrâneos da cidade. No ano de 1979 quase três mil famílias ocuparam um terreno na Avenida José Bastos. Na sua maioria essas famílias eram provenientes do interior do Estado ou assalariados que não mais suportavam os preços dos alugueis cobrados. Estabeleceu-se um conflito entre os ocupantes e o

proprietário no âmbito do poder Judiciário que culminou com autorização para a evacuação do terreno e o ressarcimento de posse ao proprietário.

Os moradores resistiram a ordem judicial e lutaram com apoio de políticos, de partidos, da igreja, de associações de classe e intelectuais contra a expulsão. Várias manifestações em favor dos moradores ganharam significado público como a Virgília da Solidariedade. O movimento passa a ocupar espaço nos meios de comunicação de massa e toma visibilidade pública.

Os moradores se organizam com a criação do Conselho Comunitário Francisco Gonçalves, nome este em homenagem a um morador que foi baleado e ficou paraplégico em virtude de um tiro quando de um dos conflitos com policiais militares.

A resistência dos moradores e o apoio oferecido pela Sociedade Civil e a opinião pública não foram suficientes para convencer o Coronel Virgílio Távora da proposta de compra do terreno ocupado. A negociação possível foi a compra de um terreno próximo ao Frigorífico de Fortaleza nas imediações do município de Caucaia pelo Governo do Estado.

A transferência das famílias se deu num clima de revolta e divisão de opiniões no seio dos moradores e das representações que apoiaram o movimento da José Bastos. Num clima de tensão e repressão os moradores foram transferidos para o distante São Miguel:

“O que aconteceu no São Miguel na nossa chegada porque foi tudo de repente. Começamos aquele trabalho na José Bastos de muita agressão dos policiais. E não ia sair de uma forma agradável, então teve condições e nós saímos de supetão. O que nós encontramos no São Miguel de início foi muita dificuldade. E nossas casas fomos nós mesmos que construímos.

Nós tivemos a parte de sofrimento também, nós tivemos a parte de relento, não existia casa, existia aquelas lonas do exército, mas era muito pouca. E ali mesmo nós batalhamo, fomo continuando nosso trabalho e graça a Deus

hoje nós tamo bem melhor a vista que nós chegemo aqui no São Miguel”.(Raimundo, atual presidente da Associação dos Moradores do Conjunto São Miguel).

O movimento da José Bastos redefiniu uma nova política do poder público na área de ocupação do solo urbano. Nos meandros institucionais foi criada o Programa de Apoio as Favelas da Região Metropolitana de Fortaleza - PROAFA, que passou a definir uma nova política para Favelas de Fortaleza tendo como marco esse movimento.

“Eu acompanho da Zé Bastos, a Proafa você sabe quem fundou ela fomos nós, sabe disso”. (Dona Sebastiana, moradora do Conjunto São Miguel, 1994).

Esse referencial é importante para atentarmos para as mediações sócio-políticas em que estão envolvidos o cotidiano dos moradores do Conjunto São Miguel. Estas relações vão estar presentes nos diversos grupos e movimentos que emergiram no Bairro.

Os moradores da José Bastos que foram expulsos e transferidos para o Conjunto São Miguel vivenciaram no seu processo de organização diversas formas de sociabilidade. Na fase da ocupação e dos conflitos na José Bastos o acirramento político favoreceu a criação do Conselho Comunitário Francisco Gonçalves que se caracterizou pela demarcação do espaço político em favor da permanência dos moradores no terreno ocupado em confronto com o estado e o poder judiciário que respectivamente colocaram-se contra a permanência dos moradores, dando a reintegração de posse ao proprietário. As pré-condições em que os moradores se encontravam possibilitou um processo de organização onde a luta pela moradia deu a tônica da luta de resistência dos moradores.

Após a transferência, a luta de resistência e a dinâmica das formas de mobilização no bairro sofrem um refluxo que é percebido pelos moradores como sinal de perda dos laços de solidariedade no novo local de moradia.

“O povo do São Miguel não tem mais aquele povo que vieram da José Bastos, que ganharam a luta entre pau, briga e peia. Hoje se acontecesse aquilo o São Miguel ficaria deserto, porque hoje ninguém tem amor uns pelos outros, por isso é que eu acho que a nossa dificuldade maior, de se lutar pelo Conjunto São Miguel é nessa técnica, falta de educação, carinho pelos outros e amizade, se chegasse o dia voltar-se o São Miguel ter amizade um por todos por um, acredito que nessa parte aí o São Miguel melhoraria cem por cento do povo com o povo”.(Luiz ex-vice-presidente da Associação dos Moradores do Conjunto São Miguel).

Isso por si só não explica essa quebra dos laços de solidariedade. Outros fatores foram importantes para as mudanças ocorridas no processo de “desmobilização” dos moradores. A divisão ocasionada pelo trabalho de “convencimento” realizado pelas assistentes sociais da Fundação do Serviço Social do Ceará e pela igreja católica no seio dos moradores incentivando a mudança para o terreno negociado pelo governo do Estado nas imediações do município de Caucaia, ao lado do Frigorífico de Fortaleza, distante dos locais de trabalho dos moradores e totalmente isolado da infra-estrutura urbana de Fortaleza. A quebra dos vínculos de vizinhança na construção das casas no Conjunto São Miguel. O trabalho assistencial desenvolvido pela Primeira Dama Luiza Távora, com o apoio das assistentes sociais. O medo introjetado através das constantes violações dos direitos dos moradores na José Bastos através da violência policial.

No novo local, os moradores retomam as formas de convivência social acompanhados de perto pelos técnicos do Estado agora instalados no Centro Social Carola Picanço, que passa a acompanhar toda a dinâmica social, política e cultural dos moradores no bairro. A igreja católica passa também a ter um importante papel no imaginário e nas formas de entendimento entre os moradores.

As constantes visitas da Primeira Dama Luiza Távora no conjunto São Miguel estabeleceu formas de dependência dos moradores das políticas assistencialistas, num misto de paternalismo/dependência, clientelismo/alienação,

autoritarismo/conformismo, ainda hoje presentes no discurso e na prática dos moradores.

Foto 16

A dinâmica sócio-cultural e política no bairro vai gradativamente recriando seus espaços sociais e estabelecendo redes de sociabilidade entre os moradores. As mulheres e donas de casa, os idosos, os trabalhadores do comércio, da construção civil, os biscateiros, os desempregados criam e recriam no bairro espaços de reconhecimento e auto-reconhecimento que vão moldando as relações entre os moradores da antiga José Bastos.

A precária condição do bairro é enfrentada pelos moradores através da Associação dos Moradores que trava uma luta permanente com os poderes. As incansáveis idas e vindas aos órgãos públicos. As reuniões entre os moradores e a diretoria da associação que terminam gerando conflitos em virtude das demoras negociações com os poderes suscitando por parte dos moradores desconfiança e descredito nos dirigentes da associação. Isso, no entanto, não implica que esse espaço de sociabilidade política entre os moradores contribua para estabelecer formas de entendimento e relações de solidariedade no bairro mesmo diante dos conflitos vivenciados pelo grupo.

Os grupos onde a política penetra de forma mais esporádica vão constituindo as suas formas de organização no bairro. O lazer encontra no futebol um espaço importante de confraternização e de mediação das relações de companheirismo entre os moradores sem esquecer os conflitos de interesses existentes. Nos finais de semana a Associação Esportiva Santo André congrega um grande número de torcedores e jogadores que participam das animadas partidas de futebol no campo de futebol do bairro.

O teatro, as brincadeiras, os encontros são espaços importantes constituídos pelo grupo de jovens no bairro. O processo de identificação dos participantes se dão basicamente pela faixa etária dos mesmos. O lazer e a

informação são bastante enfatizados pelos jovens. A ironia e a irreverência dos participantes é visível nas reuniões do grupo. A vinculação com a igreja católica é notória. Os jovens participam da catequese, das pastorais, dos grupos de crismando ligados a igreja. Participam de encontros e passeios em outros bairros da cidade. É nesse contexto que os jovens vão criando e recriando seus espaços de convivência social no Conjunto São Miguel.

As demais formas de interação no bairro como: o grupo de idosos, grupo musical, alcoólatras anônimos, mães da creche comunitária ,etc. são partes integrantes de diversos espaços sociais vividos pelos moradores no conjunto. Procuraremos mostrar mais sistematicamente no trabalho de pesquisa as formas de sociabilidade no bairro enfatizando as formas de socialização política e cultural e sua importância na dinâmica societária no Conjunto São Miguel.

III. ESCLARECENDO SOBRE O PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO E ANÁLISE.

“ Dois empreendimentos são aqui possíveis. O primeiro vai do mais geral ao mais singular (das instituições para a vida cotidiana) e descobre-se então a cidade como plano específico e como mediação privilegiada (relativamente). O segundo parte desse plano e constrói o geral utilizando os elementos e significações do observável urbano . Esta segunda hipótese procede da mesma maneira para atingir, sobre o observável, o “privado”, a vida cotidiana dissimulada: seus ritmos, suas ocupações, sua organização espaço-temporal, sua “cultura” clandestina, sua vida subterrânea”.

Henry Lefebvre

O estudo que nos propomos realizar do cotidiano dos moradores da periferia pobre da cidade de Fortaleza tomando como referência as organizações populares no momento atual se coloca numa perspectiva sócio-histórica de compreensão da dinâmica política e cultural das classes populares. Sistematizar essas experiências de organização dos moradores da periferia através da compreensão da vida cotidiana requer novos paradigmas e uma percepção das diversas formas de manifestação dessas populações no dia-a-dia do bairro.

O trabalho de campo nesse caso exige não só uma observação atenta do cotidiano dos moradores mas também uma maior sensibilidade as práticas e as idéias dos atores sociais. Para Zaluar os

“artistas, poetas, humoristas, pensadores das ruas e bares também são capazes de gerar novas práticas e novas idéias críticas acerca da sociedades que vivem. Não é seu código “restrito”, com suas limitações de léxico ou de gramática, que os destina ao tradicional, ao local e ao paroquial. Talvez seja pelo modo particular como suas descobertas ou propostas são comunicadas que uma cultura se diferencia da outra.” (Zaluar, 121)

Partimos nesse sentido do plano do “observável urbano”, da vida cotidiano dos moradores da periferia, das franjas da sociedade para se compreender um dos aspecto da cidade de Fortaleza, a vida cotidiana dos moradores dos bairros pobres da capital cearense. Pretendemos compreender a vida subterrânea dos moradores da periferia. Neste contexto os atores deste teatro da vida são operários, desempregados, biscateiros, donas de casa, mulheres da rua, jovens, idosos que moram nos bairros distantes da grande Fortaleza.

O conhecimento do sentido das ações humanas e da dimensão simbólica devem ter o compromisso com os dilemas existenciais da vida. A análise, como nos ensina Geertz (1989), deve penetrar o próprio corpo do objeto para apreender a lógica informal da vida real presente no discurso social.

Uma análise dessa natureza, além de uma explanação sobre a dimensão simbólica dos atos significastes dos seus informantes, deve ser incisiva num trabalho de observação. Isso porque, muitas vezes, o testemunho do agente

pode ocultar o nexos real da orientação de suas próprias ações, devido a “motivos e “repressões” desconhecidas pelo mesmo.

Outro aspecto importante está na interrelação do universo simbólico com os acontecimentos sociais e ocasiões concretas, onde interagem as sentimentos e as instituições, as estratificações políticas e econômicas onde estão presentes as paixões, as representações, o lúdico e o gratuito (Geertz, 1989).

Diria, ainda, que essa tarefa nos leva, necessariamente a uma abordagem interdisciplinar, haja vista a interrelação entre o universo simbólico onde atuam as representações acerca das normas, dos valores, das vivências e do mundo social no qual estão presentes os componentes estruturais do mundo vivido (cultura, sociedade, formação das identidades). E, por outro lado, as instituições políticas e econômicas que integram o mesmo contexto.

O conhecimento dos processos de sociabilidade que se estabelecem no bairro nos pequenos grupos de referência e convivência, exige uma interpretação mais profunda do universo da cultura, da integração social e dos processo de socialização em que estão inseridos os diversos atores sociais. Partindo desses pressupostos, alguns recursos metodológicos são necessários.

A delimitação do campo da pesquisa ao Conjunto São Miguel se deu pelas especificidade históricas do bairro, pela diversidade dos grupos existentes no bairro, pela sua dinâmica social e cultural, e pela dimensão dos conflitos e das contradições observadas no bairro a partir de 1989 até o momento atual.

O trabalho de observação foi outro elemento utilizado na pesquisa, tendo em vista uma melhor compreensão da vida cotidiana dos atores sociais. A observação das condições concretas nos ajudou a perceber as condutas normativas que dão sentido às ações das pessoas e dos grupos, as formas de sociabilidade no bairro. As observações nos possibilitaram ainda compreender as articulações entre o modo de vida dessa população e a sociedade como um todo, verificando os dilemas na atuação desses pequenos grupos. Os detalhes obtidos no processo de observação nos proporcionará interpretar a dimensão da vida.

Outros recursos necessários foram as entrevistas e histórias de vida com informantes-chaves e com membros de diversos grupos. Utilizamos essas estratégias para compreender as representações dos atores sociais acerca das memórias, do seu modo de vida e das suas expectativas. Mais especificamente, esses recursos poderão ajudar na interpretação dos motivos e sentido das ações dos diferentes atores sociais, bem como, nos ajudarão a perceber os processos de formação das identidades das pessoas e dos grupos que atuam no bairro. De forma mais geral, esses recursos deverão nos ajudar a entender a história do bairro dentro do contexto das transformações do espaço urbano de uma cidade como Fortaleza.

Para reconstruir a história do bairro utilizamos ainda material documental como jornais e documentos como atas e relatórios. Esses documentos serviram como elementos para reconstrução de acontecimentos e datas importantes na fase de ocupação dos moradores na favela da José Bastos, e após a expulsão dos moradores para o Conjunto São Miguel. O jornal produzido pelo grupo de Jovens do bairro foi também importante para compreender a nova dinâmica dos moradores no bairro.

A proposta de pesquisa foi iniciada pelo trabalho de observação do cotidiano do bairro e das reuniões dos grupos. Verificamos que os pequenos grupos mantinham reuniões sistemáticas no bairro dinamizando a vida social e cultural do Conjunto São Miguel.

As visitas, nos primeiros meses de 1994, tiveram como objetivo retomar alguns contatos com as lideranças do bairro, pois em 1989 tínhamos participado do projeto de apoio às organizações populares do Conjunto São Miguel. Nesse período fomos assessor técnico da Fundação da Ação Social do Estado. Isso de certa forma, facilitou nosso retorno ao Conjunto e abriu espaço para participarmos das reuniões dos grupos e das instituições que pretendíamos acompanhar mais de perto.

Feito os contatos, passamos a participar tanto das reuniões dos grupos, quanto das suas atividades no bairro. A participação nas reuniões seguiu o cronograma das reuniões dos grupos: Associação dos Moradores, reuniões

quinzenais; Grupo de Jovens, reuniões todos os domingos; e a Associação Esportiva, reuniões mensais. No decorrer do trabalho, fizemos algumas visitas ao Centro Comunitário e a Igreja Católica do bairro, haja vista que muitas das atividades dos grupos estão vinculadas a essas instituições.

Essas visitas vieram confirmar o mapeamento preliminar dos principais grupos existentes no Conjunto São Miguel que havíamos realizado quando da elaboração do projeto de pesquisa no segundo semestre de 1993. A escolha dos grupos escolhidos na primeira fase do levantamento da pesquisa, foi acrescida apenas da Associação Esportiva Santo André. Este grupo demonstrou ter também influência na dinâmica Sócio-cultural do bairro mostrando ser um dos grupos que têm uma maior permanência, desde a criação do bairro em 1979 até o momento atual (1996).

Nas reuniões, observamos tanto a dinâmica interna de cada grupo, quanto as suas relações com a dinâmica do bairro e os contatos institucionais que os grupos mantêm externamente. Nossa preocupação quanto aos aspectos internos, foi perceber, a hierarquia dos grupos, os objetivos de cada organização, e as principais atividades desses grupos no bairro. Tínhamos o objetivo de construir uma caracterização dessas formas de sociabilidade.

Observamos, no tocante a hierarquia, que três grupos pesquisados se organizam com diretoria executiva, sendo duas formalizadas: Associação dos Moradores e Associação Esportiva e uma informal: Grupo de Jovens. As mudanças de direção dos grupos formais acontecem pelo processo de escolha por eleição direta. No Grupo de Jovens, as mudanças ocorrem quando da dissolução do grupo ou da desistência de um dos membros da diretoria. .

Quanto aos objetivos dos grupos, percebemos através dos depoimentos dos representantes que os mesmos estão em sintonia com as expectativas dos seus integrantes. A Associação de Moradores busca responder as demandas de melhorias para o bairro e uma maior integração das famílias. Para os jovens a convivência social e a informação são os principais objetivos do grupo. Enquanto a Associação Esportiva Santo André tem como finalidade o lazer para os moradores.

As atividades de cada grupo para atingir seus objetivos são as mais variadas possíveis. A Associação dos Moradores realiza visitas aos órgãos públicos, onde, encaminha ofícios e abaixo assinados reivindicando melhorias para o bairro, organiza assembléias e reuniões com os moradores para discutir os problemas e prestar conta das ações da diretoria. Para os jovens os encontros, as confraternizações, o teatro e as atividades da Igreja facilitam o processo de “crescimento pessoal” e de convivência social. Para os integrantes da Associação Esportiva Santo André são os jogos nos finais de semana e os pic-nics que ajudam a fugir da rotina do trabalho trazendo um pouco de lazer para os moradores.

Quando tivemos oportunidade de observarmos mais detalhadamente o cotidiano dos moradores no Conjunto São Miguel, percebemos que os pequenos grupos estão inseridos na dinâmica Sócio-cultural do bairro. Os grupos participam ativamente na organização das festas do padroeiro, das eleições no bairro, das festas juninas, das manhãs de lazer, e das confraternizações após os jogos. Podemos citar como exemplos a festa do padroeiro, na qual participam na sua organização a Associação dos Moradores, o Grupo de Jovens, as lideranças do bairro ligadas a Igreja e outros voluntários que se engajam nesse tipo de comemoração. A confraternização entre os jogadores, torcedores e a diretoria da Associação Esportiva Santo André é outro exemplo interessante. Após os jogos, os jogadores, torcedores e a diretoria se reúnem nos botequins do bairro para comemorar a vitória ou lastimar a derrota do time. Nessas comemorações todos se reconhecem enquanto morador, enquanto participante desses grupos.

Nessas redes de sociabilidade os vínculos de amizade e parentesco são uma marca sempre presente dos participantes. Nas observações e depoimentos percebemos que extensas famílias residem no bairro com vínculos de parentesco os mais variados possíveis. Esses vínculos de amizade e parentesco são fatores de identificação muito forte entre os moradores e entre os grupos organizados, como podemos notar neste depoimento de um torcedor da Associação Esportiva Santo André:

“O torcedor do subúrbio é muito mais aplicado do que aquele que vai para o estádio. Ele tem muito mais amor pelo clube de subúrbio, por ele tá próximo, muito próximo, da formação daquilo tudo. Ele também faz parte da formação do atleta. Ele

conheceu ele quando era criança. É de casa. É as vezes até um amigo dele. Ele tá próximo demais. Ele é tudo no esporte, na formação do atleta, na alegria o jogador joga por causa dele, pelo incentivo dele”.

(Samuel, torcedor da Associação Esportiva Santo André, 1994).

Essas teias de relações de amizade, de parentesco estão presentes nos diversos espaços sociais no bairro: nas missas, nos cultos, nos pequenos grupos informais, na associação do bairro, nas festas e nos jogos. Nesses espaços todos se reconhecem enquanto moradores, enquanto pessoas que vivem no bairro, com nome próprio e participante em algum grupo da comunidade.

Nos grupos pessoas de diferentes credos, concepções morais vão se acomodando aos interesses mais gerais dessas formas de sociabilidade. As pessoas transitam nesses diversos espaços sociais de acordo com seus interesses, disponibilidade de ajudar e satisfação de estar entre seus pares, conversando, brigando, dançando, jogando e rezando. Tudo vale para fugir da rotina do dia-a-dia, do tédio massacrante do trabalho e do isolamento no bairro como se pode notar nos vários depoimentos.

“Pra mim o futebol representa muita coisa, é o meu ponto de lazer, é a coisa que eu gosto, é me divertir aos domingos e o meu divertimento maior é a bola. Eu me sinto muito emocionado nos jogos aos domingos para que eu possa participar junto com meus amigos, para que a gente possa fazer um divertimento bom e agradável.” (Moésio, jogador da Associação Esportiva Santo André, 1994)

Envolvem-se nessa rede de sociabilidade no bairro, o Estado, a Igreja, as ONGs, os políticos muitas vezes presentes nas reuniões, nos encontros, nas eleições e nos eventos lúdico-religiosos no Conjunto São Miguel. Esses contatos se dão de forma descontínua com as diversas lideranças que funcionam como animadores e mediadores dos mais variados grupos no bairro. Nesses momentos estão em jogo reivindicações, crenças, formas de paternalismo, clientelismo e

assistencialismo, irreverência e criatividade que vão se acomodando aos diversos interesses nesse complexo jogo no bairro.

As várias visitas realizadas ao Conjunto São Miguel no primeiro semestre de 1994 tendo como intermediário os representantes dos grupos pesquisados facilitou nosso conhecimento do bairro. A partir desse conhecimento podemos identificar as principais lideranças do bairro e alguns moradores que poderiam contribuir enquanto informante para que pudéssemos compreender a história do bairro. Utilizamos os depoimentos para compreender a trajetória do Conjunto São Miguel, desde a transferência dos moradores da Favela da José Bastos em 1979 até o momento atual (1996).

Iniciamos as entrevistas com os informantes que poderiam nos dar uma melhor compreensão de história do bairro. Nesta primeira fase, ouvimos cinco moradores através de entrevistas abertas no qual os mesmos nos falaram sobre a transferência dos moradores da Favela José Bastos para o atual Conjunto São Miguel. Essa primeira fase teve como objetivo a compreensão da origem e da trajetória do Bairro nos primeiros anos de sua construção.

A partir de um melhor conhecimento da história do Conjunto São Miguel iniciamos as entrevistas com as lideranças do Grupo de Jovens, da Associação Esportiva Santo André. Essas entrevistas tiveram como objetivo aprofundar nossos conhecimentos da origem dos grupos e dos objetivos do mesmo. Outro aspecto que buscamos compreender na entrevista foi as principais atividades desses grupos no bairro. Nessa fase entrevistamos doze representantes da diretoria dos grupos pesquisados.

Numa terceira etapa passamos a entrevistar os participantes dos grupos pesquisados, como: torcedores da Associação Esportiva Santo André, moradores filiados a Associação do bairro e os integrantes do Grupo de Jovens. Nossa intenção ao entrevistar esses moradores era perceber como esses moradores viam as suas organizações e, quais as suas expectativas quanto as mesmas. Nesta fase realizamos vinte e três entrevistas.

As entrevistas realizadas no total de quarenta foram divididas por áreas temáticas no intuito de facilitar a análise. Heis o quadro para compreensão da expressão de um conhecimento válido das populações da periferia de Fortaleza.

III. OS PARÂMETRO TEÓRICOS NO QUAL AS DISCUSSÕES DA PESQUISA GANHAM CONDIÇÕES DE ANÁLISE E EXPOSIÇÃO

“Esta abordagem traz consigo um perigo: a volta a uma visão culturalista, na qual os valores e atitudes explicam a existência dos grupos. Como consequência, reinstala-se o relativismo cultural já tão criticado, e que reaparece tanto com suas virtudes: o respeito pela diversidade cultural, quanto com seus defeitos: a falta de medida para avaliar o significado da diversidade cultural. Por seu lado negativo dificulta a compreensão dos mecanismos de dominação, enquanto seu lado positivo legitima as especificidades e exige que as diferenças sejam tratadas com respeito em vez de serem estigmatizadas” Ruth Corrêa Cardoso

As discussões que permeiam a problemática do cotidiano dos moradores da periferia de Fortaleza tem levado em consideração algumas temáticas e conceitos que estão mediados pela prática das pessoas e dos grupos sociais, dentre os quais podemos citar: o bairro enquanto locus das formas de interação das diversas formas de sociabilidade emergentes na periferia da cidade;

a dimensão da construção da identidade como elementos importantes na constituição de uma nova cultura política e de novas práticas sociais; As formas de intercâmbio que esses movimentos e grupos estabelecem no seu cotidiano; a discussão das formas de emergência e manifestação desses movimentos e grupos na periferia dos bairros pobres da cidade e a construção de uma identidade autônoma baseada em novos valores éticos onde a noção de direito é fundamental. Nossa intenção nesse capítulo é procurar problematizar essas temáticas tendo em vista uma melhor fundamentação da pesquisa.

Mediado nessas temáticas os conceitos de bairro, de cultura e de movimentos sociais populares emergem interrelacionados as diversas análises. Procuraremos enfatizar esses conceitos no decorrer da discussão

3.1. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA DINÂMICA SÓCIO-CULTURAL DA VIDA COTIDIANA

“Há na verdade uma distância entre a “memória oficial” e a “memória do povo”. A primeira, à imitação de outros povos, busca fatos e feitos míticos para mobilizar o povo; por sua vez, nosso povo/massa, em sua dispersão, conserva como memória realidades sociológicas sobre o pão, saúde, trabalho, violência e prisão.” Hércion Ribeiro

A construção da memória dos moradores dos bairros pobres das cidades reflete as condições de miséria e pobreza em que grande parte dessa população está inserida. Isto não implica numa total desesperança como podemos observar no cotidiano desses moradores. Há uma esperança, um desejo que um dia as coisas possam mudar, que um dia as coisas melhorem. Para Ribeiro (1994) a memória dessa população é construída em dois planos. A realidade presente que lembra as agruras de hoje iguais às de ontem, iguais às de seus pais; e a utopia de que amanhã as coisas poderão ser melhores.

Esta relação de pobreza e miséria em que esta população vive revelar-se numa dualidade sempre híbrida de sua identidade. Numa constante

harmonização entre conciliação e resistência que se aprende na própria situação de sofrimento, de carência e de esperança que vai além de toda objetividade ou racionalidade. É nesse contexto que as classes populares vão organizando a sua vida quotidiana, sem grandes utopias, mais certo que um dia as coisas vão mudar.

Esta “racionalidade “subjéitiva de acordo com Ribeiro (1994) tende para padrões ambíguos de nossa identidade, tais como: o autoritarismo, a resistência, o jeito, a malandragem, o messinismo. Isto implica numa busca sempre presente do relacional. Um sistema de valor onde o relacional é fundamental.

Para Roberto Da Matta “a sociedade brasileira é relacional. Um sistema onde o valor fundamental é relacionar, misturar, juntar, confundir, conciliar. Ficar no meio, descobrir a mediação, estabelecer a graduação, incluir (jamais excluir). Sintetizar modelos e posições parece constituir um aspecto central da ideologia dominante brasileira”. (Da Matta, 1985, 90). Essa características da nossa identidade esta permeada pelas relações de desigualdade vivenciadas pela população mais pobre.

A identidade dessa população se caracteriza pelas relações assimétricas que são encorberas pelas formas dissimuladas de igualdade. As formas de exploração e a força dos poderosos é escamoteada numa relação dengosa, onde a dissimulação se expressa numa relação dialogal afetiva diante das formas de resistência dessa população. A parte mais forte, o patrão, o político, tende a conversar a parte mais fraca, o empregado, o eleitor, da sua condição sem recorrer a força. Sempre o lado mais fraco acaba cedendo, e o faz frequentemente certo de esta fazendo um favor. As relações de dominação tendem a ser escamoteadas

“Ocultam-se as relações de dominação exatamente ao beber uma “geladinha” ou uma “caninha”, mais depois um vai para favela e o outro para o palecete; um é o chefe e o outro o empregado; porém ambos são amigos. Mesmo convivendo nos mesmos espaços físicos, o autoritarismo introjetado e rejeitado, é vivido pelos ricos que mandam pelos pobres que

obedecem; aos homens tudo é possível e às mulheres compete o recato; para as autoridades, todos os direitos, e para os subalternos, favores.” (Ribeiro, 1994, 80)

Estas relações dissimuladas de favor e de mando favorece a formas de resistência cuja relação fatalista e resignada coloca-se como uma forma de prudência diante do autoritarismo e das relações desiguais. Isto não implica que esta forma de resistência tenha momentos de sobressaltos, que pode assumir ativas formas de contraposição na insurportabilidade da vida ou do idealismo revolucionário. Poderíamos ilustrar como exemplos as expressões violentas de saques, rapinas, quebra-quebras, brigas, depredações. Outra forma de resistência é a esperança. “A esperança é uma resposta ativa ao autoritarismo: um dia as coisas mudam”. (Ribeiro, 1994, 80)

A tolerância é outra forma de resistência das classes populares diante das relações desiguais vividas no cotidiano. A tolerância não exclui, mas acomoda, “da voltas por cima”. É melhor acreditar vendo tudo ou fazendo de conta que nada é nada. Tolerância-se porque é a relação menos prejudicial. A desesperança mistura-se com compreensão e se compõe com e de muitas formas.

Premido entre as condições de desigualdade, entre o autoritarismo e a resistência, a dissimulação toma as vestes de um espírito lúdico. Uma ludicidade que se desenvolve entre a indignação e o amor, a frieza e o calor, a indiferença e o perdão. Numa mistura plural em que tudo só pode ser explicado ou entendido pelo meio termo. Para Ribeiro

“A relação mistura-se , funde e confunde em combinações plurais quase impossível de determinar o fato senão pelo “mais ou menos”. Na verdade é uma relação que mistura conjuntura econômica, política, social com subjetivo e pessoal. “O coração balança entre os dois”. Então a secura das leis, a impessoalidade das instituições, a seriedade de todos se dividem e equilibram com as relações de oposição “dengosa”, que resiste “amolecendo” a intransigência.” (Ribeiro, 1994, 81)

Destacam-se nessa realidade alguns atores sociais que desempenham papéis importantes neste universo das relações de desigualdade, onde mistura-se, autoritarismo, resistência, conciliação e ludicidade: a família lugar onde se obtém prazer, mas também o núcleo de tensão e conflitos, mas que no momento atual pode ser considerada uma das forças sociais; as mulheres pobres que mais recentemente têm ocupado espaço importante nas lutas populares, no espaço de reprodução, no espaço do bairro, quebrando a imagem clássica da mulher dona de casa e os movimentos populares que significam a única mudança no contexto da modernização da tradição. São movimentos mais democráticos, mais participativos, mais criativos e de maior mobilidade. Esses atores sociais de mística forte, de sofrimentos e paixões atuam no cotidiano das classes populares, modificando valores e normas de convivência social. (Ribeiro, 1994, 80)

O cotidiano apresenta-se portanto como uma dimensão social importante para compreensão dos grupos e movimentos populares em uma determinada situação. A Dinâmica sócio-cultural nos bairros da periferia está ligada as diversas estratégias que essas populações encontram como meio de escapar da rigidez da vida quotidiana. As festas, o futebol, as bebedeiras, as reuniões informais, a conversa nas praças e ruas, as formas de organização, dão um tom lúdico e criativo e se opõem a vida linear da rotina diária. É no cotidiano que as pessoas e os grupos adquirem as habilidades para convivência na sociedade.

“ O homem nasce já inserido em sua quotidianidade. O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as suas habilidades imprescindíveis para a vida quotidiana da sociedade (Camada social) em questão. É adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua quotidianidade.” Agnes Heller

A compreensão do cotidiano das camadas populares passa portanto por uma percepção mais incisiva do universo discursivo dos sujeitos no espaço público. É nessa perspectiva que Geertz (1989) nos provoca (nós sociólogos) a

uma formulação mais incisiva da dimensão simbólica, sobretudo, no que se refere à linguagem figurativa que se expressa na metáfora, na analogia, na ironia, na ambigüidade, no trocadilho, no paradoxo e no ritmo. Para Geertz, estes artifícios pouco convincentes de “estilo”, têm uma importância fundamental na apresentação das atitudes pessoais em forma pública. Isto porque os significados das ações humanas para Geertz se expressam no espaço público da família, das praças, dos mercados.

A vida no bairro locus de nossas observações na periferia da cidade vive o constante dilema entre os momentos de intensa alegria e de prazer com outros momentos onde se manifestam a violência, as intrigas, os conflitos. Os momentos de orgia, de festa, de bebedeiras fazem parte do cotidiano dos moradores. Nesses momentos, vive-se o presente. As discussões, as brigas, e futricas estão presentes nos espaços públicos do bairro. São esses espaços que possibilitam as formas de pertencimento no pedaço onde se mora.

Nossas observações no bairro pesquisado demonstram que o processo de compreensão da vida cotidiano dos moradores e conseqüentemente do processo de socialização em que os moradores estão envolvidos nos leva a uma percepção mais minuciosa dos espaços onde se dão as formas de interação entre os mesmos. A praça, os bares, o campo de futebol, o centro social urbano, as igrejas, a rua são espaços importantes de interação. Nesses espaços se pode perceber as normas e regras de convivência social entre os moradores. Diria ainda que são nesses espaços que o discurso é percebido com sua sutileza e ambigüidade.

Isso nos coloca diante de um aspecto fundamental da compreensão do conceito de cultura. As formas de interação social estão alicerçadas no mundo vivido das pessoas e dos grupos de referência. É a partir desse arcabouço cultural que as pessoas se entendem acerca das coisas, das normas e das vivências.

A perda da orientação associada pela ausência de recursos culturais pode levar as pessoas e os grupos sociais a incapacidade de compreensão do universo dos direitos e das responsabilidades no qual as pessoas se encontram localizadas. Esta formulação de Geertz (1988) está diretamente ligada ao conceito

de cultura, enquanto mecanismo de controle externo, como fontes simbólicas de iluminação, com a qual damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas .

O conceito de cultura a nível das relações quotidianas nos possibilita compreender o sentido das formas de socialização e as formas de interação daí resultantes no bairro. Isso nos coloca dois desdobramentos importantes para compreensão das redes de sociabilidade na periferia haja vista que o conceito de cultura proposto visa o sentido das ações humanas e as formas de coordenação daí resultantes. É preciso compreender as formas de solidariedade que se constituem entre os diversos grupos no bairro, bem como a constituição da identidade desses grupos a partir dos seus espaços de socialização. Isso sem esquecer a diversas relações que esses grupos estabelecem com os sistemas institucionais. Nesse contexto estamos voltados para entender como os pequenos grupos reinterpretem essas formas de intervenção a partir da suas redes de sociabilidade.

É nesse sentido que a análise de Penha (1992) acerca da identidade dos grupos sociais leva à conclusão que as representações dos atores sociais são portadoras de sentido, fornecendo uma aplicação e/ou interpretação do mundo atuando na organização das práticas sociais., portanto, demarcando, a coesão entre os participantes desses grupos e, ao mesmo tempo, diferenciando-os em relação a outros. A importância dos movimentos populares estaria em questionar coletivamente as normas, os valores, o mundo social e as vivências, de modo a possibilitar uma compreensão mais crítica da realidade, no sentido de orientar suas ações nesta mesma realidade vivida .

A lógica da vida no bairro pesquisado esta inserida de forma incisiva nas diversas formas de organização existente. A necessidade de informação, de lazer, de afetividade, de bens individuais e coletivos , de fé, fazem parte das diversas formas de sociabilidade no bairro. Consubstancia-se nesses espaços uma relação fundamental entre necessidades e afetividades, em que estão inseridas os desejos, as opressões, os traumas, as alegrias, a esperança e o graça. Espaços esses que se caracterizam tanto pela reivindicação quanto pelo lúdico, pelo gratuito e pela imprevisibilidade.

Alguns estudos importantes da dinâmica sócio-cultural realizados na periferia de Fortaleza indicam como os moradores encontram alternativas de expressar através de espaços lúdicos os percalços da vida cotidiana. Tomando como referência para análise das representações, os dramas apresentados pelos movimentos de Associação de Moradores da periferia de Fortaleza, Barreira (1992) atenta para sua dimensão educativa, onde os problemas da vida cotidiana são interpretados e reinterpretados, bem como, as formas de dominação política. A autora aponta um processo de reelaboração das representações no qual, o discurso reprimido é reelaborado a partir de uma reflexão coletiva.

As diversas estratégias de resistência dos moradores no bairro pesquisado não podem ser confundidas com suas estratégias de sobrevivência. É necessária uma percepção minuciosa das formas de interação no bairro para não politizar as relações que são simples formas de encarar as agruras do dia-a-dia .

O estudo de Canclini (1988) sobre a “cultura popular” e os “movimentos populares” indica a necessidade de estabelecer uma percepção minuciosa aos recursos discretos e contraditórios com que as “classes populares” organizam sua vida. Como exemplo, ele cita as manobras para se contrapor às hierarquias e às próprias táticas de sobrevivência. Ao mesmo tempo, Canclini faz uma crítica aqueles que atribuem propriedades de resistência contra o poder a fatos que são simples recursos populares, para resolver seus problemas ou organizar a vida à margem ou nos interstícios do sistema hegemônico. É o que Durham (1987) vai denominar de politização excessiva do universo simbólico. Isso acontece quando separamos radicalmente a representação da realidade social .

Nesta mesma linha de raciocínio, Chauí (1989), ao estudar a cultura popular, afirma que a emergência dos movimentos populares representa uma contracultura alternativa que tem a capacidade de reelaboração das ordens disciplinares e da vigilância. A população da “periferia”, segundo *Chauí*, cria seus espaços próprios no qual os símbolos, as normas, os valores, as experiências e as vivências permitem reconhecer as pessoas, estabelecer laços de convivência e de solidariedade, recriar uma identidade que não depende daquela produzida pela sociedade mais ampla.

Mesmo em bairros da periferia onde já se percebe processos de individualização em estágios adiantados em virtude das formas de segregação espacial, devido as diferenciações econômicas que vão se constituindo no bairro, é possível perceber ainda a existência de relações de interação entre vizinhos: as famílias recorrem a pequenos favores. as conversas amigáveis entre os moradores, o bate papo informal nos botequins do bairros, as festa nos finais de semana, o futebol aos domingos, as reuniões e encontros, as missas e cultos. Todos esses elementos facilitam as formas de interação entre os moradores no seu local de moradia.

Nem mesmo os autores que interpretam a emergência dos movimentos populares a partir das contradições urbanas irão ocultar a dinâmica Sócio-cultural presente nestas práticas sociais. Para Castells, “a inovação social e cultural constitui o sal de todo movimento político de massas que realiza uma transformação histórica”. A solidariedade, a necessidade de se comunicar, de se reunir, os momentos das festas, os concursos e os ciclos culturais, significam uma vontade de viver, de sentir e de rir nos grupos populares.

Nesses termos de acordo com Durham (1987) encontramos uma vontade de viver nesses movimentos e grupos que se opõe às estruturas ordenadoras da vida, onde o lúdico e o gratuito se confundem com as normas e regras estabelecidas pela sociedade dominante.

As análises de Weber (1991) vão perceber a força e a dinâmica da vida Sócio-cultural em subverter formas de dominação interna ao costume habitual, por formas de ação racionalmente motivadas, adaptadas à situação de interesse dos grupos sociais. Isso, no entanto, segundo Weber, não levaria a uma predominância do racional sobre o fluxo da vida. No entanto, ensina-nos que as normas, os valores, as formas da sociedade, estão sujeitas à circunstancialidade e a infinitas variações. Nesse sentido, admitem um espaço para o arbítrio, a criatividade, a improvisação e para transformação. Isto ocorre por conta da capacidade dos grupos sociais de atribuir significado a certas ações que podem alterar as regras do jogo .

Portanto, as relações de solidariedade e coerção que se tecem nas práticas sociais não se constituiriam apenas por relações utilitárias - como no caso

das contradições urbanas - mas sobretudo pelos sentimentos sociais. Simmel (Simmel; 1983), toma como exemplo as relações de vizinhança onde a disposição para a constituição de formas de solidariedade é fruto das relações amáveis e amigáveis e não o inverso. Essa disposição constitui o cimento indispensável para as formas de solidariedade, bem como, representa medida de proteção orgânica contra as dificuldades e os atritos da vida em comum, no próprio seio das formas sociais.

Isso não implica que essas formas de relações sociais estejam isentas da luta interna e de um conflito permanente. Para Simmel (1983), o sentimento de pertinência e de solidariedade em uma “formação comunitária” não é fruto do sentimento de que é único e harmônico, mas sobretudo, pelo contraste com o sentimento contrário. É nos momentos de conflito que as partes são levadas a tomar consciência da sua solidariedade ao que se segue a busca do consenso e de perpétuas reconciliações. Simmel acredita que é da própria luta que nasce a união, ou seja, é através da oposição comum contra um terceiro que atua como princípio de união.

É nesse contexto que interagem sentimentos, formas de dominação, representações e o sistema institucional, que a dinâmica da vida segue seu ritmo, em constante luta com as formas gestadas no seu próprio seio. Nesse sentido, as análises que têm como pretensão o estudo da dinâmica social e cultural, devem ter como princípio a unidade entre significação e ação humana. Isso porque os grupos sociais tomam o universo simbólico como parâmetro para suas ações no mundo (Geertz; 1989).

Os sistemas simbólicos para Durham (1987) permitem atribuir significados específicos a certas ações, de modo a legitimar uma ordem existente ou contestá-la, marcar fronteiras entre grupos em conflito ou dissimular diferenças entre grupos aliados. Quando essa problemática é levada unicamente para o campo da dominação e da política, constitui-se um universo asfixiante de opressão onde o poder permeia tudo e é tudo. Perde-se de vista a dimensão lúdica e gratuita da noção de cultura, onde tem espaço o arbítrio, a criatividade e a transformação das normas, dos valores e das formas da sociedade. Para Bourdieu (1989) esse

poder simbólico tem a capacidade de confirmar ou transformar a visão de mundo e a ação dos grupos sociais .

Encontramo-nos, portanto, diante de uma realidade heterogênea, de formas diferenciadas de atuação e, sobretudo, de estratégias diversas de sociabilidade.

Acreditamos que somente a partir de uma análise que envolva os grupos que representam as diferentes formas de sociabilidade, compreenderemos a diversidade e, conseqüentemente, a que nível esses grupos renovam os padrões sócio-culturais e criam novos espaços e novas de práticas sociais..

3.2. O espaço do Bairro: rotina e massificação x reelaboração e criação

“O problema indivíduo-comunidade não pode se identificar com relação entre indivíduo e o grupo, já que essa relação pode perfeitamente basear-se numa causalidade. Que nos matriculem na cessão a ou b de um mesmo curso, por exemplo, é uma questão crucial do ponto de vista da minha individualidade: também dependem do acaso o bairro em que vivo, a profissão para qual sou formado, a fábrica em que encontro trabalho, etc. Na medida em que esses fatores deixam de ser casuais, na medida em que minha individualidade “constrói” o grupo a que pertença, “meus” grupos convertem-se paulatinamente em comunidades.”
Agnes Heller

A dinâmica social e cultural no bairro apresenta-se como espaço situacional onde se dão as interações sociais na qual se constituem as relações comunitárias. É no espaço público que os indivíduos interagem e se reconhecem enquanto sujeitos capazes de uma ação conjunta. Nessa perspectiva, o bairro nos

seus mais variados espaços favorece o reconhecimento e o autoreconhecimento dos seus moradores.

É na periferia, nos bairros mais distantes da cidade, que os problemas da falta de transporte, água, luz e serviços públicos atingem uma significativa parcela da população urbana. De acordo com *Durham (1988)*, as condições de vida semelhantes quanto ao nível salarial, habitação, saúde levaria essas camadas pobres da população urbana a uma uniformização de modo de vida, acarretando conseqüentemente características culturais próprias quanto as formas de sociabilidade, modos de consumo, lazer e as formas de compreensão da sociedade.

Ao contrário dos bairros mais abastados, onde as formas de sociabilidade se estabelecem por meios de comunicação como o telefone e os contatos entre parente e amigos dispersos pela cidade são raros e as distancias são encurtadas por meio do automóvel, na periferia a vizinhança e o bairro constituem locais privilegiados para formação de redes de sociabilidade(Durham, 1988:174).

Ao estudar a história da cidade, Munford (1965), percebe essa rede de sociabilidade que vai se recriando no bairro, a formação dos pequenos grupos, a consciência de pertencer a comunidade esta ligada ao surgimento do subúrbio. Este fato para Munford significou o aparecimento do que ele denominou de senso de vizinhança .

“O fato de terem sido os subúrbios, a princípio, comunidades pequenas e contidas em si mesma teve ainda outro efeito sobre o seu desenvolvimento: ajudou a recriar uma nova consciência de algo que se havia perdido no rápido crescimento da cidade - O Senso de Vizinhança”. (Munford; 1965)

Compreende-se, portanto, que é no bairro - refiro-me ao Conjunto São Miguel - que se constróem os laços de amizade, nos vários espaços sociais, nos

pequenos grupos informais, na Igreja, nas associações esportivas, nos clubes de jovens, nas festas e comemorações, na conversa informal, nas rotinas de trabalho. São essas micro-relações que vão se constituindo no bairro que criam as condições para os contatos. Isso certamente está em volta em conflitos latentes entre os moradores. O adensamento populacional nesse bairros da periferia foi também capaz de gerar intrigas ocasionadas pelas fofocas, pelo barulho em virtude da proximidade entre as casas. O lixo e o esgoto que cortam as ruas do bairro suscita conflitos que geram bate-boca entre vizinhos. Outro aspecto perceptível é uma crescente individualismo no bairro em virtude de algumas conquistas básicas como a moradia, o saneamento, etc.

Simmel (1983), compreende essas relações de amizade, que se constituem entre vizinhos como uma forma de defesa contra os atritos da vida em comum e a base para constituição de formas de relações sociais entre vizinhos:

“Os sentimentos de amizade entre vizinhos, por mais que se deva ter cuidado quanto a sua contabilidade, extensão e profundidade, constituem, para cada grupo, cimento indispensável menos talvez no sentido de uma aglutinante positivo do que na medida em que, sem eles, certas condições de vida em sociedade, notadamente para personalidades já diferenciadas, tornar-se-iam necessariamente um inferno. De fato, disposições amáveis e cordiais entre os homens que se desenvolvem numa relação, num espaço restrito, não são em geral a causa dessa relação, ao contrário, é dessa relação estabelecida por razões quaisquer que vai nascer semelhantes disposição. Mas não, como diz uma banalidade inexplicável, do “costume” de viver juntos, muito pelo contrário, nunca se alcançaria essa coabitação duradoura e, justamente, esse costume, e essa disposição apaziguadora se não formasse relativamente depressa entre as partes, espécie de medida de proteção orgânica contra as dificuldades e os atritos da vida em comum no próprio seio desta”.(Simmel; 1983).

Weber(1991) reconstitui o caminho das redes de sociabilidade a partir do mundo dos atores sociais. Para o autor a construção da identidade dos

diversos grupos sociais tem por base a linguagem comum que se estabelece dentro da família e das relações entre vizinhos. Essas relações seriam a base orgânica que possibilita as diversas formas de ação em comum.

Quotidianamente, essas relações são vividas nas conversas informais no bairro, nas ruas, na igreja, nas festas e nos pequenos grupos informais. A necessidade de comunicar-se, de estar junto, o bate-papo e o lazer parecem constituir o sentido dessas pequenas redes de sociabilidade. A comunidade, fragmenta-se nessas diversas redes de sociabilidade no bairro.

Para Lefebvre (1968), esses grupos “informais” baseados nessa comunicação informal vão ocupando espaço no cotidiano e substituindo os grupos formais baseados na atividade produtora que se especializam e se localizam e, os grupos que se comunicam por referências aos costumes, aos objetos e objetivos com vista a uma obra ou produto.

“Grandes grupos “informais”, isto é, baseados na linguagem, ocupam, na escala global, o lugar dos grupos destituídos. Esses grupos são mais biológicos que sociais: as mulheres, a juventude, os velhos. Eles preparam uma linguagem para si mesmos nada mais. Nesses grupos fala-se por falar, para se sentir junto (in). Para comunicar, para manter também a vida de grupo, que só consiste em comunicação, sem objeto, nem objetivos, é o reino da falação, do bate-papo, da tagarelice que passa para escrita na primeira ocasião”. (Lefebvre; 1968).

Essa diversidade de formas de relações sociais no bairro tem na família ou na vizinhança a base primária de sua constituição. Isto pode ser percebido nas diversas estratégias de sobrevivência, nas formas de ajuda mútua, na troca de favores, na organização das festas, da Igreja, nas conversas ao final da tarde, nos jogos.

As observações no bairro pesquisado indicam a presença de fortes laços de vizinhança e amizade entre os moradores. As formas de ajuda mútua. A troca de favores. A organização dos eventos lúdicos religiosos no bairro. O futebol nos finais de semana. As conversas ao final da tarde entre as mulheres. Essas formas de interação aparentemente são capazes de criar vínculos de solidariedade

no bairro. Isso se coloca certamente dentro de um contexto onde a diferenciação e a individualidade são cada vez mais presentes no bairro. Pesquisa recente coordenada por Carvalho (1994) aponta esse padrão de sociabilidade como fundamental nas periferias pobres das grandes cidades:

“As relações de convivência na favela são marcadas principalmente pela solidariedade entre vizinhos. O padrão de sociabilidade assemelha-se ao de cidades do interior, onde todos se conhecem e sabem um pouco da vida uns dos outros. a relação solidária entre os moradores comporta a ajuda mutua nos casos de desabamento, doenças, enterros, etc. É comum uma moradora ajudar a outra que tenha filhos pequenos e trabalhe fora, para que ela não precise faltar ao trabalho.

Estas relações se fundamentam em sua condição de vida e moradia, refletindo a condição social e de classe em que estão inseridos, comportando, por isso mesmo, contradições. A organização social na favela implica numa grande proximidade entre as casas, dado, inclusive, o adensamento populacional verificado nos últimos 15 anos, conforme apontam os diversos estudos nas comunidades pesquisadas.. (Carvalho: 1994, 32-33)

Esse padrão de sociabilidade vivido pelos moradores poderia criar vínculos afetivos favorecendo formas de relações sociais entre os moradores. As relações de vizinhança observadas no bairro pesquisado parecem estar presente nas diversas redes de sociabilidade que vão se constituindo no bairro. Os estudos de Carvalho apontam caminhos nessa direção:

“Algumas entrevistas apontam para o aspecto afetivo da relação comunitária, baseada na solidariedade da vizinhança. Parece forja-se aí também uma identidade psicossocial que vincula as pessoas ao espaço de convivência, onde cada um se ver reconhecido como pessoa, ao menos em contraposição a uma sociedade que percebe toda essa população como força de trabalho ou como “marginal”. (Carvalho: 1994, 34)

Esses vínculos gregários no bairro ao observamos atentamente o discurso dos moradores revelam um senso de pertinência ao espaço de convivência e ao grupo social no qual esta vinculado. Denota-se neste formas de compreensão da realidade as diferenças sociais explicitando uma vinculação a uma classe social específica:

“Parece também configura-se, nessas relações e nas atitudes que as caracterizam, um senso de pertencimento a um grupo ou classe social, cuja condição fundamental de sobrevivência se vincula a uma espécie de sentimento gregário defensivo e agressivo ao mesmo tempo: é um “nós” contra “eles” os que não moram na favela, os do “asfalto”, os representantes da lei, do estado ou do patronato... dentre as conseqüências desse senso de pertinência defensivo, poder-se-ia destacar o fato dos moradores geralmente evitarem fornecer a desconhecidos informações acerca de vizinhos. Isso faria parte de um pacto informal de proteção mútua, ajudando a conter cobradores, por exemplo. (Carvalho: 1994, 34)

De acordo com Weber (1991), isto, no entanto, não levaria a uma relação comunitária, apenas facilitaria o contato entre os membros da comunidade

“Determinada linguagem comum, criada pela tradição homogênea dentro da família ou da vizinhança, facilita em alto grau a compreensão recíproca e, portanto, a formação de relações sociais de todas as espécies. Mas isto, de per si, não implica uma relação comunitária, mas facilita o contato entre os membros dos respectivos grupos e, portanto, as formações sociais de todas as espécies”.(Weber; 1991).

Esta dinâmica do bairro está inserida no contexto que Chauí (1989) denominou de conformismo e resistência, entre a ordem e a desordem que envolve o imaginário e o sentido das ações dos moradores. Há uma constante relação tencional com os diversos mediadores, com os poderes, e com o estado.

Lefebvre (1968), percebe essa relação tencional entre o habitante do bairro com os poderes e o estado. Para o autor isso ocorre numa relação de

envolvimento e recusa ao ordenamento, ao controle. Liame quase imperceptível entre o silêncio e a transgressão.

“O habitante das cidades novas dialoga com os poderes, com o estado onipresente e ausente. Este habitante fala a linguagem da sabedoria, de uma sabedoria organizada, que reclama ainda mais, sempre mais da organização. Ao delírio racional de um - o habitante do barracão - responde o racionalíssimo delirante do outro. O imaginário, para o habitante do ‘grande conjunto’, é a racionalidade das prescrições que legitimam o emprego do seu tempo, o consumo da sua vida. A cotidianidade do ‘íntimo’ escondido no coração do cotidiano se identifica com a rápida e fugaz recuperação dos dias, semanas meses que passaram, após a fadiga. Para todos, o sentido da vida é a vida desprovida de sentido; realizar-se é ter uma vida sem história, a cotidianidade perfeita. Mas é também não vê-la e fugir dela assim que for possível”. (Levebvre; 1968).

A vida no bairro perfaz esse dilema entre o dia-a-dia massacrante dos transportes lotados, a fadiga do trabalho, o saneamento precário e a falta iluminação , sobrecarregados com o emprego do tempo linear dos minutos, das horas, dos dias, semanas e meses numa rotina arrasadora. Por outro lado, as conversas de pé de bar com os amigos, as rodas que se formam na praça, a conversa entre os vizinhos, o futebol no final de semana e as festas e brincadeiras nos grupos parecem dar ânimo a viver uma vida desprovida de sentido, mas que é vivida intensamente sem história, mas que dar sentido à história.

É nesse cotidiano massificante que vão se tecendo as redes de sociabilidade. Nesse espaço repleto de conflitos se forja por um lado uma certa individualização , no qual vão se constituindo as noções de direito: ao lazer, a saúde, a educação, ao trabalho, a habitação que tendem a se transformar em reivindicações que se formulam no plano moral e jurídico e como instrumento de legitimação dos grupos e dos poderes do Estado.

Kowarick (1988), ao fazer uma auto crítica sobre a emergência dos grupos sociais a partir do processo de expoliação urbana, vai perceber que essa

rede de sociabilidade que se constitui no bairro entre vizinhos, atua como elemento aglutinador dos grupos sociais.

“É preciso insistir que a função de grupos não é jamais algo que ocorre naturalmente, como se houvesse uma vocação de interesses: ela se processa através de uma prática construída dentro de um dia-a-dia massacrante que compromete não só a qualidade de vida, mas a própria vida da maioria das pessoas: tudo leva a crer que o peso deste cotidiano funciona, no mais das vezes, como elemento desmobilizador, na medida em que a participação tem um certo sentido imediato imensamente maior do que os resultados que se pretende atingir, sempre demorados e freqüentemente não obtidos. Contudo a descrença e o cansaço presentes nas rotinas dos dias que sucedem entre a casa e o trabalho, não impedem o surgimento de aglutinações que, em certos momentos, se transfiguram em mobilizações de maior vigor reivindicativo.

Estes movimentos trazem, no seu bojo, uma seqüência de sociabilidade forjada na vizinhança, na situação comum dos bairros desprovidos, nos atrasos dos transportes, nos acidentes, doenças e enchentes, na identificação do companheiro de trabalho também submetido ao despotismo da disciplina fabril e ao massacrante ritmo das máquinas que, no mais das vezes, rendem uma acentuada pauperização”.
(Kowarick; 1988).

Essa dinâmica social se desenvolve nas franjas da sociedade, em espaços sociais restritos e em situações imprevisíveis. O silêncio só é rompido em momentos de crises, em sobressaltos bruscos e exacerbados. (Pollak; 1989).

A compreensão da dinâmica social e cultural do bairro, portanto, está vinculada diretamente aos diversos grupos de convivência, nos quais as pessoas tornam como referência para a sua ação concreta. Desde os grupos primários, aos contatos entre vizinhos, a formação dos pequenos grupos no bairro constituem uma rede de sociabilidade, onde os aspectos como a dimensão lúdica, o gratuito, a criatividade e o imprevisto, vão dando forma a regras de convivência característico aos diversos bairros da cidade.

Entendendo, entretanto, que falar de características própria dos bairros da periferia não significa isolar a convivência forjada nesses espaços dos intercâmbios globais. Se agíssemos assim tanto perderíamos de vista a noção de totalidade quanto cairíamos num relativismo cultural das culturas isoladas,

A discussão que fazemos sobre o bairro enquanto espaço de contradições entre a rotina massificante e a dinâmica cultural criadora de universos simbólicos aponta para uma compreensão da reelaboração comunicativa e cultural no contexto das desigualdades sociais. Esse contexto social atribui as peculiaridades a dinâmica vivenciadas pelos pequenos grupos.

O bairro enquanto espaço de sociabilidade das classes populares a partir de uma realidade situacional se insere numa perspectiva de pesquisa que vem cada vez mais privilegiando as micro-relações que se estabelecem em determinados contextos sociais. O estudo das formas de sociabilidade emergentes na periferia dos centros urbanos-industriais nessa nova realidade ganha novo alento.

Isto não significa dizer que os estudos anteriores estavam desconectados da realidade dos bairros populares, mas que os mesmos em virtude da conjuntura política em que foram elaborados, levaram em consideração as relações políticas e as contradições urbanas como fatores determinantes da existência dos movimentos e grupos nas periferias e bairros pobres das cidades. Essa prioridade dada as relações com o estado e ao processo de expoliação urbana, pouco levou em consideração a dimensão simbólica, as relações de solidariedade que se constituíam nesses movimentos e grupos bem como as formas de sociabilidade que definem as formas de pertencimento e auto reconhecimento dos moradores dos bairros pobres das cidades capitalistas.

As orientações metodológicas a partir, principalmente dos anos 80 nos colocam novos desafios para o estudo da emergência dos movimentos e grupos nos bairros populares. Fatores, antes sem muito significação, tomam nova dimensão. Aspectos como a cultura, a solidariedade e a construção da identidade

desse atores coletivos passam a ter um novo significado nos estudos de caso. Esses significados se evidenciam a partir das considerações quotidianas das realidades vivenciadas nos bairros sem perder de vista as relações de dominação e as “desigualdades históricas” vividas pelos moradores dos bairros populares.

“A construção de uma sociedade pluralista é preocupação dominante nos países latino-americanos, que nasceram subjungando etnias e excluindo partes consideráveis de sua população. Mas aqui, mais que nunca, as diferenças estão associadas à dominação e, por isso mesmo, é preciso elaborar instrumentos para descrever e analisar as peculiaridades culturais sem perder de vista as desigualdades históricas.

O interesse crescente pelas questões ligadas à construção de identidades grupais pode abrir um caminho fecundo para isto, desde que não se perca de vista o caráter relacional destas identidades.” (Cardoso, 1988: 13-14)

As interpretações acerca do fenômeno, tanto quanto, a multiplicidade das formas de organização, dos interesses em jogo, das lutas e conflitos que envolvem, têm percorrido caminhos diversificados e muitas vezes opostos. É necessário expor pelo menos duas tendências que se destacaram nesse debate inicial. Uma primeira, cujo binômio urbanização/industrialização nos sistemas capitalistas geram conflitos e contradições no processo de crescimento das cidades capazes de criarem novas necessidades a nível do cotidiano dos grupos sociais, contribuindo para o acirramento das contradições urbanas. Uma segunda, de cunho culturalista onde a dinâmica social e cultural vivida pelos atores sociais nos seus grupos de referência favorecem o surgimento de redes de sociabilidade que levariam a constituição de movimentos e grupos de toda espécie. Ambas buscam explicar a emergência dos movimentos sociais a partir de pontos de vista opostos.

Autores como Lojkins (1981), Castells (1980) e Kowarik (1979), defensores da tese das contradições urbanas, explicam a emergência desses movimentos a partir da deterioração das condições de vida da população à revelia

de um Estado provedor da acumulação capitalista. As lutas urbanas representariam a tentativa de resgatar uma gestão coletiva da cidade. Lojkins defende a tese que no Brasil as lutas urbanas representaram a tentativa de resgatar uma gestão coletiva da cidade. Para o autor no Brasil as lutas urbanas, centradas no espaço de moradia, é resultante da distorção entre o desenvolvimento da economia capitalista durante estes últimos 20 anos e o subdesenvolvimento da força de trabalho.

Por outro lado, autores como Evers (1984), Zaluar (1985) Durham (1987), vão enfatizar os componentes do mundo vivido como: a cultura, a organização social e os processos de socialização. Na concepção desses autores tais elementos são fundamentais para compreensão dos novos movimentos e grupos. Evers percebe que esses movimentos sociais atuam basicamente no campo das transformações sócio-culturais e sócio-psíquicas do cotidiano. Os mesmos teriam uma preocupação central, os processos de reprodução cultural, de estabilização da solidariedade grupal e a construção da identidade de atores responsáveis. A emergência dos movimentos sociais estaria ligada à busca de uma convivência mais solidária, baseada em novos valores éticos.

As teses de LOJKINE e CASTELLS partem do pressuposto de que os movimentos sociais emergem a partir das contradições urbanas geradas por conflitos nos subsistemas econômico e administrativo que levariam as lutas urbanas reivindicativas por uma gestão coletiva das cidades. Por outro lado, a tese de EVERS, explica a emergência dos movimentos sociais a partir dos distúrbios nos componentes estruturais do mundo vivido que levaria a três situações: a perda de sentido e dos conhecimentos disponíveis para as novas situações, no plano da reprodução cultural; a anomia em relação às ordens institucionais existentes para fazer face à necessidade de coordenar as ações nas novas situações, no plano de integração social; e os fenômenos correspondentes de alienação da identidade, incapaz de manter a intersubjetividade das situações de ações definidas em comum, no plano da socialização. As teses de Castells, Lojkin e Evers podem ser assim resumidas:

1. A tese de CASTELLS, cujo modelo teórico enfatiza o papel conflitivo do Estado entre garantidor da reprodução ampliada do capitalismo monopolista. As contradições urbanas expressariam a deterioração das condições de vida da população à mercê de um Estado provedor de acumulação capitalista e as lutas urbanas a tentativa de resgatar uma gestão coletiva da cidade.
2. A tese central de LOJKINE, que define o urbano e as suas análises sobre os movimentos sociais é de que o urbano não se reduz nem à esfera do consumo, nem àquela da reprodução da força de trabalho, mas se refere, ao contrário, ao espaço de convergência, de interação entre a esfera da produção e a esfera da reprodução dos homens, entre a esfera da empresa e a da vida cotidiana.
3. EVERS defende a tese que os movimentos sociais atuam no campo das transformações sócio-culturais e sócio-psíquicas. Isso porque esses movimentos teriam como preocupação central os processos de reprodução cultural, de estabilização da solidariedade dos grupos e a socialização de atores responsáveis no que toca à afirmação da identidade.

A compreensão desses novos movimentos e grupos emergente na periferia dos centros urbanos-industriais para Evers, se expressão em três teses básicas:

1. A diversidade de movimentos e grupos emergentes no cotidiano dos centros urbanos-industriais representa uma contra cultura alternativa a “sociedade dos esforços mútuos, sistêmicos e bem estabelecidos”. Numa tentativa inicial, a dicotomia alienação-identidade” suscitaria as primeiras pistas para uma compreensão mais profunda dessa redes de sociabilidade dos moradores da periferia das cidades.

- 2, Imbricados neste processo estariam os primeiros passos na “criação de seus próprios sujeitos sociais”, uma consciência em formação que perpassa de forma incompleta a subjetividade de indivíduos, e organizações coletivas envolvidas nesse processo social.

3. A categoria de poder político à primeira vista não parece central na compreensão desses movimentos, visto que, o aspecto central desses novos atores estariam na “renovação de padrões sócio-culturais e sócio-psíquicos do cotidiano, penetrando a micro-estrutura da sociedade”. (EVERS; 1984:12).

Os estudos de Barreira (1992), de Caldeira (1984) de Gohn (1985) acerca dos movimentos sociais buscam uma linha intermediária entre essas tendências . Para as autoras, as práticas de contestação presentes nos movimentos sociais, vêm acompanhadas de uma desnaturalização da vida cotidiana. Os movimentos populares emergentes na periferia da cidade, representam uma nova cultura política. Esses movimentos e grupos estariam suscitando, a partir de uma nova linguagem, mudanças nos valores éticos, bem como, a formação de uma identidade contrastiva, com as formas institucionalizadas de fazer política, possibilitando a emergência de um contra-discurso que se opõe às formas de dominação política e as desigualdades institucionalizadas pelos grupos dominantes.

Numa análise crítica sobre algumas interpretações que têm se preocupado em compreender esses grupos sociais, RUTH CARDOSO alerta para alguns cuidados que se deve ter para compreendê-los: primeiro, a ênfase exagerada com a preocupação em demonstrar a unidade de interesses dos grupos tem implicado na “substantivação da noção de identidade”, que perde seu caráter relacional; segundo, não se tem levado em conta as alterações ocorridas no aparelho de Estado e nas formas de manifestação da sociedade, o que dificulta uma nova compreensão do conceito de participação e, finalmente, as análises têm reduzido o campo de investigação, se limitando aos movimentos de caráter reivindicativo, tomando os “discursos elaborados pelo movimento como resultados de sua ação”. Se atentarmos para as críticas de Cardoso, perceberemos que:

1. A redução do conceito de identidade implica num grave problema, ou seja, perde-se de vista a possibilidades desses novos grupos sociais estarem criando, a partir da troca de experiências nas relações de comunicação que se estabelecem entre os sujeitos envolvidos, os passos iniciais para resgatar a auto-estima pessoal e

a dignidade humana diante das situações sofridas. A homogeneidade pretendida esconde a riqueza da troca de experiências vivenciadas.

2. O conceito de participação, que significa o ato de tomar parte de uma ação coletiva, deve estar relacionado às condições históricas determinadas. No caso específico de Fortaleza, nos últimos anos, tem ocorrido mudanças significativas no aparelho do Estado que certamente deve-se associar às formas de manifestação da sociedade.
3. Podemos, ainda, perceber nesses movimentos a participação de uma heterogeneidade de setores de baixa renda, que incluem operários, ambulantes, biscateiros, empregados de comércio e serviços, funcionários públicos e pequenos comerciantes, que envolvem cruzamentos e configurações de classe. Diante da complexidade e da fluidez desses movimentos, faz-se necessário, para uma melhor compreensão das suas vinculações de classe, ampliar as discussões para o campo das representações políticas e das significações culturais que orientam e organizam o comportamento coletivo desses grupos sociais.
4. A redução do campo de análise aos movimentos reivindicativos não deixa de ser uma opção ideológica que certamente inviabiliza a compreensão tanto dos diferentes potenciais dos diversos grupos existentes, quanto do diálogo que define as formas de entendimento e intervenção na realidade. (CARDOSO; 1987:29).

Nessa mesma perspectiva, Barreira (1992) alerta também que qualquer estudo sobre os movimentos sociais urbanos tem que levar em conta, além das experiências acumuladas pelas organizações dos moradores da periferia, a trajetória de instituições que em momentos diferenciados ligaram-se a esse movimentos. A compreensão dos movimentos sociais devem levar em conta não somente o aspecto de novidade, mas também suas interligações com esferas amplas de estrutura. É essencial perceber as relações de força que estabelecem

entre as organizações coletivas da sociedade civil e o poder institucional que reflete as contradições e os conflitos de classe na sua relação com o Estado. (Barreira, 1988: 5 a 10).

A descoberta da noção de direito de acordo com Pauli (1989) tem suscitado no âmbito dos movimentos populares uma modificação da noção do político, alterando as formas de atuação com relação ao poder e estimulando práticas contestatórias de ação política. Isso, certamente, tem contribuído para alterar de forma gradual as estruturas hierárquicas enraizadas na sociedade brasileira vividas pelos moradores no cotidiano, criando novos padrões culturais e sociais. A noção de direito tem contribuído para a construção de uma nova identidade diante da opressão e desigualdades existentes na sociedade brasileira, em que os esquemas bipolares das classes sociais diante da complexidade social não conseguem explicar.

Essas análises não podem ser estudadas de forma unilateral, visto que os sistemas institucionais só podem ser entendidos dentro de um contexto de estruturas normativas imanentes às tradições culturais que encontram expressão nas imagens do mundo, nas idéias morais e nas formações da identidade dos atores sociais nos seus grupos de referencia. Essa dinâmica sócio-cultural dos diversos movimentos e grupos no mundo vivido se materializam em sistemas institucionais.

O conjunto dessas ponderações indica a necessidade de uma compreensão do cotidiano dos moradores da periferia dos centros urbanos-industriais que levem em consideração a dinâmica social e cultural desses movimentos e grupos no próprio bairro. Isso certamente sem perder de vista as mediações que esses movimentos e grupos estabelecem com o sistema institucionais que intervém nas suas formas de entendimento. Alguns cuidados são necessários no processo de observação: as relações de solidariedade que emergem no bairro sem perder de vista os conflitos e as contradições presentes no bairro; a verificação da emergência de uma nova cultura política no bairro, a criação de novos espaços e praticas sócias, as relações de poder, a democratização dos espaços de convivência social e as mediações institucionais.

Encontramos, portanto, diante de uma realidade heterogênea, de formas diferenciadas de atuação e sobretudo, de estratégias diversas de sociabilidade. Acreditamos que somente a partir de uma análise que envolva os grupos que representam as diferentes formas de sociabilidade, compreenderemos a diversidade e, conseqüentemente, a que nível esses grupos renovam os padrões sócio-culturais e criam novos espaços de prática social no cotidiano dos moradores da periferia.

IV. O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DO SURGIMENTO DO BAIRRO

4.1. O contexto urbano

O processo de crescimento urbano de Fortaleza como já vimos, vai se delineando principalmente no início dos anos 30. As intervenções urbanas buscando o embelezamento da cidade vai gradativamente definindo os espaços entre os “bons cidadãos” e a “ralé”. Os senhores do comércio e as oligarquias ocupam o centro de Fortaleza criando e recriando o espaço de acordo com a sua percepção e modo de vida. O embelezamento de praças e aberturas de avenidas é a marca da modernidade das elites emergentes. A “ralé” composta pelos

operários, desempregados, menores abandonados, mendigos e prostitutas que “enfeiam” as belas praças e as avenidas da capital vão se deslocando para zona oeste de Fortaleza. O crescimento demográfico de Fortaleza nessa primeira fase está ligado aos fenômenos da seca e ao oportunismo das oligarquias políticas no interior

“O crescimento desordenado, desmedido, a “inchação” da cidade, como se costuma dizer, começa em 1930. Ou melhor, a partir da seca de 1932, quando muita gente ganha dinheiro com a desgraça alheia. Quando se inicia o que se passou a chamar de “indústria das secas”. (Castro, 1977: 35)

Esse processo de segregação do espaço urbano a partir dos anos trinta com o incremento do comércio na zona central de Fortaleza e o crescente número de pessoas que aportam em Fortaleza proveniente do interior do Estado toma novos contornos. As elites se deslocam para zona leste de Fortaleza para o elegante bairro da Aldeota, agregando os novos setores da classe média emergente do comércio e do incipiente processo de industrialização. Na zona oeste vão se concentrando as camadas mais pobres, acrescidas dos contingentes proveniente do interior do Ceará. O crescimento urbano ainda se enquadra dentro dos padrões urbanísticos definidos pelo planejamento urbano da capital.

“A cidade era ainda bem pequena, como se percebe através da planta levantada em 1932, época em que mal conseguira edificar em área um pouco além das vias planejadas por Herbster em 1875!

A partir do início do decênio de 30 , desenvolve-se a cidade toda, zoneando-se de acordo com a estrutura preexistente:

Os bairros mais modestos vão se espalhando ao longo das ferrovias, junto das quais, principalmente na zona oeste, surgem as indústrias. As pessoas mais abastadas passam a preferir a Aldeota, pelo clima, a barlavento, desprezando gradativamente as moradias do centro urbano ou as chácaras e palacetes construídos nos fins das linhas de bondes, hoje retiradas. A aldeota passa a exercer atração irresistível , pelo que tem seus limites antigos absurdamente ampliados, neles

aparecem englobados e diluídos outros bairros então já existentes.” (Castro, 1977:36)

A partir dos anos quarenta, cinquenta e sessenta ocorre um crescimento democrático desordenado na capital. O processo de crescimento urbano principalmente na periferia de Fortaleza em direção a zona oeste foge ao controle do poder público. O surgimento de loteamentos clandestinos e ocupações se expalham de forma fenomenal. O êxodo rural e a falta de planejamento urbano aparecem como causas desse processo de urbanização desordenado.

“O êxodo rural, tal como em outras áreas nacionais, faz-lhe aumentar consideravelmente a população, que passa de 180 mil em 1940 para 280 mil pessoas em 1950, saltando para 514 mil em 1960, num acréscimo equivalente a 91% em um decênio.

Para se formar uma idéia pálida do problema, basta lembrar que o município de Fortaleza, que continha 520 mil habitantes em 1960, apresentava então uma área loteada com capacidade de abrigar uma população de dois milhões de pessoas (caso de considere uma densidade populacional não elevada, de 150 habitantes por hectare). Hoje, os loteamentos transbordaram os limites Fortalezenses e invadiram os municípios vizinhos.” (Castro, 1977: 32)

É no extremo oeste da capital que as camadas populares formada pelos operários, desempregados, etc. vão gradativamente ocupando o espaço urbano de Fortaleza . Dois processos de ocupação da zona oeste da cidade podem ser verificados. Inicialmente o processo de ocupação acontece ao longo da praia do Arpoador, hoje conhecido como o bairro do Pirambú, palco de conflitos ainda hoje latentes em função da especulação imobiliária ansiosa em expulsar os moradores dessa área privilegiada da capital. Mais ao extremo oeste o processo de ocupação acelera-se nos anos sessenta. A precariedade dos loteamentos e a ocupação de áreas de risco próximo ao rio Ceará é o retrato de um cenário onde vai se moldando o lado cinza escuro da nossa moderna Fortaleza. Distante da zona

industrial e do centro da cidade os moradores fazem longos trajetos para se deslocarem ao local de trabalho. É o que poderíamos chamar da formação da periferia de Fortaleza.

“No extremo oposto, a oeste, localizar-se a zona industrial. Há dunas fixadas, perto do mar, na praia do Arpoador, de onde se descortina vista magnífica da cidade. No extremo oeste, a foz do rio Ceará, onde termina o município da Fortaleza. Do outro lado já é Caucaia. O panorama é maravilhoso, especialmente da varanda de um clube social que se ergue sobre uma elevação de terreno.” (Castro, 1977:41-42)

4.2. A Ocupação

O Conjunto São Miguel esta encravado entre o município de Caucaia e o Município de Fortaleza, no extremo oeste da região metropolitana da capital cearense. Para compreender o processo de ocupação do bairro seria interessante iniciarmos fazendo uma retrospectiva socio-histórica antes de situarmos o atual local de moradia. O conjunto São Miguel faz parte de uma conjuntura política e econômica vivida nos anos 70 pelas camadas populares na capital cearense.

O intenso processo de crescimento da Capital observado nas décadas de 40, 50, 60 vai gerar um contingente de desempregados superior às condições de incorporação no comércio local e na incipiente indústria em expansão. Aliado a este problema os baixos salários pagos por estes setores vai empurrando a maioria da população para os bairros distantes do centro. Nesse meio termo implode na capital um processo de ocupação de áreas utilizadas pela especulação imobiliária mais próximas dos locais de trabalho da grande massa de trabalhadores expoliados pelo sistema sócio-econômico. A zona oeste da cidade é o cenário onde essas ocupações acontecem de maneira mais intensa. A praia do Arpoador conhecida atualmente como Leste Oeste em função de uma avenida construída nesta área vai sendo ocupada gradativamente, dando origem ao bairro do Pirambu, um dos bairros mais populares de Fortaleza. Ao longo da Avenida José Bastos no

ano de 1978 mais de duas mil famílias ocupam um terreno abandonado. A maioria das famílias estava inserida neste contingente de assalariados e de desempregados na cidade de acordo com relatos dos próprios moradores.

“Lá, na época muitas pessoas tinham dificuldades em pagar aluguel de casa e nessa situação um senhor resolveu iniciar a invasão do terreno, porque aquele terreno não tinha proteção, a única proteção que havia estava caída, como se estivesse abandonado totalmente. Então este senhor resolveu a roçar o terreno e aos poucos foi publicando e as pessoas foram chegando. Na época, meu marido tirava férias e nos resolvemos procurar um lugar para a gente, só que não encontramos mais, porque as pessoas já haviam invadido tudo, mas como ele estava com um pouquinho de dinheiro, ele rondou por ali, ele encontrou uma pessoa que disse que vendia o trabalho dele por 100 cruzeiros. Então nós compramos material e levantamos um quartinho. Quando nós já estava no quartinho, achávamos que estava tudo bem, apareceu um cidadão com um pedaço de papel enrolado, de paletó acompanhado por outras pessoas e disse que nós tínhamos que desocupar o terreno até quinta feira, por que aquele terreno era dele. (Gracelina, liderança no bairro, 1994)

“O problema lá da José Bastos foi: Eu morava em casa alugada e havia surgido este terreno, a muito tempo era de umas moças velhas, era um terreno de herança, então meu cunhado me chamou para ir morar lá, na época já havia um senhor que tinha feito duas casas, então como eu estava em casa alugada, numa situação ruim, eu sai de casa e fui para lá, levei a mulher e os filhos, fomos pra lá e ficamos embaixo de uma mangueira, até localizar meu terreno.” (Francisco Gonçalves, Liderança no bairro, 1994)

O injusto processo de concentração da terra na cidade pode ter sido outro fator que impulsionou o processo de ocupação iniciado na José Bastos. Esta é uma das características das maiorias das ocupações ocorridas em Fortaleza. Diante da falta de uma reforma urbana e da forte especulação imobiliária, principalmente dos terrenos mais próximos do centro da cidade a população não

encontra outra alternativa. Diante de um quadro de miséria as alternativas de morar se colocam entre a ocupação ou a compra de lotes nas áreas mais distantes do local de trabalho.

“Na questão da José Bastos foi um acidente pois a gente não tinha preparação para aquilo, as pessoas se localizaram ali porque não tinha terra para morar, o que tinham eram famílias carentes de baixa renda e que localizaram ali, porque encontraram aquele terreno abandonado, anos e anos e ninguém era realmente dono. Quando descobrimos que o terreno tinha dono. Os donos começaram a perseguir, só que as primeiras pessoas que nos perseguiram, nem donos verdadeiros do terreno eram. Eram os donos de uma imobiliária interessados em comprar o terreno. Dai surgiu o conflito dessa história da imobiliária querer ganhar o terreno em troca da situação dos mais pobres, famílias de baixa renda. Então começou a questão, porque a gente sabia do interesse dele como imobiliária não como dono e começou a luta por que as pessoas não queriam sair, pois realmente não tinha para onde ir e com toda essa luta, houve o conflito entre as famílias e a própria polícia que foi até lá para desacatar as famílias. Foi uma luta muito grande durante uns seis meses.”
(Maria, liderança no bairro, 1994)

O conflito entre os moradores da José Bastos e a polícia militar iniciado no ano de 1978 tem como atores principais os ocupantes, a polícia e um especulador imobiliário que tentou de todas as maneiras expulsar as famílias do local. A repressão policial, principalmente na conjuntura vivida nessa fase em função da ditadura militar e do poder dos coronéis é intensa sobre os moradores da José Bastos. A humilhação, a tortura e o confronto direto com os moradores passa a ser uma rotina.

“Depois de um mês quando nós já tínhamos feito as casas, aí foi que chegou um policial com um interessado pra tirar a gente de lá, dizendo que o terreno tinha dono, ele ameaçou o pessoal e a gente ficou. A polícia andou batendo nas pessoas. Nesta época, agente chamou algumas autoridades: Bianou de

Andrade, o prof. Aldo que era do sindicato, a Maria Luiza. E eles começaram a falar com a gente dando força, dizendo que a gente podia ficar lá que não tivesse preocupação com nada que ninguém ia sair dali, pois aquele terreno fazia muitos anos que vivia só na mata e a gente fez as casas, depois de pronto, já tinha cacimba feita, água boa. Depois de tudo pronto, um dia chegou um rapaz da ordem social, nós estávamos num carro de sadia para irmos até o governo, neste tempo era o Valdemar Alcântara. Quando a gente estava de saída o policial, chegou e disse que não ia sair ninguém dali para o palácio, ai subiu em cima do caminhão e bateu o cabo do revólver num rapaz e eu fiquei atrás de um pé de cajueiro e o policial de revólver na mão derrubou todo mundo e disse que não ia ninguém. Então o caminhão estava lotado de gente e ele derrubou uma mulher grávida e chutou, a mulher até abortou.” (Francisco Gonçalves, liderança no bairro, 1994)

Começa a se configurar na José Bastos um quadro de constantes ameaças. Os moradores percebem a necessidade de ir construído uma organização em torno da ocupação e de abrir canais de negociações com os poderes constituídos. Lideranças políticas passam a se interessar pelo caso, o deputado Bianou de Andrade, o Prof. Aldo do Sindicato e a Dep. Maria Luiza Fontenelle, representantes da Igreja. As tentativas de expulsar os moradores vão desde a repressão a formas dissimuladas de ludibriar os ocupantes.

“Então depois a gente saiu, fomos para o governo. Foram 60 pessoas. Quando chegamos no palácio do governo, o governador não recebeu a gente, ele o Governador Valdemar Alcântara saiu por trás num carro fechado, passou na José bastos, olhou tudo, sem a gente saber. Quando já eram seis horas nós vínhamo embora e ficamos sabendo que o governo havia passado lá. Todo dia tinha policial, ameaças, camburão da polícia. Então fizeram um abaixo assinado, onde uma pessoa só havia assinado dizendo que todo pessoal que morava na Zé Bastos que já chegava a 2. 000 casas, estavam todos decididos a sair, nós encontramos este abaixo assinado lá no fórum. Então o advogado Dalton Rosado nos contou lá, ai formamos uma comissão e fomos lá no fórum. Quando

chegamos lá, vimos qual as assinaturas eram falsas, uma pessoa só havia feito todas as assinaturas. Ai nós falamos que não havíamos dito isso, que íamos sair, ninguém assinou este abaixo assinado, ele era uma pessoa só. Nós sofremos muita perturbação dos policiais, se você estava colocando uma telha o policial dizia desce, não pode colocar nada. Ai a Maria Luiza chegou e deu uma força a gente, criamos um conselho e fizemos reunião a noite. Depois nós voltamos ao fórum e o João Furtado (Especulador Imobiliário) como estava interessado pelo terreno porque o primo dele era dono de uma imobiliária, para comprar o terreno. Ai a gente descobriu que o terreno era de três moças velhas, só que elas não pagavam o imposto e nem vendendo o terreno dava para pagar o imposto e ai ele perseguindo e ameaçando a gente. Então nós voltamos ao juiz e ele falou que dava 60 dias de prazo para que nós localizássemos outro terreno, e nesse período o João Furtado trouxe mais de 20 homens de Maranguape e estava derrubando as casas e muita gente foi embora com medo e mais quando nós fomos ao juiz ele disse que durante estes 60 dias não era para derrubar e nem levantar mais, isso era uma ordem judicial e que nós localizasse outro terreno pra que agente pudesse ir. E nós saímos procurando um terreno da prefeitura.”

A repressão organizada do poder público sobre os moradores da José Bastos como vimos não foi o único instrumento utilizado para expulsar os mesmos. Por traz estavam os especuladores da terra urbana, anciosos pelo lucro a qualquer custo, utilizando da repressão e da influência com os donos do poder tão comuns as elites perversas do nosso estado. O conflito vai gradativamente tomando visibilidade pública. Varias forças políticas e instituições vão percebendo a gravidade da situação e se engajando no conflito de acordo com seus interesses. Os moradores mais conscientes da situação buscaram desnaturalizar e conflito dando um significado político a ocupação.

“Nesta luta tivemos o apoio de muitas pessoas do movimento popular, da igreja e de alguns políticos que tinham compromisso com as pessoas e deram um apoio, não incentivando, mas, o apoio de você lutar e defender os seus

direitos e foi daí que começou a luta, porque a gente começou a ver que estávamos lutando por uma coisa certa, e eles chegaram e invadiram as casas deixando as pessoas em situação de desespero. Diziam que aquelas pessoas que não tinham casa nem terra o lugar delas era embaixo da ponte. Então com essa confusão e a gente sem querer sair, a igreja entrou e participou mesmo. Tiveram duas pessoas nesta luta que eu jamais esquecerei, pois no momento essas pessoas nos serviram como representantes de Deus, eles deram a maior força, pôs se eles não tivesse entrado nesta parte com a paz de todos, a situação tinha sido pior, pois as famílias não estavam conscientizando-se. Quando D. Luiza Távora e Virgílio Távora estavam, elegendo a Governador do Estado foram D. Aluísio e a Deputada Maria Luiza junto com uma comissão conversar com eles. A dep. Maria Luiza Fontenele foi uma pessoa que deu sua contribuição. Eles foram falar com Virgílio Távora, mas este falou que só podia fazer alguma coisa quando assumisse o governo. Depois a Dep. Maria Luiza foi no fórum e deram 60 dias durante esse 60 dias não se poderia mexer na favela.” (Maria, liderança no bairro, 1994)

A trégua entre os moradores e o poder judiciário com a mediação da instituições e de lideranças identificadas com a luta dos moradores não é respeitada pela truculenta polícia militar. Alias, os conflitos se acirram e o confronto se estabelece de forma direta. Algumas baixas são verificadas no confronto entre moradores e policiais.

“No entanto durante esses 60 dias foi que houve a confusão maior, pois a polícia chegou lá no local despejando as famílias, era um domingo a tarde. A polícia chegou, foi para casa de uns velhinhos e estavam desmanchando a casa quando o Albino que era o líder do conselho e mandou chamar os companheiros, quando todos chegaram os velhinhos estavam chorando desesperados e a polícia em cima da casa, tirando as telhas pra amedrontar o casal de velhos, então o Albino falou que eles não podiam desmanchar a casa pois nós tínhamos 60 dias para definir um local melhor para as famílias. Já tinha feito um muro, estava o terreno todo murado. Então eles desceram da casa e foram tentar torturar o Albino,

quando eles tentaram pegar o albino para colocar dentro do carro, os outros se revoltaram e disseram que o Albino não ia, e eles queriam levá-lo, eles pediram outra viatura e quando a viatura chegou a confusão começou. A polícia começou a atirar, então o povo lutava com pau, torrão e se defendia. Os policiais queriam levar o Albino que era o líder e nesta confusão o policial discutindo com as pessoas puxou uma arma, eu não sei como foi, eu também não sei se ele realmente queria atirar em alguém, só sei que as pessoas ainda andaram tomando revólveres da polícia. Foi nestas alturas que o cabo atirou no Sr. Francisco, atirou pelas costas, ele já ia saindo, o Albino estava agarrado com os policiais e o Sr. Francisco estava saindo para definir alguma coisa, então quando ele deu as costas o cabo atirou de dentro do carro. Os policiais se comunicaram pedindo segurança, então chegou policial de todo jeito para invadir a casa da gente e invadiram a favela procurando o Albino e o Albino já tinha saído e o Sr. Francisco já tinha sido transferido para o hospital, e nestas alturas saiu um policial também baleado. E o Albino saiu com uma pancada muito grande no joelho e passou mais de mês agregado lá no Porangabussu na casa de uns padres da Igreja São Raimundo.” (Maria, liderança no bairro, 1994)

Nesse Confronto direto a maior baixa dos moradores foi o líder Francisco Gonçalves que ficou afastado das lutas posteriores que ocorreram na José Bastos. Seu Francisco foi operado e acompanhado pelo padre aberlado e por Dom Aluizío. No entanto não conseguiu se ver livre de uma paralisia que lhe deixou paraplégico para sempre.

Foto 14

Com o acirramento dos conflitos os moradores se organizam através de um conselho comunitário denominado Francisco Gonçalves em homenagem ao líder que após o confronto com a polícia ficou paraplégico. As negociações se intensificaram após o confronto com a polícia. Os moradores começaram a discutir as alternativas para solução do conflito, entre elas a transferência das famílias para um outro local.

“O senhor Francisco a vítima baleada ficou na cadeira de rodas para sempre, depois quando o Sr. Albino ainda estava no hospital começou a se discutir qual o melhor local para construir as casas. O Sr. Francisco não tinha mais condições de voltar para a favela devido as infecções que ele pegou. Então a Igreja tomou conta , assumiu tudo, colocou ele numa casa lá na Igreja. Eu fiquei participando das reuniões e decidiu-se como seria resolvido a questão do terreno.” (Maria, liderança no bairro, 1994)

O afastamento das principais lideranças dos ocupantes da José Bastos de certa forma fragilizou o movimento. Dentre as instituições que participavam das negociações a Igreja teve um papel fundamental na negociação. A alternativa escolhida pela Igreja foi a moderação e a transferência das famílias para um terreno nas imediações de Caucaia. Os contatos se iniciaram com o governo Virgílio Távora eleito na época.

“Nós já tínhamos uma organização, aí D. Luiza e Virgílio Távora assumiram o governo na época. Dom Aluizão voltou a falar com eles e foram mais rápido possível e perderam uns dois dias para conseguir um lugar para gente. Ela conseguiu esse lugar que não era muito bom, mas era a saída que tínhamos. Algumas pessoas queriam vir e outras não queriam, mas não houve outra solução, foi aí que a Igreja situou essa situação. O Monsenhor Abelardo nos mostrou que já havia acontecido tanta tragédia e esta área estava desocupada e seria um terreno que a gente ia ser dono. Ele achava que todo mundo se conscientiza-se, e que todos viesse para cá morar no que é seu, receber documento e tudo mais, mesmo assim, tinha muita gente que não queria vir.” (Maria, liderança no bairro, 1994)

Os moradores resistiram até o limite de suas forças. Uma das estratégias utilizadas pelos moradores foi encontrar alternativas de dar visibilidade ao conflito, buscando o apoio da opinião pública. A vigília da solidariedade mobilizou-se pela expressão de solidariedade de vários setores da sociedade fortalezense aos moradores da favela da José Bastos.

“Recebemos apoio da Igreja, pois nós recebemos pressão de todos as maneiras, eles diziam que nós eramos todos maconheiro, ladrões. Eles prometeram colocar veneno nas cacimbas. Então nós fomos uma vez para Igreja de São Raimundo no intervalo o padre nos deixou falar, então fiz o convite para que as pessoas fizessem uma virgília com a gente. Foram muitas pessoas para vigília, estudantes de direito e pessoas da Igreja e eles ficavam lá cantando e faziam a maior alegria.” (Gracelina, liderança no bairro, 1994)

4.3. A expulsão

A divisão marcou o processo de negociação para transferência das famílias da José Bastos para o novo local. Muitos resistiram a idéia de se transferir para um terreno tão distante de tudo, já que o terreno ocupado estava localizado nas proximidades do centro de Fortaleza, já contando com toda uma infra-estrutura de transporte, de comércio, de luz e saneamento.

“O que eu senti na época foi o desespero das pessoas, mesmo com toda a tragédia as pessoas nunca se conformaram, uma parte queria continuar, mas todos sabiam que não tinha saída , a única saída era outro terreno, certo que não foi o desejado, mas foi o encontrado, o terreno que a gente queria era uma coisa mais ampla, mas você ver que até hoje o governo faz esses conjuntos nas áreas mais difíceis que tem e é por isso que continua havendo desespero a moradia sem condição. Uma casa com transporte, segurança não existe, porque o governo pega as famílias e joga nestas terras sem nenhuma estrutura, sem nenhuma condição, desligada da capital e as pessoas para ir trabalharem tem de se deslocar cedo. A vantagem de toda essa tragédia foi que o terreno foi doado e todos tem o documento de sua casa garantido.” (Maria, liderança no bairro, 1994)

A resistência dos moradores foi gradativamente sendo quebrada. Os insistentes apelos de Dom Abelardo apelando para o bom senso dos moradores. A pressão policial que se tornou rotina na favela. Os especuladores que conseguiram

murar todo o terreno com os moradores ainda dentro. Muitos foram desistindo da luta .Apenas pouca moradores foram transferidas para o conjunto São Miguel, totalizando 163 famílias. A transferência se deu num clima de revolta e indignação por parte dos moradores.

“No dia de vir para cá eu não entendi porque no rádio foi anunciado que ia haver um despejo, eu não estava no local no dia mais ouvi pelo rádio que ia haver um despejo e o pessoal do conselho e do movimento popular ficou revoltado porque foi transferido o pessoal para cá através de um despejo e isto até hoje fere algumas pessoas que tem um certo entendimento. Tinha policial com aqueles cachorros e colocaram até gás lagrimogenito, colocaram para amedrontar as famílias e fizeram tipo um despejo. Algumas famílias não queriam vir. Quando chegamos aqui os terrenos já estava todo dividido então eles colocaram a gente embaixo de barracas e foram construir as casas. A própria policia ajudou a fazer as casas. o conjunto foi feito em 15 dias, as casas eram todas de taipa, só que é como diz a história , se isso era um conjunto, só trouxe o nome.” (Maria, liderança no bairro, 1994)

A violência policial contra os moradores mais resistentes a mudança foi mais uma vez utilizada pelo poder público para transferir os moradores da José Bastos. O clima de indignação das lideranças e das forças políticas contra a ação violenta da polícia era em virtude das negociações que tinham sido feitas com o governo Virgilio Távora. Nessas negociações a transferência dos moradores seria feita sem o uso da força.

Foto 17

As lideranças mais diretamente envolvidas nas negociações ainda tentaram de todas as formas melhorar o acordo feito com o governador Virgílio Távora, visando garantir a construção das casas de alvenaria. No entanto, a pressão sobre os moradores exercida pelos poderes, pelos especuladores fracionou a direção do movimento da José Bastos enfraquecendo seu poder de

negociação. As casas foram construídas precariamente no novo local destinado as famílias.

“ Então D. Luiza e Sr. Virgílio Távora garantiram que se ganhasse quando tomasse posse em março , eles iram levar o pessoal da Zé Bastos para outro lugar. Dai quando ele ganhou, a Dona Luiza Távora doou este terreno do FRIFOR e foi feita as casas, D. Luiza ia mandar fazer de tijolo, só que o pessoal vexaram-se e disseram que podia fazer de taipa mesmo. Então os policiais fizeram as casas junto com o povo e durante três meses não faltou alimentação.” (Francisco Gonçalves, liderança no bairro, 1994)

As primeiras casas construídas no Conjunto São Miguel foram levantadas de taipa, numa situação bastante precária. As casas foram construídas em mutiram com o apoio do exército e da polícia militar.

Foto 4

4.4. O novo local

A chegada no novo local denominado Conjunto São Miguel em homenagem ao santo padroeiro do Coronel Virgílio Távora, então governador do Estado, foi bastante tumultuada. Os moradores logo iniciaram alguma organização tendo em vista a construção das moradias. A divisão dos moradores entre os que resistiram a transferência e os que aceitaram a mudança mais pacificamente vai se acirrar no bairro, principalmente em função das ações assistencialistas de D. Luiza Távora que vai gradativamente reforçando o grupo de moradores que vai se moldando as praticas assistencialistas.

“Primeiro veio uma comissão, então ficou muito confuso, porque alguns detestaram e outros gostaram, então ficou aquela divisão, é tanto que houve alguns que resistiram em vi, chegaram aqui com os olhos sapecado da pressão do gás. Depois quando chegamos aqui criamos outro grupo que eram

os representantes de quadra, então foi feita uma barraca para os materiais e tinha um auto falante que chamava os representantes de grupos para pegar os materiais do seu grupo e alimentação. Uma vez publicaram nos jornais que D. Luiza Távora, estava mandando galinha podre , então no outro dia ela mandou galinha viva e foi havendo aquela divisão e por isso que até hoje o Conjunto São Miguel não é unificado.” (Gracelina, Liderança no bairro, 1994)

A divisão ainda hoje presente no cotidiano do bairro, mesmo depois de mais de 14 anos de existência do Conjunto, era um conflito essencialmente político. De um lado as lideranças que resistiram na José Bastos, apoiado por forças progressistas. De outro lado as lideranças que aceitaram a mudança de forma “pacífica”, agora apoiados pelo assistencialismo da “mãe dos pobres”, D. Luiza Távora, denominação dada pela sua prática assistencialistas nas favelas e bairros da cidade.

“Agora está melhor, mas houve uma época aqui que parecia que o Conjunto estava todo dividido naquele dilema, pois de um lado as pessoas eram mais ligadas a Luiza Fontenele e do outro eram mais para Luiza Távora, envolveram as coisas com política. (Gracelina, liderança no bairro, 1994)

Os moradores mais ligado a ação de D. Luiza Távora iniciam um novo processo de organização no bairro, distanciando do Conselho Comunitário Francisco Gonçalves, que estava sob a direção das lideranças mais resistentes a mudança. Dar-se início ao processo de escolha dos representantes de quadra que posteriormente vai se transformar na associação dos moradores do conjunto.

“A primeira luta que os representantes de quadra, foi aquela de conscientização, porque as pessoas eram tão brabas, que quando nós íamos convidar para uma reunião eles batiam a porta na cara da gente e era muito difícil, mas nós continuamos, os representantes era quem entregava os convites das reuniões. Também haviam senhoras que tinham marido e o pessoal do exército vinham ajudar na construção das casas. Em 81, nós já fomos sentimos a necessidade de

uma força maior então foi criada a associação dos moradores.” (Gracelina, liderança no bairro, 1994)

O processo de organização dos moradores foi bastante confuso no novo local de moradia. A disputa entre os moradores, acirrada pelo conflito político entre as forças progressistas lideradas pela Dep. Maria Luiza Fontenele e o assistencialismo conservador da primeira dama Luiza Távora vai marcar o processo de organização no bairro. A tentativa de exclusão das lideranças que resistiram a mudança para o conjunto do novo processo de organização e a entrada em cena de um novo ator, os técnicos do serviço social com a criação do Programa de Assistência as Favelas da Região Metropolitana de Fortaleza - PROAFA, que passa a atuar diretamente no bairro vão acirrar ainda mais os conflitos.

“Tinha o Conselho, mas só a Auxiliadora que ficou morando aqui e o Albino, mas ai ela estava com o tempo do Conselho vencido e eles achavam que fizeram a Associação e se candidataram, mas, as pessoas ficaram insinuando que se o Albino ganhasse iriam mata-lo, mas o outro candidato ganhou, o Albino ficou desgostoso e foi embora. Depois disso vem vindo de dois em dois anos, sai um presidente e entra outro. Esse tempo todo não se tem feito muita coisa, mais se tem feito. Temos serraria, temos o centro comunitário, também tem o colégio, a maternidade, tem duas creches, a Igreja. A PROAFA, foi criada nesta época, pois enquanto estávamos na José Bastos não existia PROAFA. A associação ela foi formada com o pessoal da PROAFA, aquelas doutoras começaram a vim aqui. O pessoal começou a se organizar e elas orientavam e dai criou a associação, haviam também os convênho que vinham através da associação.

A divisão entre os moradores entre as alternativas de organização é bastante patente neste momento. Lideranças da José Bastos como o Albino, a Auxiliadora, a Maria, o Sr. Francisco Gonçalves tentam manter a identidade da luta da José bastos com a permanência do Conselho Comunitário. As lideranças que se

aproximaram dos técnicos da PROAFA, defendem a idéia proposta pelo Estado, da criação de uma associação de moradores. Venceu então o lado mais forte.

“A divisão foi porque o Albino já tinha o Conselho dele, que nós até fazíamos parte do conselho junto com ele na Zé Bastos. Então quando surgiu a idéia de criar outra associação ele achou que poderia continuar ele mesmo, ele queria que o conselho continuasse aqui, mas, outros acharam que deveria criar outra associação.” (Francisco Gonçalves, liderança no bairro, 1994)

“A associação surgiu em 81. No início existia apenas os representantes de quadra. somente em 81 que foi feito registro, estatuto e nasceu a Associação. Até hoje é o mesmo estatuto, Houve aquela polêmica , mas até hoje há um arranhãozinho e sempre que se aproxima o período das políticas fica aquela coisa..” (Gracelina, liderança no bairro, 1994)

Os desdobramentos dessas contradições vão se incorporando no processo de reivindicação dos moradores. A primeira diretoria eleita para Associação se caracteriza pela ambigüidade entre a luta por melhorias para o bairro de forma autônoma e a dependência dos técnicos do Estado. Esse vai ser um dilema enfrentado pelos moradores ainda hoje perceptível no conjunto.

“A primeira diretoria da Associação, o presidente era o Sr. Joaquim e havia uma briga, uma separação, uma muralha. Um lado se unia, mas o outro não se unia. O lado esquerdo estávamos nós, junto com a Vilma, e no lado direito estava o governo e a equipe social do conselho da associação. É por isso, que as pessoas continuaram com essa divisão. Lá na Zé Bastos, todos eram unidos, numa força só, quando chegaram aqui eles se sentiram agarrados, sentiram se com suas casas prontas, feitas. Houve aqui esta separação, eles não entenderam que isto aqui o governo não estava dando e que isso não passava de uma obrigação dele, ele não estava dando, mas ainda hoje tem gente que não entente isto.”(Maria, liderança no bairro, 1994)

Essa divisão entre os moradores é uma marca sempre presente em quase todas as reuniões e assembleias da Associação dos Moradores do bairro. Os conflitos deixados pela mudança da José Bastos ainda hoje podem ser percebidos entre as lideranças do Conjunto São Miguel.

Foto 5

As dificuldades para recriar os espaços de sociabilidade no bairro passam a ser uma tarefa complexa para os moradores. A dispersão das famílias no conjunto e o individualismo vão está presentes no novo local de moradia.

“Lá nós estávamos numa luta pra ganhar uma casa e estávamos todos unidos, quando se fazia uma reunião todos compareciam e não havia briga nem confusão, Depois quando chegaram aqui o que aconteceu foi que todos ganharam suas casas, receberam os documentos e diziam, estou com minha casa nas mãos, agora quem quiser que se vire, Eu tiro por mim, que posso dizer que levei um tiro pra ganhar minha casa, mas tem muita gente que me considera, enquanto que tem outros, que não considera, não lembra do passado. Então eu acho que a dificuldade é esta, acharam-se com o poder na mão e agora não vão nem para as reuniões, é uma dificuldade o que lá não tinha esta dificuldade para as reuniões.” (Francisco Gonçalves, liderança no bairro, 1994)

O sonho da casa própria realizado pelos moradores do Conjunto São Miguel foi bastante explorado pela “mãe dos pobres”. Por mais de uma vez a Primeira Dama Luiza Távora fez questão de entregar pessoalmente o título de propriedade aos moradores. Esse momentos tiveram um caráter simbolico, ficando marcado no imaginário dos moradores, como uma dádiva. Isso pode ter contribuído para a perda do sentido da luta da José Bastos.

Foto 19

A muralha construída entre os moradores vai ser um elemento presente no cotidiano do bairro. Isto vai se tornar ainda mais grave com as constantes intervenções dos técnicos da PROAFA que passam a criar vínculos de paternalismo com os moradores. Essas ações dos técnicos vão reforçar as relações de dependência, facilitando o clientelismo político e criando toda uma cultura conformista e fatalista, tão comuns a nossa identidade.

“Reunindo uma e outra opinião, o grupo de técnicos que trabalha nas entidades sociais do governo do Estado chegou “a uma conclusão óbvia: os problemas do Conjunto São Miguel são os mesmos que existem em qualquer comunidade, já que, dentro de uma sucessão natural, nós resolvemos um aqui e logo aparece outro ali e outro acolá.” Informaram, contudo, que a Fundação PROAFA, atenta às recomendações de D Luiza Távora, está em permanente contato com os moradores do São Miguel, que já agora passam a tomar decisões espontâneas, reivindicando, sugerindo.” (Jornal o Povo, 1981)

A intervenção dos técnicos no cotidiano do bairro vai estar presente em quase todas as iniciativas de organização dos moradores, até mesmo resolvendo conflitos familiares e brigas entre vizinhos. Essas relações de dependência são constantemente reforçadas pela presença da primeira Dama Luiza Távora em quase todos os eventos promovidos pelos técnicos com a presença dos moradores.

“Dona Luiza voltou a visitar o conjunto São Miguel , que tem merecido dela constantes providências, visando à melhoria das condições de vida dos seus moradores. Dona Luiza distribuiu camisas entre as crianças e visitou o Centro Comunitário, onde funcionam diversos cursos profissionalizantes, como manicure, cabeleireiro, corte e costura e outros.

Ainda na tarde de ontem, ela visitou o Grupo Escolar Rotary São Miguel, quando também distribuiu camisas com os alunos. Dona Luiza conheceu o Clube de Mães, onde as

gestantes do conjunto aprendem a fazer o enxoval do neném, além de receberem noções de higiene e cuidados maternos.”
(Jornal o Povo, 1981)

Essa visitas da Primeira Dama Luiza Távora passa a ser uma constante no cotidiano dos moradores. Em quase todos os eventos promovidos pelos moradores conjuntamente com o Centro Social a “mãe dos pobres” , estava presente distribuindo brindes e indicando padrinhos para os moradores do Conjunto.

Foto 3

O conjunto São Miguel deu início no Estado do Ceará a política de desfavelamento da capital, dentro de uma lógica conservadora de transferência das famílias dos seus locais de moradia, para conjuntos habitacionais construídos com recursos federais. O São Miguel era o exemplo de uma política habitacional bem sucedida.

“O conjunto São Miguel, com um ano de existência construído em sistema de mutirão, com material doado pela comunidade de Fortaleza, através de campanhas promovidas por Dona Luiza Távora, serve de modelo nacional, segundo o próprio BNH. O conjunto possui toda uma infra-estrutura que envolve água, sanitários, energia elétrica, além de escola, pracinha, centro comunitário, quadra de esporte e dois chafarizes públicos, beneficiando cerca de 800 pessoas.” (Jornal o Povo, 1980)

Nessa época o conjunto alardeado como modelo, mereceu a visita do não mais “ilustre” presidente João Figueiredo que emocionado enalteceu a “grande obra” de D. Luiza Távora.

“O que vi está manhã no conjunto São Miguel eu quisera poder transmitir a todos os brasileiros, como exemplo de força de vontade, de coragem e de cooperação.” (Jornal o Povo, 1981)

Essa visita do presidente João Figueiredo ao conjunto São Miguel marca um momento importante da conjuntura nacional. Estamos prestes a iniciar o processo de abertura política. A visita do general tem um caráter simbólico de divulgar as novas políticas posta em prática pelo regime militar como foi o caso do PROMORAR, fonte de financiava de moradia para pessoas de baixa renda, numa tentativa de popularizar o regime.

Foto 18

A força, a coragem e a cooperação entre os moradores nos primeiros anos nos parece algo ilusório diante das dificuldades que gradativamente o conjunto dos moradores passam a enfrentar no bairro. A demora dos transportes, a falta de segurança, as fossas estouradas vão mostrando a realidade dura do cotidiano de um bairro pobre da periferia. As vozes caladas pela opressão vão pouco a pouco se expressando no espaço público.

“Uma comissão de moradores do Conjunto São Miguel esteve ontem à tarde no O POVO para divulgar uma serie de reivindicações daquela comunidade, que esta às voltas com muitos problemas.

Segundo Maria Auxiliadora Barbosa, várias fossas estão estouradas no conjunto, prejudicando a saúde das crianças e dos moradores em geral, além de causar um mau cheiro insuportável. Outra reclamação refere-se a dificuldade de transportes coletivos, porque só existe ônibus para o São Miguel de duas em duas horas e somente até as 17 horas. Depois disso, as pessoas têm que percorrer um longo trajeto, passando por locais perigosos para chegar as suas casas. O problema vem angustiando pais de famílias que trabalham e

senhoras, moças e crianças, que se sentem ameaçadas por marginais naquele trecho.

Além disso, disseram que o colégio que funciona no conjunto São Miguel não tem condições de atender todas as crianças que ali residem, prejudicando assim muitos meninos e meninas.” (Jornal o Povo, 1981)

O Moradores mesmo diante das divisões vão paulatinamente reconhecendo a importância da associação no bairro. As dificuldades enfrentadas nos primeiros anos do conjunto servem de exemplo para o recomeço do trabalho de organização.

“Hoje eu sinto que esta melhor, as pessoas vão mais as reuniões e já param para ouvir, porque antes era pior, era briga mesmo. Trabalho em comunidade é muito difícil, pois as pessoas não entendem porque as coisas demoram e começam a desatar, tens uns que agredem com palavrões, por isso é que eu digo que só pode ser representante de comunidade quem tem muito amor pelo que esta fazendo e quando alguém lhe agredir você faz uma análise de consciência e vai em frente.

Heis portanto um pouco da história do conjunto São Miguel durante sua trajetória desde a ocupação na José Bastos até o momento atual. O bairro semelhante aos diversos bairros de Fortaleza esta envolto nos problemas cotidianos comuns a todos os moradores da periferia de Fortaleza. A violência crescente, a falta de transporte, as poucas opções de lazer e de atividades culturais. Esse quadro é agravado com a crise econômica do sistema capitalista no Brasil dificultando ainda mais a melhoria do padrão de vida dessa população. Isso no entanto não impede que essa população vá encontrando estratégias de sobrevivência e formas de interação no cotidiano do bairro, capaz de criar e recriar espaços de convivência social subvertendo a lógica da dominação e da vigilância de corpos e mentes. A resignação e a tolerância dos moradores não impede a esperança de pensar que um dia as coisas vão mudar.

V. A DINÂMICA SÓCIO-CULTURAL NO BAIRRO

“A vida quotidiana é, em grande medida, heterogênea; e sob vários, aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividade. São partes orgânicas da vida quotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação.” Agnes Heller

A compreensão do cotidiano dos moradores do Conjunto São Miguel esta alicerçada na nossa opinião nas diversas estratégias que essa população vai encontrando para driblar as agruras do dia-a-dia. Dentre essas estratégias de sobrevivência e formas de resistência desses moradores mais comuns no cotidiano do bairro, podemos citar: os vínculos de vizinhança que vão se constituindo entre os moradores através das formas de ajuda mútua, sem esquecer, as brigas e atritos que permeiam as relações entre os mesmos; as relações de companheirismo nos diversos espaços sociais de lazer e cultura constituído pelos moradores; a luta por direitos a educação, a saúde, ao lazer, por equipamentos coletivos que vão tomando forma nos grupos e movimentos no bairro; os eventos lúdicos religiosos em que estão presentes as formas de

sincretismo que vão desde o catolicismo, a credences as mais variadas possíveis; o mundo do trabalho avesso ao mundo do bairro e da casa; as formas de lazer no bairro e as mediações que os moradores e os grupos estabelecem com as instituições e os políticos no bairro. Todos esse aspectos são elementos importantes para se compreender o cotidiano dos moradores. Essas diversas formas de interação entre os moradores estão mediadas pelos grupos e movimentos existentes no bairro.

Nesse capítulo nossa intenção é discorrer sobre nossas observações sobre o cotidiano do bairro recorrendo quando necessário a coleta de dados realizada nas entrevistas. Nossa intenção é aprofundar a compreensão do cotidiano dos moradores tomando como referência os grupos existentes no Conjunto como forma de integrar outros elementos a discussão. Os aspectos citados acima podem nos apontar caminhos nos quais os moradores vão moldando as diversas formas de interação no Conjunto São Miguel. Procuramos especificar esses diversos momentos como estratégia pedagógica mas que estão interrelacionados no dia-a-dia do bairro.

5.1. O espaço coletivo

Em 1979, os moradores do São Miguel passam a ocupar o Conjunto logo após a expulsão da José Bastos. Inicialmente são 163 famílias. O bairro distante do centro comercial de Fortaleza se caracteriza pela vida calma e pela monotonia no seu dia-a-dia. As novidades são raras. Os trabalhadores logo pela manhã vão gradativamente se deslocando para a estação de trem ao lado do conjunto ou mesmo para paradas de ônibus que fazem o percurso até o terminal mais próximo. O bairro parece uma miniatura de uma cidade do interior. Todos se conhecem e se cumprimentam. As mulheres que não trabalham fora cumprem a sua jornada diária no cuidado com a limpeza da casa. As crianças brincam na rua, principalmente nos finais de semana. Quase não existe tráfego de veículos, apenas poucos moradores possuem um carro velho na garagem. Na rua principal que liga o conjunto a BR: 222 , já asfaltada, percebe-se algum movimento de carro.

Alguns costumes característicos da zona rural são mantidos na cidade. As conversas no final de tarde nas calçadas do bairro entre os vizinhos. O namoro entre os jovens na frente das casas sob o olhar atento dos pais. As mulheres varrendo os terreiros logo cedo ou no final da tarde. Essas características no entanto estão pouco a pouco sendo substituídas por outros costumes e valores. Nos horários das novelas é possível perceber o esvaziamento das ruas. Todos se recolhem para assistir à televisão, aqueles que ainda não contam com o equipamento recorrem aos vizinhos para não perder a sua programação predileta.

A vida cotidiana no Conjunto São Miguel está alicerçada em vínculos de parentesco e relações de amizade constituídos na própria convivência no bairro. Os laços de afetividade são fortalecidos num contexto das necessidades de ajuda mútua, de conversação, de encontros.

“Um representante como eu já fui no Genibaú, passei para o São Miguel, para conhecer o povo de perto, tem que ter amizade. Não é só jogar pedra no ser humano que se vai colher alguma coisa de amizade, vai continuar tendo desamizade, é a minha maneira de morar e de viver, em qualquer uma comunidade onde eu esteja, a minha maneira será esta, a amizade, quando se tem amizade, se tem carinho, o meu conhecimento é este”.(Luiz, ex-vice-presidente da Associação dos Moradores do Conjunto São Miguel).

As relações de amizade são bastante enfatizadas pelos moradores como um elemento importante de integração e interação no bairro. As formas de ajuda mútua entre os moradores podem ser percebidas na troca de favores. É bastante comum um morador ajudar o vizinho na falta de um pouco de açúcar, óleo, a ficar com crianças para que outra moradora possa ir ao centro, ou mesmo para ir trabalhar. Ajudar na construção da casa do vizinho ou no enterro de seus amigos mais próximos. Tudo vale como forma de manter um bom relacionamento com os vizinhos. Esse padrão de sociabilidade estaria ligado a condições de vida e moradia, como reflexo das condições sociais e de classe vivenciadas pelos

moradores dos bairros pobres. De acordo com Carvalho esse padrão de convivência é característico desse grupo social

“Esse padrão de convivência responde às necessidades desse grupo social, e muitos encaminhamentos, ou mesmo soluções, de problemas individuais ou coletivos, encontram aí sua possibilidade mais concreta de realização. É uma população que conta consigo mesma, acima de tudo.” (Carvalho, 1994: 33)

A vida torna-se difícil sem as relações de amizade no pedaço onde se mora. O dia a dia no bairro transcorre dentro de laços em que estão imbricadas relações de afetividade, de necessidades e conflitos latentes entre os moradores. É comum encontramos no Conjunto São Miguel extensas famílias provenientes do interior que matem padrões de sociabilidade característicos do interior, onde todos se conhecem e sabem um pouco a vida um do outro.

É possível perceber que os moradores que já dispõem de algum recurso pouco participam do cotidiano dos moradores mais pobres. O isolamento já é visível. O muro alto na frente da casa. O carro usado na garagem, ele já não precisa dos vizinhos para se deslocar nos momentos de doenças, na falta do dinheiro para o transporte. Esse processo é visível na periferia pobre dos centros urbanos das grandes cidades de acordo com estudos mais recentes.

“Nos últimos anos tem crescido a heterogeneidade sócio-econômica nas favelas. Não se pode afirmar, entretanto, que isso tenha ainda transformado o padrão básico das relações. De qualquer forma, essa diferenciação socio-econômica interna não passa despercebida pelos moradores. Em muitos casos, as diferenças são identificadas especialmente na comunidade, onde há locais mais pobres e outros onde moram famílias com maior poder aquisitivo.” (Carvalho, 1994: 34)

Pode-se observar também conflitos permanentes no bairro devido a densidade populacional. A diminuição dos espaços de lazer e o aumento do número de agregados por família diminui os espaços no bairro gerando conflitos entre vizinhos em consequência do lixo ou do esgoto que corta as ruas do conjunto.

Essa proximidade entre as casas tem ocasionado ainda sérios conflitos intra-vizinhos como a socialização de informações, barulhos e brigas fomentando conflitos dificilmente solucionáveis por uma via mais dialogal. A tendência é o bate boca entre vizinhos ou medidas mais drásticas que vão para no posto policial. É comum também a disputa entre o som mais alto demonstrando aos vizinhos a existência de um equipamento potente na sua residência, símbolo de status para alguns moradores diante da igualdade das condições de moradia sempre precária, o som pode diferenciar. Para Carvalho esse padrão de consumo são construídos culturalmente com uma crescente influência dos meios de comunicação.

“As necessidades ou “carências” das famílias na favela vão além da mera subsistência material. Elas são construídas culturalmente e parecem sofrer influência crescente dos meios de comunicação. O padrão de consumo desejado é o que a população da favela identifica como o da classe média ou do “asfalto”. A preocupação com a condição de moradia, embora continue sendo considerada como prioridade, fica relegada a segundo plano, muitas vezes até em função da impossibilidade objetiva de investir nela. Por outro lado, os meios de comunicação apresentam, quotidianamente, infinitas outras opções, valorizadas socialmente como símbolos de status, para o consumo das eventuais sobras do orçamento individual e/ou familiar. Deve-se considerar também que o custo dos investimentos na moradia é, em geral, sensivelmente maior do que a importância que pode ser despendida em bens de consumo. Sendo assim, muitas famílias que residem em barracos de madeira tendem a utilizar seus escassos recursos para obtenção de eletrodomésticos, supérfluos ou não, ou ainda utensílios ou roupas de qualidade, em um aparente contraste com seu padrão de moradia.” (Carvalho, 1994:28).

É comum que quase todos os membros da família contribua para renda familiar. O padrão tradicional de família onde o homem era o mantenedor vai sendo substituído gradativamente. A mulher passa a trabalhar fora nas fábricas de castanhas próximas do bairro, ou mesmo como diaristas nos bairros nobres de Fortaleza. Os filhos mais jovens contribuem para renda familiar, fazendo pequenos favores e biscates nos supermercados próximos ou mesmo vendendo pequenos produtos e alimentos no trem que faz o percurso entre Fortaleza e Caucaia. Todos de alguma forma contribuem para renda familiar.

A família mesmo diante desse processo de fragmentação ainda é um dos espaços de sociabilidade importante para os moradores. Muitos dos valores que definem o comportamento das pessoas no bairro são definidos nesse grupo primário. É na família que as pessoas constroem os valores básicos de como se comportar na mesa, as atitudes diante dos mais velhos, as noções de respeito para com os adultos, as regras básicas de como se apresentar em público. A família serve ainda como protetora da violência urbana a que as pessoas estão sujeitas nas grandes cidades.

“A casa/família é o lugar maior da personalização - cada um é único e insubstituível; ali é o lugar do “respeito”, onde se determina o que “honra” e “vergonha”. Este espaço é um fato social totalizante: ai se vive, dorme, come; ai se encontra a proteção física e social, mas sobretudo é o espaço profundamente totalizado sob uma forte moral.” (Ribeiro, 1994: 83)

É possível encontrar ainda mulheres que permanecem como donas de casa cuidando da limpeza da casa, das crianças e dos idosos que ficam no bairro. O trabalho perfaz uma rotina diária que se inicia com a limpeza da frente da casa, a limpeza de móveis, a preparação do jantar do marido e principal mantenedor da casa, que ao chegar do trabalho depois de ter tomado umas e outras com os companheiros de trabalho, espera encontrar a casa em perfeito estado. Esses valores vêm gradativamente se modificando. É possível perceber o grande número de mulheres que foram se engajando nas lutas de melhorias para

o bairro, ou participando de outras atividades no cotidiano, redefinindo uma nova identidade, alterando costumes e valores no bairro.

“as mulheres pobres especialmente se inserem numa ação social modernizadora, distante da imagem clássica de mulher somente dona-de-casa. Fazem parte de uma nova atuação da mulher o empenho pelo bairro, protestando contra suas precariedade, contra a insuficiência de moradia e carestia, contra os aumentos e baixos salários. É uma luta que, pelo simbolismo inclusive, denuncia situações insuportáveis e reivindica uma sociedade nova.” (Ribeiro, 1994:88)

Essa é uma características marcante nos grupos e movimentos na periferia dos bairros pobres. Uma presença marcante de mulheres na dinâmica política do bairro. O homem mais diretamente engajado no espaço da rua, no mundo da produção, devido fragmentação e diferenciação a que estão sujeitos no espaço público, dedicando grande parte do seu tempo ao mundo do trabalho, pouco participa dos grupos no bairro, com exceção na Associação Esportiva onde a maioria é de homens. O espaço da reprodução, da casa e do bairro vai gradativamente sendo ocupado pela mulher, lutando e reivindicando por melhorias para o bairro . O espaço da rua diferentemente do espaço da casa e do bairro, segundo Ribeiro é o lugar da diferenciação e da fragmentação.

“A rua é o lugar da luta, da discórdia e da concorrência; é o lugar do cada um por si e do salve-se quem puder. A rua não é o lugar do respeito, nem da amizade ou da consideração, mas o espaço da insegurança e da esperteza. Vale a outra moral, onde inclusive a mulher que está na rua pode se transformar em mulher de rua, pois está na vida; onde o “cara” tem que respeitar a lei e a ordem, pois existe “autoridade pra isso” ; é o lugar que se é “ninguém” - dai apelar-se freqüentemente ao “você sabe com quem está falando”. (Ribeiro, 1994: 85-84)

Na casa e no bairro as regras e as normas de convivência são definidas pelos próprios moradores. O modo de vida dos moradores da periferia são construídos quotidianamente. Os padrões de comportamento ajudam na

convivência diária. Pois é na casa e no bairro que a pessoa é reconhecida e respeitada enquanto pessoa. É no bairro onde se constroem as relações de amizade nos diversos espaços sócias existentes.

Principalmente aos domingos é comum encontrarmos um grande número de trabalhadores bebericando nos botequins do bairro para o desgosto das donas de casa, que vêm nos finais de semana o único dia no qual a sua rotina junto com o marido e os filhos poderia ser diferente. No entanto alguns tragos a mais tomados pelo marido são capazes de estragar o domingo tão esperado.

O domingo é ainda o dia em que todos se reúnem para uma ceia mais recheada. O tempero nesse dia é mais abundante. Muitos recebem visitas de parentes e amigos de outros bairros. Serve-se a vontade no horário do almoço. Toma-se um aperitivo com os amigos para abrir o apetite. O descanso após o almoço é sagrado. No final da tarde pode-se assistir uma partida de futebol com os amigos no bairro.

O domingo a noite todos se recolhem mais cedo, a televisão é programa de quase todas as famílias do bairro, o Faustão e o Sílvio Santos são os programas prediletos. Apenas os adolescentes são vistos perambulando pelas ruas do bairro. Mesmo assim retornam cedo para casa.

O trem é o transporte mais usados pelos moradores do bairro, para fazer o longo percurso que dura mais de uma hora entre Caucaia e Fortaleza. Logo cedo a estação já esta lotada pelos que vão se deslocar para o comércio no centro de Fortaleza, para as construções dos luxuosos apartamentos nos bairros nobres da cidade, pelos biscateiros que vão se virar por uns trocados, lavando carros como franelinhas nas paradas e sinais das avenidas, muitos estudantes se deslocando para outros bairros da periferia, já que a única escola do bairro de 1o. Grau não é suficiente para atender o grande número de adolescentes. O trem sempre lotado nos horários de pique é palco de um cenário disputadíssimo pelos vendedores de cafezinho e bugigangas, pelos mendigos, que já se tornaram íntimos dos passageiros, pelos evangélicos que realizam cultos em pleno percurso do trem, para irritação de alguns e/ou para as pilhérias de outros passageiros. O

clima de euforia de uns contrasta com o semblante sério de muitos passageiros que fazem quotidianamente esse roteiro entre o trabalho e a casa.

O atendimento de saúde dos moradores nos casos menos grave pode ser feita na casa de parto do bairro, conquistada pelos moradores junto a prefeitura de Caucaia em 1985, que tem a presença de um médico duas vezes por semana. Nos casos mais graves os moradores precisam se deslocar para o centro de Fortaleza onde se concentra todo o atendimento de emergência da cidade, revelando o descaso dos governantes com a periferia da região metropolitana da cidade.

A única escola pública existente no Conjunto São Miguel construída em 1981 com o apoio do Rotary Clube atende de forma insuficiente aos alunos do 1º. Grau. Após o termino da oitava série os jovens do Conjunto têm que se deslocar para os bairros adjacentes. Esse fato tem causado muita preocupação para os pais desses alunos em função dos jovens ingressarem muito cedo no mercado de trabalho, geralmente têm que estudar a noite. O retorno para casa feito muitas vezes por caminhos perigosos expõe os jovens a violências e aos marginais.

Foto 15

Existem no Conjunto São Miguel duas creches comunitárias construídas pelos governo estadual conveniadas com a Associação dos Moradores. São atendidas 250 crianças em tempo integral. A administração desses equipamentos é realizada pêlos próprios moradores, que recebem repasses de recursos do Estado. Esta tem sido uma prática crescente do poder público estadual, de repassar algumas responsabilidades e funções públicas para as Associações de Moradores. Isso tem causado confusão entre os moradores, que não conseguem distinguir os papeis da Associação dos Moradores e do poder publico.

Os espaços de convivência existentes - o campo de futebol, a oficina de marcenaria, as mercearias, o centrinho - no conjunto expressão as diversas formas de interação entre os moradores. São nesses espaços que as pessoas vão

construindo os laços de afetividade. Destacam se entre os locais de encontro mais freqüentados pelos moradores no bairro.

O campo de futebol do bairro é palco dos grandes jogos da Associação Esportiva Santo André que faz a alegria da sua fiel torcida. Aos domingos e feriados podemos, verificar um numero grande de moradores assistindo e torcendo pelo time do bairro numa confraternização onde as relações de simetria entre os torcedores, os jogadores e a diretoria encobre os conflitos existentes.

Foto. 9

A oficina de marcenaria , vinculada ao Centro Social do Estado, onde muitos moradores iniciam a profissão de marceneiro. A oficina é atualmente administrada pelo Centro Social do Estado que atua no conjunto. Os moradores utilizam a oficina através de grupos de produção organizados pela associação dos moradores. A profissionalização dos moradores é uma das preocupações da associação em virtude do grande número de jovens desempregados no bairro.

O Centrinho, vinculado ao Centro Social do Estado, que foi cedido em comodato à Associação dos Moradores revela as mediações institucionais assumidas pela associação dos moradores. Hoje no local funciona a Creche Comunitária Sonho Infantil administrada pela Associação dos Moradores em convênio com o Estado. A creche abriga 150 crianças do conjunto e das áreas circunvizinhas.

Essa á característica muito forte no conjunto as parcerias assumidas com o Estado. Percebe-se por parte dos poderes uma transferência de responsabilidade do poder público para o controle dos moradores. Essas responsabilidades nem sempre vêm acompanhadas dos devidos recursos ocasionando um desgaste da associação ao incorporar esses serviços.

As mercearias existentes no bairro são espaços de encontro, de bate papos dos moradores. É comum a presença de moradores bebericando no local. As conversas giram em torno dos mais variados assuntos. Críticas são feitas a associação dos moradores. As fofocas sobre os casos de infidelidade no bairro é o

assunto predileto. Fala-se de política e futebol. As pilhérias com os passantes é motivo de ironia e irreverência. As relações de amizade vão se constituindo nessas micro-relações no bairro favorecendo o entrosamento e reconhecimento do moradores.

A presença marcante do Centro Social construído logo após a transferência dos moradores da favela da José Bastos é bastante significativa estabelecendo uma mediação institucional constante entre os grupos no bairro e o Estado. Há momentos que o liame entre os grupos e movimentos no bairro com o Estado é quase imperceptível escondendo contradições e conflitos entre ambos. Os papéis se evidenciam nos momentos de conflitos como as eleições da diretoria da associação dos moradores ou quando da interferência dos técnicos do Estado nas disputas entre os grupos do bairro.

5.2. As práticas religiosas

As práticas religiosas são bastante significativas para os moradores do conjunto São Miguel. É nesse momento que os moradores estabelecem a relação com um mundo onde não existe violência, miséria. As rezas e orações encurtam o caminho entre o paraíso, contraposto ao mundano, a perdição da vida na terra. As religiões existentes no bairro facilitam o exercício da prática religiosa. A presença simbólica desse outro mundo é uma característica da nossa identidade cultural de acordo com Ribeiro.

“o outro mundo”, que simplesmente abre as portas para renúncia ritualizada deste mundo com seus sofrimentos e suas contradições, lutas, falsidades e injustiças. O espaço “do outro mundo” é uma área marcada por igreja, capelas, ermidas, terreiros, centros espíritas, sinagogas, templos, cemitérios e tudo aquilo que faz parte e sinaliza a fronteira entre o mundo de cá e o mundo do além, aonde um dia iremos também viver. “Esse mundo habitado por mortos, fantasmas, almas, santos, anjos, orixás, deuses, Deus, a Virgem Maria e Jesus Cristo, para onde todos vão e donde ninguém retorna

pêlos menos com facilidade”. A linguagem com essas entidades se faz com rezas e pedidos, súplicas e preces que “acentuam a cândida sinceridade, a honesta súplica, a nobre humildade e, naturalmente, a formidável promessa de renunciar o mundo com suas pompas e honras.” “ (Ribeiro, 1994: 84)

A religiosidade dos moradores é marcada pelo sincretismo, é possível participar da umbanda sem deixar de ser um católico fervoroso. Recorre-se nos momentos de dificuldades as mais diversas alternativas religiosas que podem ir deste espiritismo a formas místicas como os curandeiros, as rezadeiras para se tratar de doenças na cabeça, de enfermos em fase terminal, para soluções de problemas conjugais. O católico pode virar crente. As alternativas religiosas são diversificada no bairro, mesmo que a igreja católica e protestante sejam majoritária .

A presença das Igrejas evangélicas nos bairros é crescente. Elas proliferam em número de templos e adeptos. A maioria tem uma atuação bastante “agressiva” de evangelização, com um volume expressivo de propaganda e abordagens em qualquer espaço onde possa se reunir pessoas. Os próprios fiéis participam ativamente da evangelização, procurando sempre conquistar novos seguidores entre seus amigos e conhecidos. Inclusive entre os jovens elas parecem alcançar cada dia mais seguidores, embora se possa questionar sobre a permanência mais ou menos longa deles nessas igrejas.

Grande parte dos moradores se diz católica, porém vive o catolicismo mais como uma fé quase formal, sem freqüentar a igreja regularmente. A religiosidade e a fé são reconhecidamente importantes para a imensa maioria, mas aparentemente a freqüência às práticas religiosa não é valorizada. É muito comum a afirmação da fé em Deus , sem que isso implique numa definição rigorosa quanto a uma prática religiosa específica. A fé é também percebida como um recurso importante nas horas difíceis. É comum a vivência de uma religiosidade “sincretica” como vimos entre os moradores, particularmente aqueles que freqüentam a umbanda, os centros espíritas e os que são formalmente católicos.

5.3. A violência no bairro

.O Conjunto São Miguel como a maioria dos bairros da periferia de Fortaleza, nos últimos anos, duplicou o número de famílias residentes no bairro oriundas do êxodo rural, do desemprego crescente, dos baixos salários, que passaram a ocupar as áreas mais próximas do Rio Maranguapinho e as poucas áreas verdes existentes no Conjunto, totalizando atualmente 365 famílias. Se o Conjunto cresceu em quantidade, o mesmo não aconteceu com a qualidade de vida dos seus moradores, no tocante segurança transporte, saúde, saneamento, educação, lazer e cultura. Esses são problemas enfrentados no dia-a-dia dos moradores.

A violência no finais de semana intensifica-se diante do quadro de insegurança que os moradores da periferia estão submetidos. O forró e as festas realizadas geralmente terminam com violência.

“No final de semana no São Miguel é um pouco agitada por parte da festa. Tem muitas bagunça. Pra começar tem um forrozinho que é do cidadão e tudo, mas quando os jovens sai lá, sai fazendo coisa errada, depredando as casas, atirando um no outro e fica até difícil pra gente sair”.

A juventude parece incorporar a violência cotidiana vivida na “rua” e no bairro aos seus espaços de lazer. Com isso tendem a escassear as opções de diversão e até de comportamento, uma vez que o “padrão” coletivo que se vai estabelecendo fica permeado pela violência. Nesses casos, ela traz como contraponto necessário o autoritarismo e a rigidez em torno dos valores de suas lideranças. O espaço de diversão parece impor cada vez mais a possibilidade do pânico, reforçando o medo e a insegurança. As brigas à saída das festas provocam muita violência e atraem a ação policial sempre violenta, interrompendo e marcando de forma trágica esses espaços.

A bebedeira é outro fator gerador de conflitos. Os excessos de bebidas consumidas acarretam muitas confusões que terminam em conflitos ou pequenos “bonecos” como relata um dos dirigentes da associação dos moradores

“Rapaz a bonecagem é grande nos finais de semana, o cara dá uma pancada num, uma pancada noutra. Ele sozinho sem ter briga com ninguém joga pedra nas casa, o que acontece é isso”.(Luiz, vice-presidente da associação dos moradores, 1994

O clima de insegurança nos bairros da periferia é uma constante no cotidiano dos moradores. Os assaltos acontecem a luz do dia. O medo faz parte do cotidiano de todos.

“Nós tamo num sistema na base periférica de Fortaleza que o pessoal que não esconde morre porque fica sem relógio e pode perder a vida. Eu falo isso até por um momento de angústia, porque tenho dois filhos, vivo criando praticamente junto com o marginal. Eu vejo que os governo olhe para o povo, porque os comunitários não pode. Eu lhe digo porque eles não tem poder financeiro, porque o comunitário é empregado e o dinheiro que ele ganha só dá para sobreviver e mal. Porque no dia que eu chego com meu dinheiro já gasto todo no mesmo dia””. (Luiz vice-presidente da Associação dos moradores, 1994)

O marginal vive e convive com os moradores, mesmo que se possa perceber uma distinção no discurso do entrevistado entre o marginal e as famílias dos trabalhadores que labutam diariamente para manter a casa e os filhos. Espera-se que os poderes na figura do governo enquanto responsável pela polícia encontre a solução para o problema da marginalidade no bairro. Vislumbra-se uma solução com recursos dos próprios moradores, no entanto, “o comunitário não pode, porque ele não tem poder financeiro”, o governo sim tem.

5.4. O Lazer

O lazer é um espaço de cultivo das relações de companheirismo e solidariedade entre os moradores. Embora o adensamento populacional no bairro tenha determinado, entre outras coisas, a perda total ou parcial das áreas de lazer, os moradores procuram se organizar no espaço que restam, ou ocupam novos espaços para efetivar suas opções de divertimento:

“As diversões na semana são poucas o que tem é torneio, alguns jogo marcados por pessoas que tem times. Pessoas que organizam , compram alguns ternos, ai chamam alguns conhecidos e formam um timizinho, ai de vez enquanto marca um jogo pra jogar na quadra ,seu louro tem um time, o Marcos tem, ai animam. Anima o pessoal que vai jogar e sempre junta pessoa pra ficar assistindo, ai isso é o que descontraí, mais na semana fora isso não acontece quase nada. Não tem assim alguma coisa pra pessoa fazer um esporte certo, todo dia ter jogos, não tem mais essa sistemática. Porque a gente tinha diversos campinhos né, aqui , ai foi uma perda desses locais de lazer. A gente chama assim, que era os campinhos, ai as pessoas deixaram aquela rotina que era muito grande. Aqui a rotina era muito boa. Todo final de tarde o pessoal aqui ia jogar bola . Então houve uma perda desse local. (Adriano, grupo de jovens: 1994)

O futebol é mais do que um espaço de divertimento, é locus de relação social e afetiva entre os diversos grupos de moradores no bairro, sendo também atravessado pelos conflitos e pelas alianças ai existentes. Este provavelmente é o lazer que mais aglutina as pessoas, independente da faixa etária, mesmo considerando a predominância de homens. É uma atividade que proporciona, inclusive, excursões e passeios, fortalecendo laços de amizade e companheirismo. Para alguns, até pouco tempo, também era quase que a única forma de contato entre moradores de comunidades distintas. O futebol, como tradição, se constitui, assim, num espaço de reencontro de moradores e ex-moradores e de integração com algumas pessoas dos bairros próximos - numa confraternização caracteristicamente democrática, a uma aparente simetria entre todos que participam:

“As pessoas vem porque é só o lazer que a gente tem, a gente não tem dinheiro pra levar um filho da gente a um shopping, ali já fica mais afastado e a gente é assalariado, é o lazer da gente. É isso aqui e a noite lá na quadra vê os meninos bater uma bolazinha.

Sempre a gente promove pic-nics né, a gente quando não tá participando do campeonato aqui, a gente vai jogar fora de ônibus, aluga o ônibus e tira uma pequena taxa de cada um e a diretoria inteira e paga o pic-nics. (Miron, diretora do Santo André Futebol Clube: 1994)

As alternativas de lazer fora do bairro são bastantes limitadas em função dos baixos salários, do universo cultural, e da falta de informação das atividades culturais na cidade. Os sonhos no entanto de consumo, de lazer permanecem latentes no imaginário dos moradores:

“Meu lazer sempre é sábado. Eu tenho vontade de ir a praia , quem é que não tem, quem é que não tem vontade de ir ver o Beto Carreiro lá no Iguatemi para mostrar seus filho, tenho nem digo. Meus menino pergunta, papai vamos a praia ? eu digo calma menino tenha paciência, um dia nós vamos. Mas nem posso dizer um dia, não possuo um carro, meu carro é minha bicicleta. Essa bicicleta é meu transporte. Como se vive numa sociedade dessa, que o rico é só quem tem direito. Ai não vai. O dia-a-dia do trabalhador é só o trabalhador que trabalha em uma empresa privada, é um trabalho massacrado.” (Luiz, vice-presidente da associação dos moradores: 1994)

A rotina entre o trabalho e a casa faz parte da vida da maioria dos moradores. Poucos podem despende algum recurso do orçamento já apertado para ir ao cinema, a praia, aos estádios de futebol, aos shows pela cidade. O lazer concentra-se no bairro. O futebol no campo próximo da casa, a conversa com os amigos bebericando umas e outras com os vizinhos mais chegados, o forró nos

clubes menos distante do bairro, ou mesmo no próprio bairro e as festas promovidas pelos grupos no bairro são alternativas de lazer para os moradores.

Foto 2

As festas juninas são uma tradição que permanece forte na comunidade, funcionando como veículo de integração e articulação entre os moradores das diversas gerações. Além do mais elas são forma já tradicional dos moradores e dos grupos comunitários arrecadarem fundos para custear suas atividades. Os eventos lúdico-religiosos são vividos intensamente no bairro. Nos meses de junho os diversos grupos no bairro se unem em torno da organização das festividades juninas. Grupo de jovens, de idosos, o centro social urbano, a associação dos moradores e grupos dos bairros adjacentes se reúnem na quadra do bairro num belíssimo festival de quadrilhas. A concorrência entre as quadrilhas revela uma acirrada disputa com os bairros próximos.

Foto 13

Uma Multidão se adensa na praça para aproveitar intensamente a festa. Os lances mais ousados das quadrilhas são acompanhados atentamente. As pequenas falhas são motivos de pilhérias e vaias demonstrando o lado moleque dos participantes. Entre risos e vaias tudo vale para curtir o momento, como se o tempo linear da rotina diária fosse quebrado num êxtase coletivo. Nesta hora da festa importa viver o presente.

Em meio a festa, observa-se um número grande de moradores que aproveita o momento para arrecadar algum dinheiro. São pequenas barracas vendendo comidas típicas, cachaça e espetinho, cerveja, etc. Todos tentam tirar algum proveito das festa.

Verifica-se no mês de setembro a festa do padroeiro do bairro em homenagem a São Miguel uma tradição inventada após a transferência dos moradores. A festa passou a fazer parte do calendário do bairro a partir da chegada dos moradores no conjunto. Os grupos ligados a igreja organizam em conjunto com os diversos movimentos do bairro o calendário das novenas, o arriamento da bandeira do São Miguel, a organização das barracas, o contrato com

a quermesse, o convite as autoridades para o encerramento do evento lúdico-religioso e a escolha da rainha dos partidos verde e amarelo que disputam até o último momento quem consegue arrecadar mais recursos para Igreja.

Foto 1

O parque de diversões instalado na praça é motivo de festa para as crianças e adolescentes. As barracas de comida e bebidas são um atrativo para os moradores.

O ponto alto da festa é o encerramento. A banda de música entoava o hino do conjunto. Várias autoridades participam das festividades. A palavra é facultada para lideranças do bairro, para os políticos, para o padre e representantes do Estado. Poucos escutam as palavras das autoridades. A maioria continua bebendo, comendo, brincando e aproveitando o dia de festa. O espaço está mais propício para Dioniso do que para Apolo. A orgia, o lúdico prevalece sobre o ordenamento.

5.1. As formas de interação

As formas de interação no bairro emergem dentro desse contexto de simultaneidade dos acontecimentos, de encontros e reuniões daquilo que existe nos arredores, na vizinhança.

A partir de observações iniciadas em 1989, podemos constatar a existência de vários grupos organizados atuando no Conjunto São Miguel (Ver Quadro 1), dentro dos quais: grupo de jovens, grupo de idosos, grupos de oração, Grupo pastoral, associações esportivas, associação dos moradores e o Cine clube etc., bem como espaços de encontros ligados as instituições e aos grupos existentes como: a quadra de esporte e a praça, o centro social e o centro espírita, a igreja católica e as igrejas protestantes, uma escola pública de 1º Grau, e as sedes da associação dos moradores e do grupo de idosos.

Podemos encontrar o mesmo morador participando desses diferentes grupos no bairro. As pessoas transitam nesses diferentes espaços sociais. O

morador que participa do grupo de idosos cuja identificação se estabelece por vínculos etários e biológicos pode ser visto participando das reuniões da associação dos moradores cuja a luta perpassa os diversos grupos existentes no bairro. Os moradores de alguma forma participam desses espaços sociais e dos grupos existentes no bairro, excetuando os moradores que vivem mais isolados no bairro.

Essa rede de sociabilidade no bairro pode ser compreendida de forma diferenciada. Existem grupos que se destacaram pelo caráter reivindicativo como foi o caso dos representantes de quadras do bairro, do Conselho comunitário nos primeiros anos após a expulsão dos moradores da José Bastos(1979/1980) e posteriormente a associação dos moradores criada no novo local de moradia. Outros grupos construíram a sua identidade a partir de atividades voltadas para o lazer, para informação, para religiosidade, pela conversação estabelecendo relações de amizade cujos vínculos etários e biológicos (os jovens, os idosos) são fatores de identificação nesse pequenos grupos que foram surgindo no bairro.

QUADRO - 1 - Principais formas de organização do bairro.

FORMAS DE ORGANIZAÇÃO	ANO DE CRIAÇÃO	NÚMERO DE PARTICIPANTES	PRINCIPAIS ATIVIDADES	INFLUÊNCIA DE INSTITUIÇÕES SOCIAIS
SÓCIO-POLITICA				
Associação dos Moradores	1981	760	reuniões e assembleias gerais, negociação com os poderes	Estado e Partidos
SÓCIO-CULTURAIS				
Grupo Pastoral	1994	12	Unificar os grupos da Igreja e organizar as missas e novenas	Igreja
Grupo de Jovens	1990	30	encontros,	Igreja , Estado, e

			passeios, pic-nics, teatro, jornal comunitário, apoio as atividades da igreja	ONGs
Assoc. Esportiva. Santo André	1980	50	lazer, pic-nics	Estado, políticos, partidos
Grupo de Idosos	1980	31	lazer, conversação, passeios e pic-nics	Estado, associação dos moradores
Cine Clube	1992	150	forrós, festas funks cinema	políticos, partidos

Os diversos grupos e movimentos no bairro estão de alguma forma mediadas por instituições ou por entidades que atuam no bairro. O Estado e a igreja têm uma atuação bastante significativa no bairro, principalmente na Associação dos moradores. Nos demais grupos as mediações se estabelecem diretamente com as instituições numa relação de dependência e/ou mediadas por políticos sempre presentes nos períodos políticos eleitorais no bairro.

A Associação dos Moradores criada em 1981, como já vimos foi resultado do conflito político dos moradores que estiveram presentes nas lutas na José Bastos e que estavam a frente do Conselho de Moradores Francisco Gonçalves, e a nova forma de organização no qual o Estado tem um papel decisivo na articulação e definição das forças que irão se integrar a associação dos moradores. A cooptação de moradores através da contratação de lideranças importantes no novo local de moradia para integrarem os quadros do Centro Social do Estado foi um instrumento muito usado nesse processo, excluindo da composição da chapa as principais lideranças da José Bastos. Esse contexto em que associação dos moradores foi criada ainda hoje é percebida na dinâmica sócio-política desse grupo no bairro.

“No início do conjunto foi criada a PROAFA um órgão governamental que hoje não existe mais. Este órgão a PROAFA, discutia a organização da comunidade, mas eu acredito que deu mais crescimento na área governamental

do que a comunidade. Serviu muito pro próprio governo crescer nesta área. A PROAFA, deu muito emprego na área governamental, daí surgiu o movimento comunitário, movimento este que trouxe uma divisão por parte dos moradores, porque algumas famílias que vinham da José Bastos não aceitavam este conselho (referindo-se a associação) criado pela própria PROAFA e é tão certo que até hoje o nome PROAFA existe no estatuto e pra isto nós vamos mudar, pois rege o estatuto que dois técnico da PROAFA, assessora o conselho, por isso, a gente viu que o conselho não era da comunidade e sim da PROAFA, e que ele trabalhava ao lado do governo e não da comunidade.”
(Maria, liderança no bairro, 1994)

Como resultado desse processo de apadrinhamento dos técnicos na criação da associação dos moradores alguns aspectos se destacam-se na sua atuação interna no bairro: o paternalismo da associação no trato com os moradores que vêem as lideranças como o instrumento que vai resolver todos os problemas do bairro, basta que ele vote no período das eleições; a dependência dos políticos tradicionais nos quais o clientelismo político é bastante utilizada pela direção, como forma de ganho pessoal; a divisão ainda hoje presente provocada pela intervenção dos técnicos do estado, quando da criação e eleição da direção da associação, excluindo as lideranças da José Bastos acomodando a luta política com lideranças atreladas as novas formas de dependência criadas com o empreguismo e o paternalismo. Essas são questões ainda hoje enfrentadas pela associação.

“É ficou sempre o Conjunto São Miguel pequeno e dividido, e até hoje não conseguimos corrigir essa divisão.”
(Gracelina, liderança no bairro, 1994)

Essa divisão permeia as relações de poder existente na associação que se torna mais visível nas eleições para diretoria. A alternância de poder tem permitido momentos diferenciados na luta dos moradores. Há períodos em que a associação foi dirigida por lideranças mais identificadas com a luta do bairro e as

melhorias coletivas tendem a envolver um maior número de moradores nas reuniões e assembléias realizadas pela diretoria. Quando a direção eleita tende para interesses pessoais seja de cunho político eleitoreiro ou financeiros percebe-se o distanciamento dos moradores da associação.

“É uma divisão política. Eu acho que alguns presidentes não tiveram sucesso porque envolveram política dentro da associação, pois quando nós estamos na direção, nunca envolvemos com política. Nós fazíamos reuniões, levávamos as assembléias gerais as necessidades que as pessoas pediam e dávamos respostas. Muitas vezes quando buscávamos alguma coisa e não erramos atendidos, nós pedíamos para que a pessoa viesse falar diretamente com a comunidade.” (Gracelina, liderança no bairro, 1994)

O político para Gracelina se explicita numa relação direta de algumas lideranças oriundas da José bastos que ainda mantém vínculos com lideranças políticas com ex-deputada Maria Luiza Fontenelle. A crítica pode ainda ser dirigida para algumas lideranças que aproveitando o espaço da associação lançam-se candidatos a cargos eletivos a câmara municipal de Caucaia.

As críticas feitas pelos moradores as lideranças se generalizam a todos que participam do movimento, não diferenciando as lideranças comprometidas com o bairro, dos oportunistas e interesseiros, causando indignação e distanciamento da associação de algumas lideranças. No entanto, o reconhecimento conseguido por essas lideranças fora do bairro justifica o esforço empregado na luta por melhorias para o conjunto.

“O que eu acho é que devido a situação de família, depois eu comecei a me omitir, mas eu gosto deste trabalho e a comunidade faz pressão e diz certas coisas, mas lá fora este trabalho que nós fazemos é reconhecido e valorizado. Lembro que uma vez nós fomos convidados para ir a Maternidade Escola participar de uma reunião com várias autoridades e outros representantes de associação, para discutir o problema da saúde e lá tive a oportunidade de falar.” (Gracelina, liderança no bairro, 1994)

A associação dos Moradores enfrenta este dilema no seu cotidiano, entre momentos de intensa mobilização e outros onde o isolamento da diretoria e o distanciamento dos moradores é visível. Iremos aprofundar esses aspectos num capítulo específico sobre a associação.

O Conselho Pastoral criado em 1994 congrega todos os grupos diretamente ligados a igreja católica do bairro, dentre os quais: o grupo de oração, o grupo de jovens, os grupos pré-jovens, representantes das pastorais e a catequese. Esse grupo reuni-se semanalmente no salão paroquial. O seu objetivo é organizar as tarefas da igreja e mobilizar a comunidade para uma maior participação dos moradores nas atividades da igreja católica. O grupo é coordenado pelo padre da paróquia que define as suas ações e a sua atuação no bairro, que é basicamente de evangelização e reforço da unidade da igreja católica.

O grupo de jovens criado em 1990 tem uma forte influência religiosa da Igreja católica do bairro. O grupo tem sua origem nos cursos de crismando. Nessas atividades os participantes iniciaram o processo de conhecimento entre os membros que vai dar origem ao grupo. O grupo se autodefiniu como

“um grupo de jovens de 15 anos acima, que trabalha nas comunidades de São Miguel e Genibaú. E que desenvolve nessas comunidades um trabalho que envolve crianças, adolescentes e jovens, ocupando assim o seu tempo ocioso com esportes, recreações, cultura, religião, etc.

O grupo JUPAC é decorrente de uma formação de um grupo de jovens na igreja, este grupo que no início era conhecido como PRÉ-JOVENS” e que trabalhava unicamente para Igreja e resolveu trabalhar na comunidade e trocar o nome do grupo . Esse grupo é responsável, por alguns projetos e trabalhos que estão acontecendo na comunidade. (Jornal JUPAC, abril de 1992)

Dentre as atividades culturais dos Jovens Unidos Pela Paz e o Amor em Cristo se destaca o teatro. O roteiro das apresentações escrito pelos próprios representantes do grupo geralmente revelam as dificuldades vividas no bairro. A falta de transporte e lazer. As promessas não cumpridas pelos políticos de melhorias para o bairro. A rotina do jovem no bairro. Percebesse uma

desnaturalização da vida cotidiana enfrentada por eles e pelos moradores do bairro. As apresentações servem para arrecadar ainda fundos para as atividades do grupo

A produção de um boletim informativo que circula com uma certa periodicidade entre os moradores, que é produzido em conjunto com a organização Não Governamental Comunicação e Cultura é outra importante atividade desenvolvida pelos jovens. Os temas do jornal vão desde informações das atividades dos grupos no bairro, a resumos de fatos importantes que acontecem na cidade. Os mais românticos encontram no jornal um meio de se corresponder e de mandar recados para pessoa amada.

“DE: Elizangela

PARA: Hertty

Amar é esta a frente de trinta mil pessoas, e sentir a falta de apenas uma. Você. Te amo gato!” (Jornal JUPAC, junho de 1993)

Os encontros e seminários de reflexão realizados pelos jovens é mais uma forma de integração desenvolvido pelo grupo. Os temas estão ligados a problemas enfrentados no cotidiano do bairro: as drogas, os conflitos de geração, as mudanças na adolescência, a violência. Os temas buscam sensibilizar e “integrar o jovem na sociedade”.

Há uma preocupação dos jovens em integrar os menores ainda na fase da puberdade as atividades do grupo. Justifica-se esta prática em função da ociosidade dos jovens que poderia desviar os mesmos para outras alternativas como: as drogas, as guangues. As atividades religiosas são também incentivadas pelo grupo demonstrando um vínculo ainda muito forte com a Igreja católica. Dentre as atividades desenvolvidas pelo grupo visando envolver os jovens destacam-se:

“LEGIÃO DE MARIA - É com este grupo que é realizado, o trabalho com a comunidade que tem um amor especial por Maria e quer desempenhar um trabalho legionário.

PROJETO JUVENTUDE UNIDA - Para o bom entendimento do leitor devemos relatar que este não é um grupo e sim um projeto realizado pelo grupo com o objetivo de ocupar o tempo ocioso do jovem para que este não venha a causar distúrbios por consequência de não ter o que fazer: a onde temos vários jogos nos finais de semana.

PROJETO CRIANÇA UNIDA - O leitor entenderá que este trabalho é igual o do projeto juventude unida tendo a diferença apenas na idade de seus participantes que é de 7 a 14 anos.

GRUPO PRÉ-JOVENS - Este grupo tinha um local de trabalho que é a Igreja, que está um pouco esquecida pelo grupo, não por falta de interesse, mas por tentar fazer um trabalho na comunidade, este grupo que já existiu será reativado Pelo JUPAC.

GRUPO PRÉ-JUVENIL - Este é um grupo de adolescentes, de 9 a 14 anos, com finalidade de preparar estes adolescentes para o grupo JUPAC. com a capacidade de engajar 30 adolescentes, este é mais um trabalho feito pelo JUPAC.”
(Jornal JUPAC, agosto de 1991)

Muitas dessas atividades pensadas pela direção do grupo não conseguem ter o êxito esperado seja pela falta de tempo dos participantes em sistematizar o acompanhamento, ou mesmo pela falta de condições materiais. Algumas dessas atividades funcionam precariamente e logo se desfazem. Tenta-se o apoio do Centro Social do Estado existente no bairro, mais os esforços são envão, os recursos são demorados e irrisórios. Mesmo assim continuam tentando manter o grupo e suas atividades, a esperança parece ser uma marca dessas populações da periferia que acredita sempre que “tudo um dia vai melhorar”.

O esporte e o lazer no próprio bairro é uma experiência presente no cotidiano dos moradores do Conjunto São Miguel. A Associação Esportiva Santo André criada em 1980 pelos próprio moradores promove o esporte no bairro. Nos finais de semana no campo do bairro podemos assistir a partidas futebol animadíssimas. todos compartilham o desejo comum da vitória do seu time. O clima é bastante festivo, as brincadeiras fazem parte desse ambiente. Todos se conhecem. A uma aparente simetria entre diretores, jogadores e torcedores.

Nos bastidores no entanto as diferenças aparecem de forma implícitas. a diretoria mantém mediações com os poderes e com políticos que geralmente nos períodos políticos eleitorais negociam melhorias no fardamento dos atletas do subúrbio, em troca de votos. tudo transcorre sem o consentimento explícito dos demais atores, mesmo que todos tenham conhecimento do fato de alguma maneira.

Os pic-nics e os jogos em locais distantes são bastante disputados pelos moradores que aproveitam a oportunidade para conhecer novos lugares, praias do interior, outros bairros da periferia de Fortaleza. A diretoria da Associação Esportiva Santo André nesses casos aluga um ônibus ou mesmo um caminhão que é rateado entre todos que estão dispostos a despende algum recurso para aproveitar o passeio e um dia lazer diferente do dia-a-dia do bairro.

Foto 8

O grupo de idosos do bairro criado e acompanhado pelos técnicos da PROAFA, se caracteriza pelo paternalismo e pelo assistencialismo comuns a dinâmica social do bairro. O grupo reunir-se duas vezes por semana sob a coordenação de uma das idosas, acompanhada pelo técnico do centro social. Na sua origem o grupo traz a marca da presença do estado, como pode ser percebido no relato da ex-coordenadora do grupo.

“Hoje em dia ela é senhora, mas ela era uma moça, a lone da PROAFA. A lone saiu de porta em porta convidando nós pra fazer um grupinho de idosos. Ai arrumou 18 velhinhos aqui do conjunto e 10 do Genibaú, então ai nós não tinha recurso nenhum. O recurso que nós arrumava ela saia, ai nós arrumamo aqui uma casa que era onde era a maternidade, ai mandaram pra lá, ai nós já tinha formado nosso grupo, ai a casa ficou desocupada, nós já tinha formado o nosso grupo. ai nós fomos pra dentro, era só dezoito velhinhos , ai foi crescendo. foi crescendo, ficou 40, depois desse 40, a doutora Vanilta veio para cá e arrumou um convênio com a LBA, e nós ficamo. Ai a doutora Vanilta arrumou esse convênio, ai nós recebia pouquinho.” (Dona Ieda ex-coordenadora do grupo de idosos, 1994)

Este grupo se caracteriza pela informalidade dos seus participantes e a identificação se dar pelos vínculos etários e biológicos. A sua formação deve-se a ação do estado e a espontaneidade de D. Ieda que coordenou o grupo até 1992, a mesma foi afastada depois de vários desentendimentos com a coordenadora do centro social, que usando da sua autoridade transferiu as reuniões do grupo para o centro social. Muitos idosos ainda permaneceram no antigo local denominado Clube das Candinhas. No entanto diante da falta de recursos o Clube das Candinhas fechou as portas, para tristeza de Dona Ieda que tanto batalhou pelo crescimento do grupo. Atualmente o grupo reuni-se as terças e quintas sob o cuidado das monitoras do centro.

“Dois anos que eu frequento o grupo do Conjunto São Miguel, é de grande importância, mas se acha muito proveitoso, encontrar todos os idosos daqui, nós gosta de mais, a nossa diretora é ótima e cada vez melhorando mais, então assim, é de grande importância o nosso grupo.” (Seu Otávio, membro do grupo, 1994)

. A interação entre os idosos que facilita as relações de amizade são construída nas reuniões do grupo, nas conversas informais, nas brincadeiras O grupo realiza festa animadíssimas puxadas à forró, passeios nas praias da cidade, pic-nics e viagens. O grupo das Candinhas como é conhecido pelos moradores é uma alternativa para os idosos que buscam quebrar a rotina e o isolamento no bairro.

"Para traz agente não tinha direção nenhuma né, ficava só em casa, era diferente dos dias de hoje, que a gente passeia, vários passeios, agente vai a praia, a gente já conheceu muitos cantos, sempre a gente vai ao Canindé, que é uma coisa muito boa, um passeio da qui outro da culá, vários passeios em praia." (Seu Otávio, membro do grupo, 1994)

A resignação e tolerância é a marca do antigo Clube das Candinha. A ação dos técnicos reforça as relações de paternalismo causando um certo acomodamento entre os idosos. São raros os momentos onde se discute sobre os direitos da terceira idade.

Foto 7

No momento em que o grupo partia para uma autonomia a mão forte dos representantes do Estado agiu com bastante eficiência retomando o controle do grupo das lideranças do próprio Conjunto. Essa parece ser uma sina vivida pelos moradores do Conjunto São Miguel. Isso não implica que o conjunto tenha seus espaços de convivência onde o espírito lúdico se expresse de forma espontânea.

O lazer no próprio bairro pode ser conseguido no Cine Clube que é um dos espaços mais procurados pelos moradores do conjunto que buscam algumas formas de diversão. Na semana pode-se assistir filmes de sucesso nas bilheterias dos cinemas da cidade, principalmente filmes de ação como: Rambo, Estremador do Futuro, etc. Nos finais de semana mais especificamente aos sábados o forró é a opção colocada pelo Cine Clube a disposição dos moradores. O domingo é dedicado aos jovens que podem curtir o ritmo da moda no momento nos grandes clubes de Fortaleza. É possível ser feliz no Cine Clube

“Lembre-se: A sua única chance de passar um final de semana feliz é vir para O Cine Clube.” (Jornal JUPAC, agosto de 1991)

A felicidade no Cine Clube custa no entanto alguns trocados para os seus freqüentadores e a desconfiança daqueles que veem este espaço como um lugar mundano. O cinema e as festas é controlado pela conhecida Zulene, amada por alguns moradores e detestada por muitas donas de casa por perceberem o Cine Clube como um lugar de perdição e de desordem. As festas principalmente dos jovens geralmente terminam em brigas de galeras . A bebedeira no forró geralmente acaba em pequenos “bonecos” solucionáveis no próprio local. No mais tudo é festa. Esses são os grupos e espaços importantes de encontro dos moradores.

Constatamos, ainda que são esses grupos que organizam a vida social no bairro nos momentos de festa do Padroeiro São Miguel nos meses de setembro, as novenas do mês de maio em homenagem à Nossa Senhora do

Perpetuo Socorro, os torneios esportivos, as eleições que ocorrem de dois em dois anos, os encontros de troca de experiências, os mutirões, etc.

Essas redes de sociabilidade estão interrelacionadas organicamente a própria dinâmica do bairro. Os vínculos se estabelecem nesse pequenos grupos nas mais variadas formas de interação. Destacam-se os vínculos etários, e a busca do lazer, a conversação, a reivindicação e a informação como elementos importantes nas varias formas de sociabilidade no bairro.

Estão implícitos nesses grupos toda uma teia de vínculos de vizinhança e amizade que vão se consubstanciando em formas de relações sociais. Isso facilita as formas de contato mútuos que vão dando forma aos grupos e movimentos no bairro.

Este é o retrato aproximado da vida cotidiana dos moradores do Conjunto São Miguel. São essas diversas formas de interação que definem as formas de pertencimento aos grupos existentes no bairro. A identidade das pessoas e dos grupo é construída nesses espaços sociais, definindo um modo de vida das classe sócias que vivem na periferias dos centros urbanos-industrias.

VI. FIGURAS COLETIVAS QUE SE DESTACAM NO BAIRRO

“Assim, na verdade, já respondemos à questão de saber o que o homem deve fazer quando existe na sua sociedade uma comunidade de conteúdo axiológico positivo: não há dúvida de que deve escolher essa comunidade, a fim de que se explicitem suas capacidades e de que sua individualidade possa desenvolver-se. Bem mais problemática parece a réplica: que deve fazer o homem se sua sociedade não apresentar nenhuma comunidade de conteúdo axiológico positivo?.” Agnes Heller

As diversas redes de sociabilidade no bairro vão se configurando em movimentos e grupos com características diferentes. O lazer, a melhoria das condições de vida, a informação, a conversação são alguns dos elementos que vão dando formato a formas de relações sociais entre os moradores.

Esses grupos estão organicamente ligados a dinâmica sócio-cultural no bairro criando espaços e práticas sociais entre seus participantes. Nossa intenção nessa abordagem é mostrar como esses grupos e movimentos atuam no contexto do bairro sem perder de vista as relações que os mesmos mantêm com o

sistema institucional e com outros agentes. Tomamos como exemplo no bairro a associação dos moradores, o grupo de jovens e a associação esportiva.

6.1. A união dos Moradores

A precária situação do bairro, visível aos olhos menos atentos, como as ruas esburacadas, os esgotos a céu aberto, a deficiência de água, da luz e de transporte são alguns problemas enfrentados pelos moradores de forma conjunta. A Associação dos Moradores criada em 1981 com o apoio dos técnicos do Centro Social do Estado é a organização que negocia com as autoridades de forma mais direta estas melhorias para o bairro.

O processo de participação dos moradores se dá nas assembléias gerais, nas reuniões de rua, onde a diretoria presta conta das suas atividades.

Em períodos de dois em dois anos realiza-se uma acirrada disputa entre os moradores para eleição da diretoria da Associação. Envolvem-se nesse complexo jogo pelo poder pessoas dos diferentes grupos do bairro, técnicos do Centro Social, políticos e lideranças. Estas pessoas se dividem tanto no processo de organização quanto no apoio as chapas concorrentes. Diferentes concepções religiosas e políticos entram em disputa. Emergem conflitos pessoais, fala-se da vida íntima dos candidatos. Promessas são feitas de resolução dos problemas do bairro. Apela-se para pequenos favores.

Foto 11

Toda essa rede de relações esta profundamente marcada pela própria trajetória do bairro que como vimos nasceu em um contexto de conflito em que confluem forças políticas antagônicas. Por um lado a ação paternalista e autoritária do Estado que expulsa os moradores usando da força policial e ao mesmo tempo faz concessões ao comprar um terreno afastado do Centro Comercial da cidade. No local é construído um Centro Social, cujos técnicos passam a intervir diretamente no processo de organização dos movimentos e grupos no bairro. Todo esse processo é percebido pelos moradores num misto de saudosismo e perplexidade diante da fragmentação das lutas no bairro:

“Vou começar pela Dona Luiza Távora³, bom a Dona Luiza Távora, a maior parte dos anos ela deu muito apoio aqui, era uma senhora que dava muito apoio. Agora quando nós chegamos, quando nós vinha da favela da Zé Bastos nós era tudo unida, unida mesma, o que um sentia, todos sentia. Então nós viemos pra cá, quando nós chegamos aqui houve uma separação, ficamos dividido, um queria uma coisa, outros queria outra. Então ficam nisso até hoje nós vivemos nessa separação, nessa desunião que aqui, só o que deve existir é desunião, desde que chegamos aqui fomos dividido”. (D. Ieda Ex-Coordenadora do Grupo de Idosos do Conjunto São Miguel, 1994)

Por outro lado as forças políticas que apoiaram a permanência dos moradores na José Bastos - a igreja, deputada Maria Luiza Fontenele, sindicatos, partidos - não tiveram uma ação mais sistemática no novo local de moradia, no tocante ao cotidiano dos moradores e nas suas formas de organização. Percebe-se apenas nos depoimentos dos moradores ações isoladas de pessoas que se destacaram na luta da José Bastos:

“O que vejo que a luta da Zé Bastos para chegar aqui, eu não tinha o conhecimento por que não fui morador de dentro da área. Hoje ninguém conhece Dona Maria Luiza³ dentro do São Miguel, certo que a Dona Luiza foi quem fez e trouxe eles pra cá, mas quando a Dona Maria Luiza Fontenelle levam ao conhecimento da Dona Luiza Távora, que sentiu que não era certo fazer aquilo e disse. Virgílio dessa maneira a gente não faz com o povo. Vamos caçar outro caminho. Seu Virgílio botou muito policial pra açoiar o povo na Zé Bastos, com a luta de Maria Luiza, não aceitar aquilo de maneira nenhuma, levar ao conhecimento de Dona Luiza e Dona Luiza tomar providência imediata. Eu acho que o pessoal quando vierem da Zé Bastos era um e hoje são outro”. (Luiz, Ex-Vice Presidente da Associação dos Moradores do Conjunto São Miguel, 1994).

³ Luiza Távora primeira dama do estado, conhecida como a mãe dos pobres.

³ Maria Luiza importante liderança política e popular da Fortaleza.

O paternalismo-autoritário dos agentes do Estado que passaram a reforçar as formas de assistencialismo e de clientelismo entre os moradores distribuindo mantimentos e roupas, intervindo nos conflitos intra-vizinhos e a quebra dos laços de afetividade após a transferência dos moradores para o conjunto São Miguel são elementos importantes para se analisar as características do processo de organização dos moradores no bairro. Mesmo as conquistas que melhoram a vida dos moradores, que deveriam servir como instrumento de mobilização são vistos como elementos de acomodação e individualização :

“A comunidade perdeu aquele regime de se unir uns com os outros, parece que todo mundo enricou, todo mundo ficou mais ruim do que o que era, há um motivo que eu como representante, tive muito encostado do povo do Conjunto São Miguel, e sentir que o povo não queria mais nada como queriam na Zé Bastos, qui na Zé Bastos tinha uma luta encenada do povo pelo povo, e aqui dentro do Conjunto São Miguel praticamente todo mundo desorganizado, propriamente se o governo quisesse tirar nós do Conjunto São Miguel, propriamente tirava sem a gente se manifestar, qui como representante nós aqui praticamente se organizamos, fizemos várias reuniões de rua por rua. Tinha rua de vim três, quatro pessoas, então quando a pessoa faz assim eles não estão querendo nada. Meu motivo como eu estou vendo, é as dificuldades comunidade pra comunidade, é isso ai. O povo espera só feijão, não espera bondade e amizade uns pelos outros, não querer isso é péssimo e fundamental para um conjunto pequeno como o Conjunto São Miguel”. (Luiz Ex-vice-presidente da Associação dos Moradores do Conjunto São Miguel, 1994).

A transferência da José Bastos a presença forte do Estado ao nosso ver quebrou os laços de amizade no conjunto. A presença dos agentes Sociais do Estado favoreceu ainda o surgimento de lideranças não identificadas com as lutas dos moradores, dificultando ainda mais as formas de entendimento que se ancoravam na tradição de luta dos moradores vindo da José Bastos. Isto fica explicito neste depoimento:

“O povo do São Miguel não tem mais aquele povo que vieram da José Bastos, que ganharam a luta entre pau, briga e peia. Hoje se acontece aquilo o São Miguel ficaria distinto, porque hoje ninguém tem amor uns pelos outras, por isso é que eu acho que a nossa dificuldade maior, de se lutar pelo conjunto São Miguel é nessa técnica, falta de educação, carinho com os outros e amizade, se chegasse o dia voltar-se o São Miguel tem amizade um par todos, por um, acredito que nessa parte cem por cento do povo com o povo”. (Luiz,- presidente da Associação dos Moradores do Conjunto São Miguel, 1994)

O laços de afetividade que foi um dos elementos fundamentais da resistência dos moradores na luta por moradia na José Bastos são vistas agora no novo local de moradia como o componente necessária para recompor os laços de amizade entre os moradores. Neste novo contexto a conversa amigável é um dos instrumentos utilizados para aproximar os moradores da associação do bairro:

“Muita gente se mudou, ficou muita gente de fora sem ser da própria Zé Bastos. Com aquelas pessoas que nós tínhamos um conhecimento melhor vi tudo era mais fácil da gente conseguir. Já hoje até pra pessoas se reunir mesmo, os problemas fica muito difícil. Se promover uma luta aqui no São Miguel quase não aparece nenhum morador. Agora de antigamente não a gente se comunicava Se tinha uma festa era lotada. Aí os moradores, apesar de eles tá muito escaldado agente tenta essa conversa de pé de ouvido por que os moradores pega o crédito na diretoria e tudo fica mais fácil” (Raimundo, Presidente da Associação dos moradores do Conjunto São Miguel, 1994)

Essa perda do espaço da conversa, do diálogo, das referências de identificação, ocasionam a perda do sentido das manifestações no espaço público na luta por direitos e por melhores condições de vida. Este contexto favorece ainda a quebra dos laços de solidariedade que são elementos orgânicos fundamentais nos grupos sociais. Sem estes elementos de sociabilidade no grupo emergem as

fofocas, as diligências, a intriga e os conflitos como os aspectos essenciais no grupo. Estes elementos são facilmente identificáveis no cotidiano da associação de moradores do Conjunto São Miguel como podemos notas neste depoimento:

“O que eu vejo na comunidade hoje é que a cada dia que se passa acaba a instabilidade ninguém quer lutar pelos direitos, ninguém quer ver mais ninguém” (Luiz, ex-vice-Presidente da Associação dos Moradores do Conjunto São Miguel, 1994).

Esse contexto de perda de legitimidade das formas de organização formais que lutam por objetivo específico vão dando espaços no cotidiano a outros grupos no bairro. Essa redes de sociabilidade que vão se constituindo no bairro nos quais os vínculos de amizade e companheirismo são constituídos nos espaços de lazer, na conversa informal, na praça atuam como elementos de integração entre os moradores. Vale a pena verificar no cotidiano do bairro a experiências desses grupos para tomar como parâmetro e referência para uma análise mais profunda da dinâmica no Conjunto São Miguel.

6.2. Jovens Unidos Pela Paz e o Amor em Cristo

Os jovens Unidos Pela Paz e o Amor a Cristo - JUPAC, que formam o Grupo de Jovens do Conjunto São Miguel se dividem em várias atividades no Bairro. No campo religioso organizam-se em torno da catequese, dos grupos de crismados, de perseverantes, do Conselho Pastoral, e do coral, ajudando na coordenação das várias atividades da Igreja Católica. No campo cultural os jovens atuam no grupo de teatro que dá o tom lúdico e criativo ao grupo com seus ensaios no salão paroquial ou no Centro Social. Estes grupos promovem ainda manhãs de lazer na quadra do bairro, passeios turísticos nas praias próximas e reuniões e encontros que realizados com apoio da Igreja ou do Centro Social Urbano.

Foto 12

Outra atividades dos jovens é o jornal comunitário realizado, com o apoio e a orientação do Grupo Comunicação e Cultura. O Jornal é patrocinado por pequenos comerciantes em troca da divulgação da publicidade dos seus negócios no jornal. As notícias discutem os problemas do bairro como: a violência e o descaso das autoridades para com o bairro. Informam sobre as atividades da Igreja, do Centro social, e dos grupos organizados. Os jovens aproveitam o espaço para divulgarem pequenos recados e confidências amorosas.

Percebemos nas reuniões e encontros uma hierarquia que se expressa na coordenação do presidente que se encarrega da organização das atividades. No mais são designados coordenadores para os grupos de catequese, de teatro, de crisma, de esporte que passam a organizar estas atividades. As reuniões são realizadas de acordo com interesses momentâneos dos participantes para organizar o jornal, ensaios do grupo de teatro, dias de lazer, passeios. Percebemos uma preocupação dos jovens com problemas vividos no bairro como: brigas, gangues, falta de lazer, doenças e precariedade do bairro. A necessidade de informação e a convivência social entre eles é um dos aspectos importante nos depoimentos dos mesmos:

“A importância do grupo acho que não está em coisas grandes, acho que o grupo ele não é importante por fazer grandes atitudes ele é importante por começar das pequenas coisas né, das pequenas coisas daquelas coisas que agente pensa que não iriam causar grandes mudanças mas que causam, tipo ter mais relacionamento uns com os outros vê, poder a pessoa conversa mais com os outros, o conhecimento vê, são esses atos de conversa de uma brincadeira de outra que a gente vai socializando o jovem vai colocando ele na sociedade vê, pôr meio do grupo que ele vai aprendendo a ser em ser social e sociável vê, que é poder conversar todos, e se comunicar, ter um relacionamento com todos, então em acho que essa característica do grupo de jovem é primordial, todo grupo tem, até nos grupos mais fracos, mesmo que não tenha grandes atividades esportivas, ou torneio todo mês, mas tem aqueles encontros que as pessoas vêem conversam, as vezes um com novidades, bate papo despreende mais o jovem, acho que são de coisas pequenas que o grupo cresce, que ele demonstre que não é preciso bolar grandes idéias pra ajudar,

a sair mais desse mundo escuro que é drogas, pichação, são badernas precisam de soluções bem práticas, retornar a importância das conversas vê, a importância da socialização do jovem mesmo, colocá-lo na sociedade com o pensamento positivo né, porque o que fazem esses grupos de pessoas, esses grupos que a gente um agora, gangue num sei o que eles vão fazendo com o que o próprio jovem se revolte contra a sociedade, que a gente ver que a gente não olhar de fruto e tentar resolver os problemas, encarar, vamos fazer alguma coisa pra mudar não o que esses outros grupos fazem já que a gente não pode ir contra eles então agente vai fazer o que a gente pode. Vai quebrar, vai, vai badernar, pensa que isso resolve. Vai destruir e deturpar a consciência do jovem e a maioria do jovem e a maioria do jovem fazem coisas sem consciência. O grupo tem mais é que ajudar os jovens não em coisas grandes mas em coisas pequenas mesmas". (Adriano, Coordenador do grupo de Jovens, 1994).

Poderíamos a partir deste depoimentos identificar aspectos como a convivência social e o diálogo como elementos importantes para participação do jovens no grupo. Percebe-se nos encontros dos membros o prazer de estar ali conversando, a necessidade de fazer amizade. Nos membros mais antigos nota-se a desenvoltura, e o nível de informação como algo que foi construído na própria dinâmica do grupo.

O ato de fala, o processo de comunicação é incentivado para os mais novos, haja visto que é o diálogo o ponto central de envolvimento do jovens do grupo. Tendo em vista facilitar o envolvimento dos jovens utiliza-se ainda de dinâmicas de grupo, encontros festivos e religiosos, que facilitam aos mais tímidos a inserção no grupo.

O grupo funciona ainda como um espaço de socialização, como um elo de ligação dos jovens com a sociedade. Neste processo de interação substancia-se a noção de direitos que se contrapõe as injustiças sociais:

“Aos poucos vai aumentando a importância do jovem saber a sua posição real na sociedade e que ele é uma pessoa que tem direitos, acho que isso é primordial”. (Adriano , Coordenador do grupo de Jovens, 1994).

Esse processo de aprendizado acontece num contexto de imprevisibilidade no qual o lúdico e o gratuito dão o tom da dinâmica nesse grupo. As conversas informais, as brincadeiras e as pilhérias fazem parte de um ambiente onde o tempo linear apolíneo que define uma rotina diária é quebrada na sua temporalidade. Os projetos e planos bem traçados não têm nenhum significado. Vive-se o Presente.

6.3. A Associação Esportiva Santo André

A Associação Esportiva Santo André é um dos grupos mais antigos no bairro. Participam desse grupo pessoas de todas as idades seja jogando, torcendo ou mesmo dirigindo o clube. As relações afetivas e companheirismo entre os membros é bastante significativa. O lazer é um dos principais objetivos da associação.

Como afirma um dirigente do clube “o Esporte é cultura, arte, lazer e alegria para os moradores do Conjunto São Miguel “. Viver o esporte significa quebrar a rotina dura do trabalho e a ociosidade dos jovens no bairro. O Futebol é emoção e vida para aqueles cujas alternativas de lazer são bastante limitadas:

“Olhe a finalidade da Associação Esportiva Santo André praticamente foi criada em 84, em julho de 84 para melhorar o esporte no conjunto São Miguel. Para não paralisar o esporte no Conjunto São Miguel foi fundada o Santo André Esporte Clube que hoje é Associação Esportiva Santo André. Hoje você sabe que tem muito jovem ociosos e geralmente como assim sábados e domingos que geralmente não tem praticamente o que fazer, sai do serviço, do emprego, e o dia de domingo tem um esporte, um lazer para se divertirem né.

Aonde eles próprios se organizam pra fazer torneio pra que eles tenham a possibilidade de não ficar sem fazer nada.

A importância desse esporte dentro do Conjunto São Miguel é praticamente um campeonato da Liga Esportiva do Genibaú, juntamente com o São Miguel, Associação Esportiva Santo André e Associação Esportiva Promove, são duas equipes aqui praticamente. A Fundação da Associação veio para beneficiar ao jovem e a garota de sete a quatorze anos e quatorze a vinte e um anos. Praticamente são esse jovem que necessitam mais do Esporte. E também nós temos a categoria veterano de tinta e trás a cinqüenta anos. E dessa forma só tem a melhorar o esporte do Conjunto São Miguel".
(Lauro, Presidente da Associação Santo André, 1994)

Aos domingos no campo do bairro o "badalado" Santo André Futebol Clube revela a paixão dos amantes do futebol pelo time do bairro. Torcedores, jogadores e diretores chegam paulatinamente ao campo. Todos se reconhecem enquanto moradores do bairro nos mínimos detalhes. Os jogadores comentam da farrá do dia anterior, e do cansaço do trabalho, tudo em clima de brincadeira. As pilhérias fazem parte de um clima de animosidade que só é quebrado pelo treinador e pelo presidente do time que enfatiza a seriedade da partida.

A competição estimula o grande número de torcedores que se aglomeram as margens do campo. Todos tem algum vínculo de parentesco ou da amizade com os jogadores. Ninguém escapa das pilhérias, dos palavrões desfechados pelos torcedores. Vive-se um misto de momentos de intensa alegria, como outros de raiva e desespero. A vitória é motivo de festa de confraternização entre os jogadores e a diretoria nos botequins do bairro. Na derrota manifesta-se a intriga, o descontrole entre os vários membros. A crítica impiedosa dos torcedores atinge a vida íntima dos jogadores que culpam as noitadas de festas e a bebedeira pelo fraco desempenho dos mesmos. Falam em protecionismo e teimosa do treinador em manter determinados jogadores. Alguns discutem violentamente, outros chegam a chorar de tristeza.

Foto 10

Bola em jogo, os papéis se evidenciam nas entrelinhas do gramado. No campo jogadores compenetrados, cientes das responsabilidades de vencer a partida e escapar das críticas dos fiéis torcedores. A vitória representa o reconhecimento dos torcedores e a confraternização com os demais. As margens da lateral do campo o treinador e presidente atentos ao desempenho de cada jogador. O passe errado resulta num palavrão ou numa crítica severa. Em alguns casos a substituição é inevitável. O treinador tem ao seu lado dezenas de torcedores que o cobram firmeza, na condução correta do time, que o criticam, que fazem molecagem das suas atitudes de desespero, e que vibram ao seu lado com a satisfação do gol. Em meio aos torcedores algumas crianças, velhos e mulheres aproveitam a ocasião para vender dim-dim, água, coxinhas aos sedentos torcedores e jogadores. Segundo os vendedores este trabalho informal lhes garante o dinheiro do cigarro e ajudam na complementação da renda familiar, mas também representa o lazer nos finais de semana:

“Eu gosto muito e tenho muito prazer em vim pra cá, na semana a gente trabalha e quando e nos domingos pra gente si divertir porque o lazer que nós temos é esse e a gente admira muito. Tanto aqui quanto pra fora eu acompanho sempre pra todo canto que vai. Então a gente tem um prazer quando é dia de domingo a gente tá aqui é chovendo, é fazendo sol, é tudo. Agora quando o Santo André perde em fico com uma tristeza tão grande que na minha mente sai lá, eu gosto muito dele. Eu gosto porque é uma diversão que nós temos. Os jovens são muito delicado, muito respeitador, me ajudam muito. Eu vendo dim-dim, vendo água, pinga, café e eles sempre me ajudam, e portanto, é por isso que eu gosto”.
(DONA SEBASTIANA, VENDEDORA E TORCEDORA DO SANTO ANDRÉ FUTEBOL CLUBE, 1994)

A identificação dos jogadores, torcedores e diretoria acontece num contexto de reconhecimento no bairro. A moçada faz parte do pedaço vive-se o cotidiano no bairro. O domingo para os que trabalham toda semana, é o dia do lazer sagrado e sacramentado.

“Pra mim o futebol representa muita coisa, é o meu ponto de lazer, é a coisa que eu gosto, é em divertir aos domingos, e o meu divertimento maior é a bola. Eu me sinto muito emocionado no jogos aos domingos para que eu possa participar junto com meus amigos, para que a gente possa fazer em divertimento bom a agradável. O esporte pra nossa comunidade representa muita coisa porque através do esporte a turma se anima mais, e participa melhor ao futebol e muitas outras coisas. Mas o futebol se torna melhor porque eu posso participar bem e melhor sem ter outras coisas prejudicial. A participação do futebol no bairro é uma coisa que pode ajudar muito e pode preservar o nosso futuro. Através do futebol a gente participa, a gente chega a um futuro melhor. A semana é só de trabalho e o domingo é muito importante, por que é só o dia de se divertir. É através do futebol que é a coisa melhor e chama mais a atenção da gente.” (Moésio jogador do Santo André Futebol Clube, 1994)

O esporte vem preencher o espaço da falta de lazer no bairro. Diante da falta de opções devido aos baixos salários, a alternativa é viver com os seus pares. Busca-se o prazer no próprio espaço de moradia.

“As pessoas vem porque é só o lazer que a gente tem, a gente não tem dinheiro pra levar um filho da gente a um shopping, então ali já fica mais afastado e a gente é assalariado, é o lazer da gente, é isso aqui, e a noite lá na quadra vê os meninos batendo um bolazinha.

Se não fosse os jogos, eu ia ficar em casa curtindo a antipatia dos meus menino que é muito chato e quando meu marido bebê, eu saio mais para variar. Da pra variar. Quando chego em casa a janta tá pronta, vou jantar, tomar banho dormir e pensar na segunda. Na segunda é dia duro. Rapaz tem que ter o trabalho que é pra gente ganhar uma grana, e o lazer também tem que ter que é pra gente dá um as rizadinhas, achar bem, brincar, se divertir. Se não fosse isso, Ave Maria a vida era muito triste”. (Miron, Vice-Presidente da Associação esportiva Santo André, 1994)

A fuga da rotina massacrante do dia-a-dia, da monotonia que contabiliza as horas os minutos, os meses, associada de forma assimétrica a vontade de viver, de rir, de sonhar. O domingo é esperado com ansiedade, como o sopro de vida diante da fadiga de um cotidiano mortificado pela rotina do trabalho duro no comércio, na construção civil, no trabalho doméstico:

“Ave Maria gosto do Santo André, é minha vida. Chega o domingo meu Jesus Cristo, me ajude a chegar o domingo pro meu esporte para ir a campo. Quando ganha a gente fica muito alegre, se abraçando um com os outros”. (dona Sebastiana, vendedora e torcedora do Santo André, 1994)

O desejo de estar junto no pedaço com os amigos fazendo o que se gosta reforça os vínculos de solidariedade. A comunidade, o bairro, os torcedores são os espectadores de um espetáculo onde os atores tem histórias comuns:

“É importante jogar aqui no bairro, porque em moro aqui junto com a moçada, a gente faz um lazer melhor, um esporte mais conveniente, porque é bem uma família né, participa tudo junto, tudo unido, quem se liga mais no esporte, não pega droga.

Dia de jogo a comunidade tenta dar força pra gente, pra gente continuar esse futebol e pedindo a força de alguém da comunidade ou outras pessoas maiores do que eles que traga mais, que dê mais motivação pra gente continuar durante o futebol”. (GOMES, jogador aspirante do Santo André Esporte Clube, 1994)

A torcida vive cada momento da partida em clima de euforia, de brincadeira. As pilhérias antes e no decorrer da partida demonstra a intimidade entre torcedores e jogadores. A cada passe errado ouvi-se o descontentamento dos torcedores que se manifestam com palavrões e vaias. Juntam-se as margens

do campo familiares, os amigos e namorados que vibram, discutem e brincam durante os oitenta minutos da partida:

“A participação da população é muito bonita porque vão ao campo. Hoje tá se tornando mais fácil a participação da torcida de um lado, de outro como dos atletas porque leva suas famílias, leva aquela meninada, aquela moçada toda praticamente para torcer exatamente a favor daquele time. Inclusive a Associação Esportiva Santo André tem uma torcida muito grande. Uma torcida em nossa, quando tem um final de campeonato ele praticamente comparece em nossa. Essa é uma verdade, e que quando existe os jogos no campo do Santo André praticamente existe uma influência muito grande da torcida, porque sabe que lá jogando em casa e sempre, lembra-se muito da equipe. Então a equipe para se desdobrar e mostrar aquilo que ela sabe, ela mostra dentro de campo, jogando bola e dando a vitória para aquela torcida”. (Louro, presidente do Santo André, 1994)

Esse cenário de ambigüidade entre torcedores, jogadores e diretores não está isento de um processo de hierarquização. Destacam-se nesse contexto lideranças que ocupam lugares de destaque no processo de negociação política. Isto se torna mais visível nos períodos político-eleitorais com a presença de políticos e de dirigentes que se lançam candidato a cargos eletivos. Essa rede de interesses e hierarquização está submerso no discurso da participação:

“A gente tá, começando a se organizar através de uma diretoria, tá começando agora. A gente já tem um bom começo de uma sede, vizinho ao campo do São Miguel, uma organização de jogadores e moradores. O Santo André é um time de moradores, não tem dono, o dono é os moradores de lá, é uma grande organização a gente tá tentando formar”. (Miron, Diretora da Associação Esportiva Santo André, 1994)

A organização do futebol que reproduz o processo de hierarquização perpassa a idéia de disciplina e controle da violência dentro e fora do campo. O

cotidiano de brigas, tiro é quebrado diante da força do Esporte. A disputa dá lugar ao bom senso e a responsabilidade:

“Nós temos a diretoria, presidente, vice-presidente, tesoureiro e assim por diante. A gente se reúne de 15 em 15 dias, ou de 20 em vinte dias. Nessa reunião a gente discute a maioria do esporte. Como está o esporte no conjunto, como esta a disciplina no esporte, porque aqui a dois ou três anos era uma violência tamanha, era pancadaria era faca, tiro essas coisa existia dentro do esporte porque o pessoal não tinha aquelas pessoas de responsabilidade para assumir as equipe. Hoje eu agradeço essa liga do Parque Genibaú para dar início a esse campeonato todos os anos no dia 1º de abril. Quando começa o campeonato. Tanto aqui como em outros bairro as ligas é uma importância muito grande e traz ao esporte.

A violência era dentro do campo, era fora, as torcidas não era unida. Hoje já se torna mais esportivo em termos do time saber perder e saber ganhar, por que você sabe que a equipe entrando dentro de campo ele tem três objetivos: ganhar, empatar e perder. Então assim como a equipe sabe ganhar e empatar, ela tem que saber perder e se ela perdem é por que ela não alcançam aquele objetivo de vitória. Então, aquela outra equipe, ela teve mais possibilidade de vitória, jogou mais e jogou melhor e geralmente ele teve oportunidade legal e aproveitou”. (Lauro, Presidente da Associação Esportiva Santo André, 1994)

Essa pseudo harmonia desfaz-se no momento da derrota. Percebe-se o descontrole e o descontentamento dos torcedores com a diretoria que toma forma na figura do Presidente que passa a ser alvo de severas críticas. As intrigas vem a tona, forma-se uma cadeia de bate-boca nos bastidores do campo:

“As vezes a gente até discute entra em atrito, é uma grande expectativa pra quem gosta, conversando uns com os outros, quando a gente perde eles chateiam e tem uma grande expectativa”. (Miron, Diretora da Associação Esportiva Santo André, 1994)

Este é o cenário de um jogo em que estão em disputa interesses, necessidades e afetividades. O roteiro é escrito no transcorrer do próprio fluxo da vida, neste sentido ele retrata o cotidiano com toda a sua sede de viver o presente aqui e agora.

VII. REFLETINDO O CAMINHO PERCORRIDO: resultados da pesquisa e a principais conclusões

“Será indispensável descrever longamente , ao lado da condição dos jovens e da juventude, dos estudantes e dos intelectuais, dos exércitos de trabalhadores com ou sem colarinho e gravata, dos interioranos, dos colonizados e semi-colonizados, de toda espécie, de todos aqueles que sofrem a ação de cotidianidade bem ordenada, será necessário mostrar aqui a miséria e irrisória e sem nada de trágico do habitante, dos suburbanos, das pessoas que moram nos guetos residenciais, nos centros em decomposição nas cidades velhas e nas proliferações perdidas longe dos centros dessas cidades? Basta abrir os olhos para compreender a vida cotidiana daquele que corre de sua moradia para estação próxima ou distante, para o metrô superlotado, para o escritório ou para a fábrica, para retomar a tarde o mesmo caminho e voltar para casa afim de recuperar as forças para recomeçar tudo no dia seguinte. O quadro desta miséria generalizada não poderia deixar de se fazer acompanhar pelo quadro das “satisfações” que a dissimulam e que se torna os meios de eludi-la e de evadir-se dela”. Henry Lefebvre

Chego ao final da pesquisa desconfiado do ritmo das mudanças que vão ocorrendo no decorrer do longo e cansativo trabalho de coleta e análise da informações no cotidiano dos moradores. A vida no bairro transcorre como se o tempo linear dos meses, dos dias, das horas, dos minutos girasse em torno de si mesmo. O eterno retorno da rotina diária é marcante. O percurso entre o trabalho e a casa. O lazer e as bebedeiras nos finais de semana. Os eventos lúdico-religiosos e festivos que se repetem a cada novo ano. As reivindicações no bairro que permanecem as mesmas diante das demoradas negociações com os poderes. Tudo parece continuar ciclicamente.

O peso do cotidiano no ritmo das mudanças é notável. Os grupos e movimentos no bairro buscam de todas as maneiras interferir nessa monotonia diária que se cristaliza entre o trabalho, a casa e o bairro. Busca-se no espaço coletivo através do lazer, das reuniões, das reivindicações, das palestras, das festas e do lúdico quebrar o individualismo da vida privada. A rua, os espaços coletivos, a praça são ocupados pelos grupos invertendo a lógica massificante e homogeneizadora que se impõe ao “bom cidadão”, comportado, ordeiro, amante do trabalho.

A fuga do cotidiano, da massificação e da homogeneização dos gestos, dos desejos, do festivo, do lazer através da dinâmica sócio-cultural no bairro que vão se estabelecendo através dessas redes de sociabilidade entre os moradores é percebida no espaço público da cidade nos momentos de crises e sobressaltos. No mais o aprendizado é um achado na própria convivência diária, nas conversas, nos encontros, nas festas, nas negociações com os poderes. Essa experiência adquirida é motivo de orgulho. Aprender a se deslocar pelos meandros institucionais. Conhecer novas pessoas nos diferentes bairros da cidade. Os pic-nics e torneios esportivos nas praias do interior. Os encontros entre os jovens de bairros diferentes. As informações adquiridas no processo de comunicação direta. A troca de experiência entre os diversos grupos vão constituindo uma consciência que extrapola a cotidianidade.

Os diferentes grupos possuem características próprias na sua dinâmica e na sua inserção no bairro. Alguns aspectos se destacam na constituição dessas redes de sociabilidade no bairro. O lazer enquanto espaço de socialização e constituição de laços afetivos entre os moradores. As relações de vizinhança entre os moradores facilitando processos de interação no bairro e criando vínculos de amizade e companheirismo, mesmo diante dos conflitos latentes existentes. As relações que se constituem por vínculos etários e biológicos como os grupos de jovens e idosos. A busca de melhores condições de vida diante da situação precária do bairro. A integração de experiências nos diferentes bairros da cidade. Isso certamente está permeado pelas diversas mediações institucionais que atuam no bairro como a igreja, e o Estado. É nesta teia de relações que os diversos grupos e movimentos vão construindo a sua identidade no bairro.

Nesses espaços os diversos atores vão estabelecendo processos comunicativos. A experiência conta muito na definição da posição dos atores na hierarquia de cada grupo. A experiência anterior em outros movimentos e grupos é motivo de destaque para exercício da liderança. A capacidade de articulação verbal é outro componente que pesa no momento da definição do processo de hierarquização nesses grupos. No entanto, para alguns moradores o importante é participar junto com os seus pares no pedaço onde vive das festas, dos encontros, dos passeios, dos torneios e pic-nics, esta contribuindo com a melhoria do bairro.

As reuniões dos grupos demonstram que os laços afetivos que agregam os moradores nesses movimentos e grupos não diluem os conflitos e as contradições existentes. Percebe-se nos grupos observados que o processo de hierarquização formal ou informal gera conflitos entre os seus integrantes. A disputa pelo poder, o paternalismo das lideranças, que buscam resolver isoladamente as reivindicações do bairro, o clientelismo muito utilizado nos período político eleitorais pelas lideranças dos grupos, a manipulação dos participantes, as negociações políticas sem consentimento do grupo, o interesse e a vaidade pessoal. Isto ocasiona pequenos conflitos como intrigas, fofocas, descontentamentos que geram dissidências dentro dos grupos. Esse conflitos e contradições são mais patentes na associação dos moradores. No grupo de jovens e na associação esportiva estas relações estão diluídas no discurso e na prática dos participantes.

Essas redes de sociabilidade que vão dando forma aos grupos e movimentos no bairro, estão interrelacionados as diversas estratégias de intervenção das instituições políticas, religiosas e econômicas que atuam no cotidiano dos moradores. O Estado é um ator sempre onipresente e ausente nas diversas formas de entendimento no bairro participando ativamente no cotidiano dos grupos. Intermendiando as reivindicações, participando das reuniões e eventos promovidos pelos grupos num processo contraditório de reconhecimento dos grupos e legitimação dos poderes.

A religiosidade possibilita a participação da igreja católica na vida cotidiana dos moradores mesmo que o direcionamento da paróquia local seja de cunho conservador. A atuação se deve a uma necessidade de divulgar o cristianismo nos espaços de convivência no bairro do que criar formas de organização entre os moradores. As ações se dão por meio das pastorais e da catequese atingindo sobretudo os jovens do bairro. As festas do padroeiro e as novenas no mês de maio são momentos de intensa religiosidade entre os moradores fortalecendo vínculos entre os moradores e legitimando a atuação da igreja católica.

As igrejas evangélicas Assembléia de Deus e Deus é Amor a cada ano vem ampliando o número de fieis no bairro. A atuação junto aos jovens com

cultos exclusivos para juventude em dias específicos. As visitas constantes a casa dos moradores numa tarefa incansável de convencimento. Os cultos ao ar livre nas diferentes ruas do bairro tem contribuído para o crescimento dessas igrejas no conjunto.

É bastante perceptível tanto nos discursos quanto na prática dos moradores uma crescente individualização no bairro que começa a afetar diretamente nas redes de sociabilidade no bairro. Isto certamente interfere na dinâmica dos próprios grupos e movimentos existente. A fragmentação e diferenciação por que passa a sociedade global e a tentativa de massificação e homogeneização da vida privada se impõe no cotidiano alterando certamente costumes e crenças e redefinindo regras de convivência entre os moradores.

É neste contexto que o bairro está inserido no cotidiano da cidade. Os diferentes atores do bairro são figuras de um teatro coletivo comum nos diferentes lugares da cidade. O cidadão desconhecido na multidão de passantes que transitam no coração dos centros urbanos-industriais é o mesmo que no bairro vive a sua cotidianidade no pedaço onde mora compartilhando com os seus vizinhos, amigos e inimigos as opressões, a rotina, as dificuldades do dia-a-dia.

O quadro de pessimismo diante da exploração em que vive não sufoca a criatividade e a capacidade de improvisar e criar novos espaços de sociabilidade. O lúdico, a irreverência, a desordem, a relutância em sucumbir no cotidiano contrasta com tolerância, a resignação e o fatalismo tão comuns a nossa identidade cultural. A esperança parece ser uma forma de resistência dessas camadas sócias que vivem na periferia das grandes cidades. Acredita-se que um dia as coisas ainda podem mudar.

A momentos em que a vida toma forma de maneira inesperada. São sopros de vida que demonstram uma vontade de viver o presente, aquele instante em toda sua intensidade. A cachaça é o elemento que o transcende para uma relação cósmica de simbiose entre o deus da orgia e o mundo vivido. Michellet ao estudar o populacho em 1827 percebe essas relações de maneira extraordinária “Essa multidão não é má em si. Suas desordens derivam em grande parte de sua condição, de sua sujeição à ordem mecânica que, para corpos vivos, é ela própria

uma desordem, uma morte , e que por isso provoca, nos raros momentos de liberdade , violentos retornos a vida” (Michellet, 1988: 56)

As mudanças nos valores estão relacionadas ao próprio cotidiano dos moradores. Os indícios de constituição de uma nova cultura e a capacidade atribuída aos grupos de estarem criando novos espaços de sociabilidade só é possível quando são considerados os seus limites e perspectivas. As mudanças ocorrem no campo das micro-relações nos espaços sócias vividos pelos grupos. O aprendizado diário de conhecer novas experiências, a noção de direitos que vai desnaturalizando as carências vividas pelos moradores, os vínculos de solidariedade que se vai construído dia-a-dia, o espaço de conversação que envolve troca de opinião, a resistência que quebra o conformismo presente na resignação e no fatalismo que se expressa na esperança em dias melhores. Tudo acontece de forma muito fugaz. As contradições e as ambigüidades estão sempre presentes numa dupla relação resistência/conformismo, Tolerância/esperança, amolecer/radicalizar, seriedade/ludicidade. A dualidade é a marca das pequenas mudanças no cotidiano dos moradores e dos grupos e movimentos no bairro.

O cotidiano do bairro na visão dos moradores é uma muralha difícil de transpor. É no espaço da rua onde se concentra o poder, as decisões, os poderosos, o governos, os doutores, muito distante da periferia. O bairro é o espaço onde o indivíduo é reconhecido, é ai que encontra formas de expressas os seus desejos, a sua criatividade, a sua opinião nos diferentes espaços de sociabilidade. Na cidade predomina a impessoalidade. No bairro da periferia as relações de afetividade são criadas e recriadas quotidianamente.

As formas de sociabilidade vivenciadas pelos moradores nos grupos e movimentos no bairro estão permeadas pela formação cultural vividas pelas classes sócias excluídas, que vivem na periferia. A resignação diante da situação de opressão e miséria no qual esta inserido, a tolerância como forma de escorregar por entre as relações de desigualdade que leva ao conformismo estão enraizadas na concepção dos moradores e dos grupos. Isto não implica que os moradores encontrem formas de expressar no cotidiano os seus desejos e aspirações, os seus anseios de melhores dias, de expressar o seu lado festivo e de resistir ao controle imposto pelos meios sistêmicos, que buscam por todos os meios

enquadrar corpos e mentes a lógica do mercado e do lucro. É difícil para os moradores manter a tradição e os valores numa sociedade desta natureza como nos ensina Bosi.

“Como poderia a tradição se alimentar numa sociedade de mercado internacional? Os valores antigos, religiosos, artísticos, morais, lúdicos, que o capitalismo encontra, são consumidos até os ossos e transformados em mercadorias para o turismo, propaganda para TV . São rebaixados a objetos da curiosidade do expectado urbano. Como poderia tal tradição desgastada ser o amparo dos que foram despojados de seu único saber? Só os laços comunitários nascidos a despeito dessas relações, só uma praxes de solidariedade entre os espoliados, poderia criar novos valores”. (Bosi, 1979: 317)

A luta por direitos ao lazer, a cultura, por melhores condições de vida, por saúde em que os grupos vão desnaturalizando as carências vividas no bairro de certa forma vão criando espaços e os valores que vai moldando um modo de vida dos moradores do Conjunto São Miguel.

Tudo se movimenta de forma quase imperceptível, as contradições estão envoltas num ambiente de ambigüidades. A consciência dos direitos, não implica que os moradores e os grupos deixem de negociar com políticos oportunistas que aparecem no bairro em busca de votos, de amolecer diante da frieza e da rigidez da burocracia, de ajeitar as coisas diante da possibilidade de conseguir uma melhoria para o bairro ou mesmo para o grupo. A liame entre a negociação e a resignação diante dos poderes, dos políticos, dos doutores é muitas vezes difícil de perceber.

A resistência pode ser o limite entre o fatalismo e a resignação. Quando este limite é quebrado pode-se enfrentar face a face um representante do Estado cobrando as melhorias para o bairro. Cobrar as promessas prometidas por políticos. Rejeitar a presença dos técnicos nas reuniões e encontros dos moradores. Destituir lideranças corruptas da direção da associação dos moradores.

Outra forma de resistência esta na esperança em dias melhores para o bairro, estão sempre acreditando que as coisas um dia vão mudar.

O modo como os moradores vão organizando o seu modo de vida de certa forma influenciam na dinâmica societária dos grupos existentes no bairro. Poderíamos enfatizar pelo menos duas formas de sociabilidade vividas pelos moradores nos seus grupos de referencia e convivência. Uma primeira onde em que a sociabilidade se expressa pelo conteúdo político, onde a socialização voltada para as lutas reivindicativas e a ocupação dos espaços institucionais é uma característica marcante da associação dos moradores. Nesse grupo o processo de socialização é construído levando em consideração as carências vividas pelos moradores que tomam a forma de reivindicações por direitos aos bens de consumo coletivo necessários a reprodução do mundo da casa e do bairro. A identidade desse grupo esta relacionada ao reconhecimento e a legitimação das lutas por melhorias para o bairro e a ocupação dos espaços institucionais.

Internamente os espaços de sociabilidade se caracteriza pela busca de ações conjuntas marcadas pelo dupla relação entendimento/conflito. As reuniões e assembléias são palco de extensas discussões que geralmente terminam em acirradas disputas. Isto tem causado o afastamento dos moradores da associação que reclamam da falta de dialogo entre as lideranças do bairro. Essa parece ser uma característica da grande maioria dessas formas de organização na periferia de Fortaleza, o esvaziamento das reuniões em função das disputas internas e da forma rígida com que as lideranças organizam esses movimentos. O lado lúdico e festivo presentes na nossa cultura não é levado em consideração pelos agentes e pelas lideranças populares

“Tanto os atores sociais como os movimentos populares sofrem um certo “desumanismo”, têm eles uma racionalidade sábia provinda do sofrimento e da miséria; mas falta-lhes uma dose de transcendência da realidade; falta-lhes um pouco de alegria, de dança e da poesia. Na verdade, há uma esperança/ utopia que rompe a crueza da vida, em busca de uma democratização das relações. O subjetivo pessoal e sócial tem sido proposto. E o brasileiro - mesmo na dificuldade - sem um pouco de jeitinho, de festa e de bagunça, não é brasileiro. É este o impasse onde com freqüência fracassam sonhos e

propostas de mudança social. Faz parte do caráter brasileiro, da brasilidade, um “jeito malandro” de levar a vida - sofrida - com um pouco de graça e de coração, de sentimentos e desejos inúteis.” (Ribeiro, 1994: 89)

A sempre a um meio termo enraizado na nossa cultura é possível chorar e sorrir, amar e viver dando “jeito”, “dando volta por cima” , relacionando, sonhando e somando. Jamais excluindo totalmente as oposições, criando com isso novas zonas e valores ligados à alegria, ao futuro e à esperança, mesmo que seja a de continuar eternamente condenado a ser um país do futuro. Os grupos voltados para o lúdico e o festivo do bairro parecem esta mais sintonizados com essas características da nossa identidade.

Os grupos de jovens e a associação esportiva ao contrário da associação dos moradores construíram sua identidade a partir da sociabilidade onde o religioso, o festivo, o lúdico são elementos de interação e legitimação desses grupos. Os vínculos afetivos são construídos no futebol, no teatro, nos encontros, nos passeios e pic-nics que vão reforçando as relações de companheirismo que perpassa a idéia de uma confraternização onde as relações de simetria sobrepõe-se aos conflitos.

Heis portanto o cenário do teatro da vida onde os atores representam a vida cotidiana que esta presente na rotina de todos aqueles que vivem na periferia das grandes cidades. Ninguém consegue escapar dos afazeres do dia-a-dia do trabalho, do lazer, do ócio e da vida comunitária que vai moldando a vida das pessoas e dos grupos de acordo com a divisão das classe sócias. O modo de vida dessas populações estar permeada pelo pluralismo e pela violação, pela mística e pela racionalidade. Em meio a miséria, ao sofrimento e a falta de recursos, ainda assim as classes populares são capazes de rir e cantar, de beber e dançar, de ser solidário. De acordo com Ribeiro (1994) o festivo pertence à identidade desta gente que é pobre, plural, sofrida , esperançosa, oprimida e crente.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ARARÃO, Lúcia, M^a de Carvalho. Razão comunicativa e teoria social em Jurgen Habermas. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro 1992. P. 146.
- BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. Incômodos hóspedes? Notas sobre a participação da Igreja e partidos políticos nos movimentos sociais urbanos em Fortaleza, Séries Estudos e Pesquisa, Núcleo de Estudos e Pesquisas Sociais, Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. nº 3, nov/85. P. 24.
- BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. Esse objeto movimentos urbanos: novas e velhas querelas. Trabalho apresentado no XII Encontro Anual da ANPOCS e publicado em Nordeste, o que há de novo. Natal, 1988. P. 20.

- BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. O reverso das vitrines. Conflitos urbanos e cultura em construção. Rio de Janeiro, Rio Fundo. P. 180.
- BRAGA, Elza Maria Franco & BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. A política da escassez: Lutas urbanas e programas sociais governamentais. Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha/ STYLUS Comunicação. 1991. P. 294.
- BETTO, Frei “Comunicação popular e Igreja”. In: UVAA - Comunicação popular, e alternativa no Brasil. São Paulo, Edições Paulinas. P. 99-117.
- BOFF, C. Como trabalhar com o povo - Metodologia do trabalho popular. 8ª ed. Rio de Janeiro, Vozes. P. 118.
- CARVALHO, Cyntia Paes de. Favela e as Organizações Comunitárias. Rio de Janeiro, Vozes, 1994, P. 118.
- CHAUÍ, Marilena. Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil. 4ª ed. São Paulo, Brasiliense. 1989. P. 179.
- CACLINI, N. Garcia. “Gramsci e as culturas populares na América Latina”. In: Gramsci e a América Latina. São paulo. 1988. P. 61-85.
- CARDOSO, R. L. Movimentos sociais da América Latina. Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), São Paulo. 1987. P. 27-38.
- CASTELLS, Manuel. Lutas urbanas e poder político. Porto, Portugal. 1976.
- CERRONI, U. Teoria do partido político. São Paulo, Ciências Humanas. 1982. P. 74.
- CONCEIÇÃO, F. A luta dos moradores de uma favela. Cadernos CEAS, v. 84, 3 mar-abr. 1983. P. 33-44.
- CORDEIRO, , Maria Celeste Magalhães, CEBs: Uma nova Sociabilidade? Tese de mestrado, UFC, Fortaleza.
- DIOGENES, Gloria M. dos S., O “Eu” e o “Outro”: A Constituição da Identidade nos Movimentos Sociais, Tese de Mestrado, UFC, Fortaleza.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. A sociedade vista da periferia. In: As lutas sociais e a cidade, Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1988. P. 169-207.
- DURHAM, E. R. A construção da cidadania. Novos Estudos. São Paulo, v. 10 Out. 1984. P. 24-30.

- DURHAM, E. R. "Comunicação e elaboração cultural nos pequenos grupos". In: Comunicação e consciência crítica. São Paulo. 1979. P. 25-35.
- EVES, T. A face oculta dos movimentos sociais. Novos Estudos. São Paulo, v. 2, abril 1984. P. 11-23.
- FAUSTO, Ruy. Marx: lógica e política. Tomo II, Brasiliense, São Paulo. 1987. P. 331.
- FREITAG, Bárbara. A teoria crítica ontem e hoje. São Paulo, Brasiliense. 1986. P. 184.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Guanabara. 1989. P. 163-205.
- GRAMSCI, A. Concepção dialética da história. 7ª ed. Rio de Janeiro. 1987. P. 341.
- GRAMSCI, A. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1968. (Coleção Perspectivas do Homem).
- GRUPPI, L. Tudo começou com Maquiavel: as concepções de Estado em Marx, Engels, Lênin e Gramsci. 8ª ed. Porto Alegre, L & PM Editores. 1987. P. 93.
- HELLER, Agnes. O Cotidiano e a História. Rio de Janeiro, 1989, P. 121
- HAGUETTI, A. Consciência de classe do trabalhador urbano: ensaio de interpretação sociológica. Trabalho de pesquisa apresentado ao Mestrado de Sociologia do Desenvolvimento, da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1983. P. 98.
- HABERMAS, Jurgem. Teoria de la acción comunicativa I e II, Racionalidad de la acción y racionalización social. Madrid, Taurus. 1987. P. 517.
- JEAN, Lojkins. O Estado capitalista e a questão urbana. São Paulo, Martins Fontes. 1981. P. 337.
- JEAN, Lojkins. "A propósito dos movimentos sociais urbanos". Rev. de Ciências Sociais. Fortaleza, v. 16/17, nº 112, 1985-86. P. 1-28.
- KOWARICK, Lúcio. As lutas sociais e a cidade: repensando um objetivo de estudo. In: As lutas sociais e a cidade. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1988. P. 17-29.
- KOWARICK, Lúcio. A espoliação urbana. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1979. P. 202.

- LEFEBVRE, Henry. O Direito a Cidade, São Paulo, Moraes, 1991, P. 145.
- LUCAKS, G. “As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem”. Rev Temas, nº 41, out/ 1978. P. 1-18.
- LEFEBVRE, Henri. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo, Ática. 1991. P. 216.
- LEFEBVRE, Henri. História e consciência de classe. Porto Publicações Escorpião. 1974. P. 378.
- MICHELET, Jules. O Povo, São Paulo, Martins Fontes, 1988, P.231.
- MARX, K. Manuscrito econômico e filosófico. São Paulo, Abril Cultural. 1978. P. 3-48 (Coleção os Pensadores).
- MESCOLOTO, E. L. PT e os desafios do movimento popular. Movimento Popular, v. 1, nº 8, mar-1989. P. 56-60.
- MUNFORD, Lewis. A cidade na história. Belo Horizonte, Itatiaia, v. 2, 1965. P. 783.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo. Movimentos populares e conhecimento científico. Mimiografado. 1991.
- PONTE, Sebastião Rogério. Fortaleza Belle Époque, Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha/Mutigraf, 1993, P. 208.
- PORTO, Eymard. Babaquara, Chefetes e Cabroeira. Fortaleza Início do Século XX.
- PENHA, Maura. O que faz ser nordestina. Identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina. São Paulo, Cortes. 1972. P. 180.
- POLLAK, Michel Memória. Esquecimento, silêncio. Estudos Históricos - Associação de Pesquisa e Documentação Histórica - Cpdoc/FGV, Rio de Janeiro, v. 2, nº 3. 1989. P. 3-15.
- PORTELLI, H. Gramsci e a questão religiosa. São Paulo, Edições Paulinas. 1984. P. 230. (Coleção Sociológica e Religião).
- PAOLI, Maria Célia. “Conflitos sociais e ordem institucional: cidadania e espaço público no Brasil do séc. XX”. Rev. OAB, Brasiliense, nº 53, São Paulo. 1989. P. 80-92.

- SADER, Eder. Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos moradores da grande São Paulo. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1988. P. 329.
- SIEBENEICHLER, Flávio B. Jurgem Hebernas - Razão comunicativa e emancipação. 2ª ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro. 1990. P. 181.
- SILVA, J. B. da. Movimentos sociais populares em Fortaleza - uma abordagem geográfica. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de São Paulo - FFLA. Departamento de Geografia. São Paulo. 1986. P. 268.
- SIMMEL, Georg. Problemas metodológicos fundamentais. São Paulo, nº 34, 1983. P. 46-89. (Col. Ática Grandes Cientistas Sociais).
- SODRÉ, N. W. Síntese da história da cultura brasileira. 3ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 1974. P. 136. (Coleção Retratos do Brasil).
- SHERER - WARREN e J. KRISCHKE, Paulo (org.). Uma revolução no cotidiano? Os novos movimentos sociais na América do Sul. São Paulo, Brasiliense. P. 297.
- TELLES, Vera da Silva. Questão social e cidadania. XV Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais - ANPOCS. Mimiografado. 1991. P. 25.
- WEBER, Max. Economia e sociedade. Brasília, Universidade de Brasília. 1991. P. 422.
- ZENTENO, Raul Benitz. As classes sociais na América latina. Paz e Terra, Rio de Janeiro. 1977. P. 286.